EDIÇÃO DUPLA DE ANIVERSÁRIO

BIZZ

EDITORA AZUL

GRÁTIS!

1º VOLUME DE UMA SÉRIE REPRISANDO OS MELHORES MOMENTOS DOS NOSSOS 7 ANOS DE VIDA

5564 • JULHO 1992 • ANO 08 • nº 7 • EDIÇÃO 84 • Cr$ 11.400,00

IRON MAIDEN NO BRASIL!!!

Bruce Dickinson faz uma prévia da tour

EXCLUSIVO

ROCK BRASIL 92

NA ESTRADA COM PEARL JAM

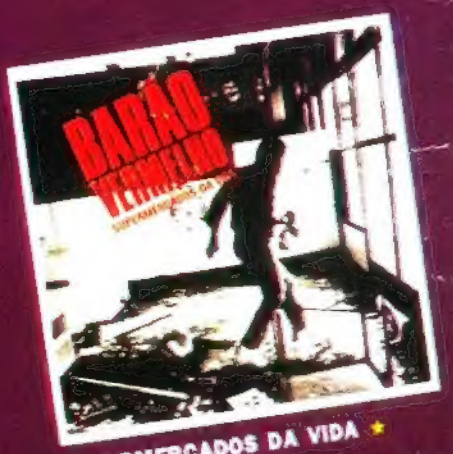
O SUSTO DO SUCESSO

SLAYER • THE FARM • KORZUS EM LONDRES • LIVE • QUEEN

GRANDES SUCESSOS DE LETRA

E MÚSICA.

TUDO AO MESMO TEMPO AGORA ★
TITÃS



SUPERMERCADOS DA VIDA ★
BARÃO VERMELHO

O MUNDO ENCANTADO DO
ULTRAJE A RIGOR

STARS ★
SIMPLY RED

BLOOD SUGAR SEX MAGIK ★
RED HOT CHILI PEPPERS

RUSH ★
ERIC CLAPTON

A Warner dedica alguns dos seus maiores sucessos a você e a todo mundo que curte o melhor da música. E aproveita para dar os parabéns à Revista Bizz, que há 7 anos vem dando a maior força para quem toca e para quem ouve. Agora que a Warner já fez esta homenagem com todas as letras, passe na loja e compre as músicas.

WARNER MUSIC

Parece que foi ontem... ou parece que foi há uma eternidade? Este mês a BIZZ comemora sete floridas primaveras — e como as coisas mudaram neste meio tempo.

O legal é que elas mudaram para melhor. Em 90, a capa da edição de aniversário foi Madonna; em 91, o R.E.M. — ambos figurões há muitos e muitos anos. Desta vez, temos o prazer de destacar na capa uma banda novíssima, o Pearl Jam — capturado *on the road* na Holanda (por Laurie Spencer, da revista americana *Spin*) e ao vivo em Los Angeles (por José Emilio Rondeau), respectivamente nas páginas 20 e 46.

Outro sinal desta evolução: o dilúvio de novas bandas brasileiras promissoras, que começamos a mapear na matéria Rock Brasil 92 (pág. 31), um esforço de reportagem que envolveu uma pá de colaboradores espalhados por todo o Brasil — e mesmo assim ainda é só uma introdução ao que vem chegando por aí. Mês que vem, continuamos.

Mais legal ainda é poder dar um presente para nossos fidelíssimos leitores, que continuaram comprando a revista mesmo durante essa crise tenebrosa. A partir desta edição e também nas de agosto e setembro você vai ganhar o suplemento *The Best Of BIZZ*, com — lógico — o melhor que já publicamos. A primeira parte traz as melhores entrevistas da BIZZ.

Nestes três meses, quem é leitor de longa data vai rememorar os bons e velhos tempos; e quem conheceu a revista de 90 para cá (a maioria de vocês, segundo as nossas pesquisas) vai poder ler o que saiu de mais interessante em números esgotados há anos.

Bom divertimento, obrigado pela força e... até agosto!

Rock & Quadrinhos Scans

Roberta Price

Foto de Capa: Sony

6 **SHOWBIZZ**
Começa o Lollapalooza 92

12 **FAST FORWARD**
Live, Farm, Korzus e a nova Motown

26 **IRON MAIDEN**
Metal clássico detonando no Brasil

31 **ROCK BRASIL 92**
De volta para o futuro

40 **DEEE-LITE**
Festa politicamente correta

42 **JUKEBOX**
The Honeycombs

44 **DANCE MUSIC**
Garage, Army Of Lovers

46 **AO VIVO**
Pearl Jam, L7 e Fugazi!

51 **DISCOS**
Slayer, Ratos, Soundgarden

56 **CD**
Blues aniversariante & grandes trilhas

60 **VÍDEO**
Música para ver em casa

61 **LETRA**
"Bohemian Rhapsody", Queen

64 **CARTAS**
Você decide

66 **DISCOTECA BÁSICA**
A Night At The Opera, Queen

A previsão para o vestibular deste ano é que sobrem vagas apenas nos cursos de paleontologia e esperanto.

É melhor você começar a ler o Estadão.

Todas as quintas-feiras o Estadão publica o suplemento Cola, um caderno voltado especificamente para o público jovem. Nele você encontra desde as últimas novidades em comportamento, até orientações básicas para quem está se preparando para o mercado de trabalho. E com uma abordagem que parte do seguinte princípio: jovem é quem tem menos idade, não menos QI. Uma abordagem, aliás, que você vai encontrar em todos os nossos demais cadernos e suplementos. É por isso que você, que já lê o Estadão, não precisa se preocupar com o vestibular. Até porque, se você não passar, pelo menos você já tem um bom papo para enrolar o seu pai.

PASSE NUMA BANCA OU ASSINE: 9 (011) 858-9000.

ESTADÃO

É muito mais jornal.

GEORGE MICHAEL

JOGANDO NO SEGURO

Apresentando seu primeiro trabalho em um ano e meio, o cantor repetiu a mesma jogada de "Freedom 90": um monte de modelos lindas e seminuas rebolando. Mas o clip de "Too Funky" é bem mais sexy.

Para garantir o escândalo, George demitiu no meio das filmagens o diretor do vídeo – o modernoso estilista francês **Thierry Mugler** – e assumiu ele próprio a direção. Entre as sete modelos que aparecem no vídeo (que custou US$ 1,8 milhão) estão as famosas e gostosas **Linda Evangelista** e **Shana Zedrick** (ao lado).

Vince e Andy dão uma de Abba em sua nova tour

ABBA COVER

Pouco antes de iniciar uma superturnê inglesa de 50 datas, o **Erasure** lançou *Abbaesque*, um EP com quatro covers do Abba. Para o primeiro vídeo, Vince Clarke e Andy Bell se travestiram como as cantoras Annifrid e Agnetha.

O cirscunspecto Vince diz que sabe "todas as letras do Abba de cor, desde que estava na escola." A tour é uma superprodução, com direito a cenários sofisticados, montes de bailarinos e uma espécie de tanque de guerra cheio de sintetizadores de onde Vince tocará.

SEPULTURA NA SONY

Confirmados os boatos: o Sepultura escapou do gueto thrash e assinou em meados de junho com o selo Epic, da *major* Sony Music. Com essa, fica confirmada sua turnê americana em setembro abrindo para o grande monumento metálico da gravadora, Ozzy Osbourne.

TITÃS PISAM NA BOLA (DE NOVO)

Foi em Sorocaba, SP. Por acordo com os organizadores do show, o responsável pela promoção da BIZZ na cidade colocou faixas com o logotipo da revista no ginásio em que a banda ia tocar. Em troca, eles receberiam um número de revistas para distribuir para a moçada.

Durante a passagem de som, os Titãs pediram para que as faixas fossem retiradas – elas foram, pelos promotores. Depois, durante o show, **Branco Mello** pegou um exemplar da revista e disse: "estão vendo essa revista? Sabe o que vocês fazem com ela? Isso aqui, ó". E rasgou a BIZZ.

Segundo o jornal *Cruzeiro do Sul*, de Sorocaba, os Tftãs defenderam sua atitude dizendo que "esta revista há muito tempo vem falando mal das bandas brasileiras e em especial dos Titãs." Para registro: a) a primeira crítica desfavorável a um disco dos Titãs na BIZZ só saiu no ano passado; b) nem todas as bandas brasileiras são iguais aos Titãs. Ainda bem.

Kris Kross: ganhando grana e causando confusão

TIO SAM DE OLHO NO RAP

A onda de conflitos raciais chega agora à música

Primeiro foi a polícia do Texas, que está comandando um boicote a Warner por causa da faixa "Cop Killers" (assassinos de tira), que está no disco de estréia do **Body Count**, grupo liderado por Ice-T.

Depois foi **Sister Souljah**, rapper ligada ao Public Enemy. Ela deu uma declaração ao Washington Post: "Se negros matam negros todos os dias, porque não tirar uma semana para matar brancos?" Resultado: foi usada pelo candidato Bill Clinton como exemplo de racismo negro.

Para completar o rolo, a cidade de New Jersey foi detonada por uma multidão de 70 mil pessoas – parte público de um show do **Kris Kross** promovido pela MTV, parte manifestantes contra o julgamento de Los Angeles.

LONDRES

Marc Almond desmentiu os boatos de que iria participar de uma montagem de *o Retrato De Dorian Gray* nos palcos londrinos. "Dorian Gray era um Adonis jovem e loiro. Sou velho demais, moreno demais e baixo demais. Sim, e modesto também!" • Um incêndio acabou com os escritórios da Roadrunner, na zona norte de Londres. As chamas engoliram vídeos e masters de várias bandas, incluindo do Sepultura • E por falar neles... o show final da turnê contou com uma jam especial com o Korzus. Depois, todos seguiram para o Marquee para festejar o show secreto do Faith No More • Nem o fato de um ter "roubado" a mulher do outro havia provocado brigas. Mas o que

aconteceu agora que, depois de uma turnê japonesa, George Harrison e Eric Clapton não estão mais se falando? • O Faith No More está abrindo shows para o Guns N'Roses pela Europa. Uma cláusula do contrato obriga o FNM a chegar apenas dez minutos antes de tocar e a sair do estádio dez minutos depois. Assim ninguém corre o risco de atrapalhar a "concentração" da prima donna Axl Rose • Axl, aliás, é tão fã dos Pet Shop Boys que tem até mandado flores para a dupla • Os PSB — desmentindo boatos de uma separação — tocaram no exclusivíssimo décimo aniversário da lendária discoteca Hacienda, em Manchester. Entre muitos famosos, estavam Johnny Marr, Bernard Sumner (o resto do New Order estava em estúdio), 808 State, o

diretor Derek Jarman e o dono da casa e da Factory, Tony Wilson.

ANAMARIA G. DE LEMOS

Schwarza: é duro ser gostoso

UIP

MTV PREMIA O CINEMA

Aconteceu em junho o primeiro MTV Movie Awards, prêmio para o cinema. Seus espectadores elegeram *Terminator 2* em seis categorias: diretor, filme, ator, atriz e 'mulher mais desejável'. **Schwarzenegger** compareceu e disse: "Vocês deram o prêmio para quem merece, porque eu sou um cara muito cool." A entrega foi hilária, muito mais divertida que o Oscar –mas não desculpa a última bobagem da rede. Ela decidiu não passar o novo clip de **Prince**, "Sexy Me", porque é muito escandaloso.

SELO INDEPENDENTE LANÇA NOVAS BANDAS

O selo Tinitus é de Pena Schmidt, ex-executivo e olheiro da Warner. Pena percorreu várias cidades brasileiras procurando o time ideal para sua gravadora. De São Paulo, contratou **Yo-Ho-Delic** e a dupla **René do Rap e DJ Pelé**; do Rio, **Banda Bel**; de BH, **Virna Lisi**. E devem pintar mais contratações.

A NOVA CAMPEÃ

É oficial: "(Everything I Do) I Do It For You" é o single mais vendido de todos os tempos, mais até que "We Are The World". Vendeu treze milhões de cópias no mundo inteiro. Bom para o **Bryan Adams**, melhor para o dono dos direitos autorais, seu compositor **Michael Kamen**, que a fez de encomenda para a trilha de *Robin Hood*.

POUCAS E BOAS

Bob Geldof se deu bem. Assinou um contrato de 1.8 milhões de dólares para co-apresentar com sua mulher Paula Yates um programa matutino de TV, no Channel Four inglês • O esquisitíssimo grupo eletrônico **Clock DVA** está vendendo mais que nunca. Motivo: descobriram que era a banda predileta do psicopata Jeffrey Dahmer, o "canibal de Milwaulkee" • **Ozzy Osbourne** recebeu uma oferta de 4 milhões de dólares para voltar ao Black Sabbath • **Bruce Springsteen** não vende tanto quanto antigamente, mas continua popular: os ingressos para sua mini-tour de vinte e uma datas em seis cidades americanas esgotou em uma hora e meia.

Bruce anda preocupado à toa

Pamela Springsteen

OUÇA ESSA

"Toda noite fico dançando e bebendo até as três da manhã. E todo dia corro pelo menos dezoito quilômetros. Um vício compensa o outro."
Mick Hucknall, Simply Red

"Pretendo montar logo um estúdio e produzir outros grupos — mas só se mamãe deixar."
Daddy Mack, rapper de 13 anos da estouradíssima dupla Kris Kross

"Um bando de políticos fingindo que estão fazendo alguma coisa."
Sting resume a ECO-92

"É muito triste que haja toda uma geração hoje na Inglaterra que pensa que o rock começou com o My Bloody Valentine."
Andrew Eldricht, Sisters Of Mercy

LFI

CASAIS ESQUISITOS

Axl Rose & Bono Vox

Com o GN'R e o U2 repartindo o mesmo avião durante sua turnê pela Europa, os dois ficaram amigões. Um insider diz que "Axl parece um cachorrinho, sempre atrás de Bono". "As duas bandas tem muito em comum", confirma Bono.

Mais U2: o quarteto pretende abrir ainda esse ano um selo próprio, o Mother Records, com sedes em Londres, Los Angeles e Dublin. O selo abrigaria artistas de todo o mundo, com ênfase para os irlandeses.

Retna
Axl: o cachorrinho...

LFI
...de Bono

LFI
Madonna: jogando ...

Michael Jackson & Madonna

Fizeram uma guerra de comida! A dupla de super-mega-astros estava gravando juntos (o quê? Mistério total) e resolveram dar um tempo para almoçar. Foram numa lanchonete mexicana perto do estúdio e pediram um pouco de tudo. Quando o monte de comida chegou, eles só ficaram jogando doritos um no outro e acabaram indo embora sem nem experimentar o resto.

Retna
...Doritos em Michael

LOS ANGELES

Um mega-evento aconteceu em julho em Nova York. Skid Row, Ziggy Marley, The Commitments, o velho (e aparentemente imortal) Earth, Wind & Fire e uma superbanda de jazz (com o tecladista Chick Corea, o baixista Stanley Clarke, o guitarrista Al Di Meola) tocaram no Central Park para comemorar o Earth Pledge Day — o dia de compromisso com a preservação do meio-ambiente • Robert Smith saiu jogando pedras no

Polygram

Def Leppard porque a banda, no entender de Bob, impedia que o Cure chegasse ao primeiro posto da parada de álbuns dos EUA. "Acho um horror ficar fora do primeiro lugar por causa de um negócio tão redundante quanto o Def Leppard. Me assusta a maneira como esses caras são populares. Para quem ouve os discos deles de vez em quando, parece tudo igual." • MC Serch, ex-3rd Bass, acaba de gravar seu primeiro álbum solo, *Return Of The Doctor* • O Living Colour já está gravando seu novo álbum, o primeiro com o baixista Doug Wimbish, que entrou no lugar de Muzz Skillings. Doug também toca no novo álbum solo que Mick Jagger está gravando, produzido por Rick Rubin • Tom Waits e Fishbone fizeram um show em benefício das vítimas dos recentes quebra-quebras em Los Angeles • David Byrne mais uma vez dirigindo filmes. Seu novo projeto é *Shango* e conta a história de duas irmãs cubanas que moram em São Francisco. O roteiro incorpora cenas de macumba e a trilha é repleta de salsa.

JOSÉ EMILIO RONDEAU

Jesus And Mary Chain

Retna

LOLAPALLOOZA 92

Retna

Anthony Kiedis (Red Hot Chili Peppers)

Retna

Perry Farrell

Está começando a segunda edição da turnê-festival de rock alternativo

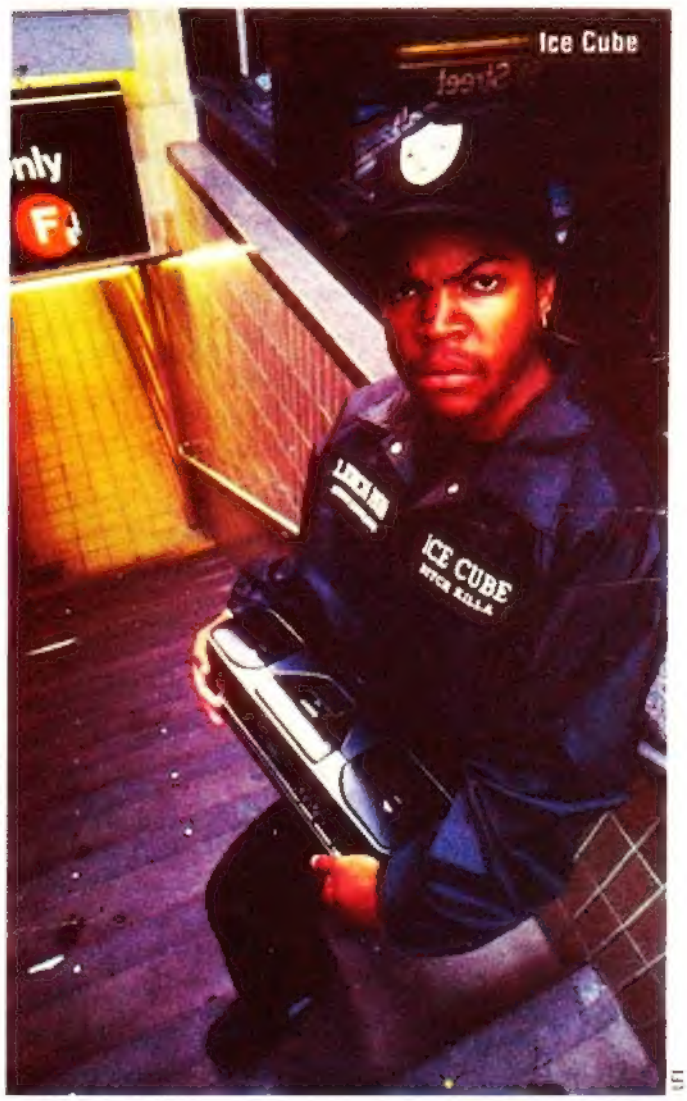
O festival organizado ano passado por Perry Farrell foi o maior sucesso de 91. O Lolapalooza 92 promete ainda mais —e Perry continua envolvido, apesar do Jane's Addiction ter acabado.

A nova edição está começando agora, em 18 de julho. Serão 24 cidades em todo o território americano e Toronto, no Canadá. Além de estandes de grupos ecológicos (tipo Greenpeace) e militâncias em geral (pró-aborto, grupos homossexuais, PETA, legalização da maconha etc.), como no ano passado, o novo Lollapalooza terá muito mais gente envolvida. É um grande e esquisito painel do(s) underground(s).

O festival terá estandes sobre todos tipos de esportes, um bingo beneficiando a pesquisa da Aids e outras caridades, comidas de todos os tipos, uma exposição de carros customized e dragsters, pintores, performers, lojinhas com as últimas tecnologias cyberpunk (realidade virtual, smart drugs, computadores etc.) O ex-papa do ácido Timothy Leary promete instalar uma tenda em que você entra e alucina imediatamente. Além disso haverá sempre um segundo palco: nos intervalos dos shows, ele será ocupado por bandas locais. O ingresso custa 28 dólares. E as casas de apostas em Las Vegas já dão como certo o sucesso da excursão.

Chris Cornell (Soundgarden)

O Nirvana vai fazer sua própria "Lolapalooza", mais para o final do ano. Terá na abertura Beastie Boys, Rollins Band e Smashing Pumpkins.



EFI

OS PESOS-PESADOS

Do headliner ao grupo de abertura, o elenco do Lolapalooza 92

- **Red Hot Chili Peppers**
- **Ministry**
- **Ice Cube**
- **Soundgarden**
- **Lush**
- **Jesus And Mary Chain**
- **Pearl Jam**

NEGRO NO PODER

★GRUPO REVELAÇÃO 1991
(CRÍTICOS E LEITORES REVISTA BIZZ
E REVISTA DE DOMINGO)

LANÇAMENTO EM
CD / K7 / LP
Sony Music

revelação instantânea

Foto Reina Ilustração Renata Borges

"Meu conhecimento a respeito deles começou a aumentar de um ano para cá", diz Edward Kowalczyk, vocalista, letrista e fundador do Live. Ele se refere ao BAD e ao Public Image Ltd., as bandas para quem o Live abriu recentemente durante a turnê *120 Minutes*, promovida pela MTV nos Estados Unidos. Ambas são estilhaços de dois pilares do punk rock — respectivamente o Clash e o Sex Pistols, espécies de arietes da Nova Ordem, rock que se estabeleceu no mundo a partir de 1976. Mas nenhuma das bandas originais faz muito sentido para Ed.

Enquanto o Clash e os Sex Pistols faziam o planeta acordar para uma geração que não se contentava mais com a pompa pseudo-superior e complacente do rock dos anos 70, Ed ainda usava calças curtas, literalmente: ele estava na primeira série do primeiro grau.

"Tive que reinvestigar o que aconteceu naquela época" prossegue Ed, enquanto almoça do outro lado da linha de telefone, em sua casa na Pensilvânia. "Não tenho como compreender bem o que foi o punk, porque era muito pequeno naquela época. E nao sou um grande fã do BAD ou do PIL, nunca fui. Mas foi interessante estar junto com pessoas como (Johnny Rotten e Mick Jones), que são veteranos, que estão ai há tanto tempo."

O que é a natureza Jones, Rotten e o punk em geral ajudaram a fundar e a estabelecer o circuito alternativo que possibilitou ao mundo, ter entre tantas, bandas como o Live. E por causa da distância historica, essa garotada mal sabe de seus próprios predecessores. Por outro lado, será que deveria?

"Acho que o simples fato de que essa banda existe", prossegue Ed, falando do Live "provavelmente tem alguma coisa a ver com a ressurgência da música alternativa que no inicio começou com o punk rock. Indiretamente, ou num grau mínimo ou... sei lá. Mas daí a me relacionar com (o punk rock)..., não tenho como."

O Live pertence a um outro tempo e a um outro mundo. Antes praticamente a única maneira de uma banda alternativa se popularizar era através de algo muito parecido com táticas de guerra de guerrilha. Hoje, existem inúmeras estações de rádio dispostas a abrigar sons novos em sua programação. E existe a "fada-madrinha" MTV, onde semidesconhecidos podem virar sensação nacional quase do dia para a noite. Como se deu com o Live.

Nascido das cinzas do Public Attection, uma banda colegial formada por quatro garotos de York, cidadezinha da Pensilvânia, quanto eles não tinham mais de 14 anos — e que gravou uma demo tape de alta qualidade intitulada *Death of a Dictionary* — em um ano o Live passou de "novato" participante do New Music Seminar — vitrine nova-iorquina das novidades musicais alternativas — a estrela da MTV, com um álbum lançado pela MCA. *Mental Jewelry*, figurando entre os cem discos mais vendidos em todos os Estados Unidos e recebendo elogios.

A turnê com o BAD e o PIL foi parte de um pacote promocional que colocou o Live (junto com outra nova banda, O Blind Melon) três meses na estrada. Como conseqüência dessa primeira investida sobre as massas, o Live adquiriu cacife suficiente para ter iniciado em junho uma turnê-solo de dois meses em clubes americanos.

Para quem conhece o Live, agora, parece que a carreira do grupo começou anteontem, que o sucesso miraculosamente materializou-se no colo da banda como que por encanto. Mas a verdade da história não é bem essa.

"Depende do seu ponto de vista", diz Ed com calma e articulação inexistentes em 90% das bandas de rock, jovens ou não. "Lembro de estar assistindo aos Music Video Awards na MTV na época em que Michael Penn estava por aí. Ele estava recebendo o prêmio de Melhor Estreante. Na hora de receber o prêmio, ele fez um comentário interessante, dizendo que nunca pensou que depois de estar trabalhando em música há dez anos, ele seria premiado com o troféu de Melhor Estreante. As pessoas desconhecem o fato de que existem vidas reais se desenrolando por detrás dos vídeos."

Nem todo mundo recebeu o Live de braços abertos. A situação particular da banda criou um impasse irônico: para a mídia mainstream, inicialmente, o Live era alternativo demais. Mas para parte da ala alternativa, o Live parecia fantoche pré-fabricado da MTV.

Não faltou quem enxergasse armação onde simplesmente só havia um golpe... de sorte. Em horas como essa, é o caso de se perguntar: existe algum instrumento medidor para se saber o que é e o que não é alternativo? Quais são os critérios?

Ed é diplomático quando aborda o assunto "Depende da maneira como você se relaciona com música", conclui ele, "Se você comprar o álbum só porque quis saber qual era a da música contida ali, qual era a dos caras que tocam, seu relacionamento com a música é muito simples. Se você estiver preocupado, se perguntando "será que essa é uma banda MTV? Será que estão me enfiando essa banda goela abaixo?"... Gente, o que aconteceu foi o seguinte; assinamos contrato com uma gravadora, gravamos um disco, a MCA investiu na banda, a MTV foi com a nossa cara e... bum! Cá estamos nós. Existe todo um passado, mas para aquela pessoa em Iowa, que nos descobriu agora pela MTV, só existe... um pedacinho da nossa vida."

JOSE EMILIO RONDEAU

Um quarteto interiorano que toca junto desde a oitava série começa a ser comparado com R.E.M. e U2

ALTA ROTAÇÃO

A REDAÇÃO RECOMENDA

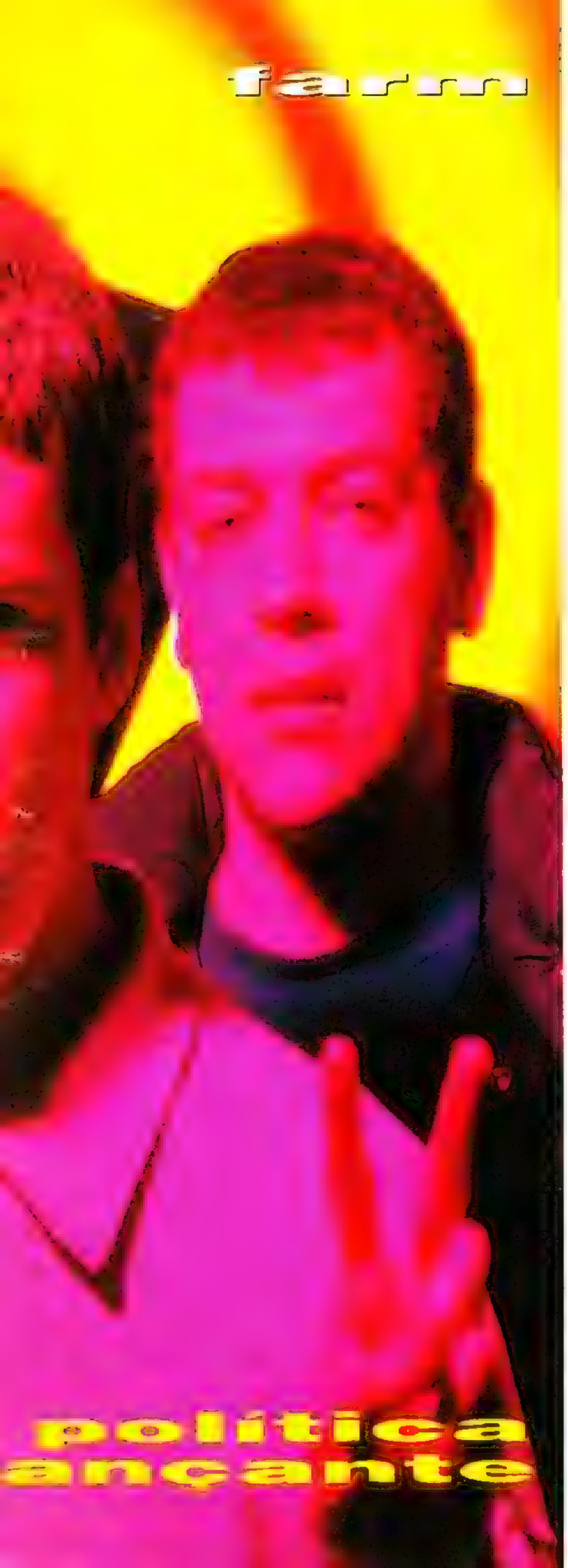
Já houve um tempo em que Eric Clapton não era afeito a baladas melosas e trilhas sonoras medíocres. Com Jack Bruce (baixo) e Ginger Baker (bateria) nos idos de 66/68, ele formaria o **CREAM**, o primeiro *power trio* da história do rock. A nata desta trajetória aparece por aqui em CD em **Brew: The Very Best Of Cream.**

C.P.

THAIDE e D.J. HUM aproximaram seu rap do pop, mas mantiveram o tom político/social das letras em **Humildade E Coragem São Nossas Armas Para Lutar**, Uma boa empreitada do selo independente TNT. *C.E.M.*

Confirmando minha fama de velhusco e aproveitando a benfazeja presença no Brasil do **BLACK SABBATH,** dá para dar de dica o primeiro deles que presta em muito, muito tempo — desde a saída de Gillan, na verdade. **Dehumannizer** traz a volta do Ronnie James Dio e de Vinnie Appice — a segunda mais clássica formação do BS — OK, o disco é meio conceitualóide e caretão. Mas o Sabá é assim mesmo. *A.F.*

Depois do sucesso de "All Together
Now", a saída é a militância



Reina

Em 1983, sem equipamento nem futuro, o cantor Peter Hooton e seus amigos Carl, Steve, Roy, Keith e Ben começaram a ensaiar numa fazenda fora da cidade — daí veio o nome da banda. Logo eles adquiriram uma boa reputação através de shows pela própria Liverpool. Mas dinheiro que é bom, nada. Para remediar o problema, a banda fez um empréstimo e fundou o selo super-independente Produce.

A partir daí tudo mudou. "Stepping Stone" foi um hit nos clubes, "Groovy Train" chegou a número seis nas paradas nacionais, e, finalmente, "All Together Now" ("uma música velho, meio punk, que reescrevemos" me diz Peter) chegou ao terceiro lugar.

O sucesso da banda foi ajudado pelo crescimento da cena "dance" e sua entrada para o mainstream. Embora haja mais no Farm que puramente "dance", o grupo se sente parte desta "comunidade": "Não é um clube fechado. Mas nunca mais estaremos tão 'na-moda' quanto no meio de 1990. Comprávamos roupas na Paul Smith e no Buffer St. George — lojas ultrahip de Londres — e frequentávamos os clubes certos. Agora que tivemos sucesso, saímos da moda."

Moda ou não, a música do Farm mudou bastante desde o ska e punk dos primeiros anos. "Acho que evoluímos bastante, mas sempre tivemos boas melodias. Adoro música tradicional irlandesa, sei reconhecer uma boa canção. A coisa que mais me alegra é ouvir gente como Mick Jones, Joe Strummer ou o Paul Weller dizendo que somos uma das bandas prediletas deles." Peter promete que o próximo álbum trará mudanças ainda maiores. Ele já tem nome, *Partisan*, e está sendo produzido por Mark Saunders, que fez o último Cure, o Mission e até o Erasure. Será distribuído mundialmente, pela Sony.

ANAMARIA G. DE LEMOS

TAPAS & BEIJOS

"Divinópolis é uma cidade de merda... Nós sabemos que com um fuckin zine tipo esse a gente não vai mudar porra nenhuma, mas pelo menos nós vamos ter diversão nos fins de semana."

Assim começa o zine Kaspar (r. Espírito Santo, 1483, Divinópolis, MG, CEP 35500-030) e, olha, tiraram as palavras da minha boca. Já deu para o saco gente reclamando sem parar.

Não vem ao caso a recessão e o escambau. O que interessa é fazer o que se gosta. Aliás, visto que os animais tendem ao ócio (dos mamíferos, o homem é o que menos tem horas de preguiça por dia, segundo uma pesquisa gringa aí), a única maneira de se conseguir fazer *qualquer* coisa é se a gente gostar.

Não marque: com três filhos e prestação do BNH para pagar, as opções despencam. Aproveite a liberdade relativa de hoje e invista no que te diverte. Conselho grátis de um cara que gosta de trabalhar (e sai de férias este mês — as primeiras em quatro anos!!!).

Melhores de junho do AF: show dos Ratos com Jello Biafra mais Andreas e Igor do Sepultura (é nova!); *Uma Criança Por Testemunha*, suspense legal em vídeo; para quem lê inglês, *Spatterpunks* (coletânea de terror brabo) e o novo Calvin.

Imbecil do mês: o juiz catarinense que proibiu a exibição de *Calígula* na TV. A ditadura já acabou, palhaço.

Kiss kiss.

ANDRE FORASTIERI

korzus
NOISE

Thrash transatlântico

Sem disco nem apoio, um grupo paulista detona sua primeira tour européia e se dá bem

O grupo esta no meio de sua primeira turnê europeia. Começaram tocando em palcos italianos e da Inglaterra seguirao para a Alemanha, França, Espanha e Italia novamente. Tudo isso — espanto! — sem ter disco lançado por aqui. "A turnê esta financiando a si propria", explica o vocalista Marcelo Pompeu.

"Ganhamos por show, e vendemos camisetas e CDs. O impressionante e que aqui o musico e o primeiro a ser pago, não o ultimo, como no Brasil." A organização da tour — assim como a iniciativa original — fica por conta de Salvatore Casino, um italiano que já viveu no Brasil e trouxe os Ratos de Porão duas vezes para a Europa. O show em Londres e fruto do trabalho de Celso Barbieri, o brasileiro que produziu o primeiro disco do Korzus. "Quando cheguei em Londres fiquei surpreso: tinha discos do Korzus à venda aqui!", relembra o produtor empresario. "Tudo porque eles tocavam uma cover do Slayer, que, pela sujeira e violência, em certos pontos ficou até melhor que o original."

Não da para ficar muito tempo sem mencionar "aquela banda"... sim, o cenario pos-Sepultura esta muito mais propicio para as bandas brasileiras, apesar do protecionismo europeu. "Sem dúvida", diz o guitarrista Silvio Golfetti. "Todo mundo que vive esse tipo de música sabe que esse agora é um estilo brasileiro. O pais está sendo mais respeitado em termos musicais." Foi Silvio que, no começo deste ano, substituiu Andreas Kisser quando este teve um infeliz acidente andando de jet-ski. "Eu estava em casa num sábado quando eles me ligaram: o Andreas tinha quebrado o braço e eles tinham que ir para a Alemanha na segunda. Era o show com o Motörhead .. um sonho antigo, não dava para cancelar! Ensaiei dois dias com eles e fomos." De longe, dá até para enganar... "E o cabelo liso, o nariz... Teve gente que veio pedindo autógrafo, pensando que eu fosse ele. Eu também já quebrei o braço, operei, pus pino. O acidente dele foi inoportuno, mas para mim foi ótimo tocar com eles. Para o Korzus tambem. Foi legal ajudá-los."

A saida da banda de um som satânico para algo mais individual e distintivo foi a consequência, segundo Pompeu, "de um amadurecimento da banda. Aquela foi uma fase nossa. Eu escrevo as letras, e era limitado aquilo. Foi um treino. Comecei a escrever outras coisas, a aprender a lidar com as palavras". Nicastro: "Chega uma época quando você tem que tomar decisões. Termina a faculdade, tem que se sustentar. E no Brasil essa passagem para a vida adulta é muito difícil". Ele mesmo está fazendo Educação Física, enquanto Silvio é formado em Administração — "e desempregado!" (risos) — e o baixista Dick Siebert fez três anos de Direito e trabalha como desenhista. "Mas tudo bem", diz Nicastro. "No Brasil tem engenheiro trabalhando na feira".

Essa conversa de Brasil nos leva à questão fundamental da banda brasileira no exterior: cantar ou nao em inglês? Nicastro: "Até o *Pay For Your Lies*, nos cantamos em português. Quando passamos para o inglês ja sentimos um interesse maior do exterior. A gente ama o Brasil, mas nossa proposta é essa: atingir o mercado externo. E o público metaleiro no Brasil *quer* ouvir as músicas em inglês".

Algumas horas mais tarde, o Korzus enfrenta um grande desafio: devido à ganância dos promotores do Marquee, tem gente aqui esperando ver uma aparição especial do Sepultura, que a esta altura ainda se encontra num avião voltando da Rússia. O que poderia ter sido um problema, porém, logo vira um triunfo nas mãos do Korzus. Um inglês assustado me pergunta como é que sai esse tipo de som do Brasil.. "A gente vive num país violento". Pompeu se defende. "Com problemas graves. E um clima mais do que certo para um som agressivo e pesado. E depois... o metal *é* uma opção."

ANA MARIA G. DE LEMOS

A ÚLTIMA MODA EM SHOW.

Cricket®
SEMPRE INVENTANDO MODA.

CONTEMPORÂNEA

PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS

motown nos 90

Com nomes como Boyz II Men e Shanice, a lendária gravadora se recandidata ao olimpo pop

Motown é um nome que fala por si só. Classifique algo como "é Motown" e imediatamente uma referência de hits perfeitos, singles clássicos, anos dourados do pop, está estabelecida.

A Motown foi alçada a esse patamar divino na década de 60 pelo absurdo sucesso e padrão de qualidade de seus artistas, produções e composições, mais uma aura de gravadora-família e o fato de ser um negócio independente e controlado por negros. Da Motown saíram nomes como Marvin Gaye, Stevie Wonder, Diana Ross, Smokey Robinson, Temptations e Jackson Five.

A Motown perdeu bastante terreno nos anos 70 para o som da Philadelphia e a *disco*. O sucesso continuava, mas não tão forte, e a Motown virou apenas mais uma gravadora. Na década de 80, Motown era só um bom título para coletâneas do passado, e a gravadora encerrou a década vendida para a MCA.

Mas os ventos da inspiração aparentemente mudaram. Sob a presidência dinâmica de Jheryl Busby, que assumiu em 89, a Motown parece estar voltando decidida para o sucesso. Entre seus novos contratados estão os grupos Another Bad Creation, The Boys, Johnny Gill, Good Girls, Blaze, Boyz II Men e Shanice. Depois de algum sucesso com Gill e o ABC em 90 91, veio o estouro dos Boyz II Men e Shanice e aí começou a se levar a sério a idéia de "uma volta às glórias da Motown"

Shanice tem 18 anos e seu single "I Love Your Smile", uma *over* de felicidade, escalou paradas do mundo inteiro. Seu álbum (o segundo) *Inner Child* foi bem comentado pela crítica. E produzido por um mestre dos hits, Narada Michael Walden (que trabalhou com Whitney Houston).

O Boyz II Men vem da Philadelphia. Uma sequência de hits nos EUA os levou a vender quatro milhões de cópias do seu álbum de estréia, *Cooleyhighharmony*. O disco funde doo-wop, hip hop, soul moderno e *swingbeat* com maestria, não devendo nada às melhores produções de Teddy Riley.

CAMILO ROCHA

O MELHOR HEAVY METAL DE TODOS OS TEMPOS

IRON MAIDEN

Fear Of The Dark

JÁ NAS LOJAS EM CD·K7·LP

QUALIDADE EMI

ELES SÃO OS LEGÍTIMOS DESCENDENTES DE UMA LINHAGEM DE EXCELENTES BANDAS — INCLUSIVE O GREEN RIVER, GRUPO "FUNDADOR" DO SOM DE SEATTLE. OU NÃO: TALVEZ SEJAM APENAS UMA BANDA ARMADA POR UMA GRANDE GRAVADORA PARA TOCAR O DIA INTEIRO NA

MISTÉRIO NO RÁDIO

FM E SER "O PRÓXIMO NIRVANA". VAI VER POR ISSO É QUE VENDERAM MAIS DE UM MILHÃO DE DISCOS E CHEGARAM AO TOP TEN AMERICANO. PODEM SER CLASSIFICADOS DE HEAVY METAL? ALTERNATIVOS? *GRUNGE?* ENFIM, O PEARL JAM É UMA SUPERBANDA? OU É TUDO POSE?

Tudo o que dá pra ver um é par de tênis All Star balançando. O tênis pertence a um cara que está deitado de costas no palco, sua face escondida por uma pessoa deitada sobre sua cabeça.

O homem em cima está com sua cara enterrada no pescoço da outra figura — até parece que ele está lambendo a orelha do debaixo. O par de All Star balança ainda mais, e depois de um tempo o cara que está em cima sai fora, com um sorriso desatisfação nos labios.

Cenas de homossexualismo explícito? Não Apenas uma mensagem pessoal do vocalista do Pearl Jam, Eddie Vedder, para um fã londrino ensandecido cujo stage-diving machucou a galera na frente do palco. Esse tipo de coisa deixa Vedder possesso. Então, quando o animal subiu no palco para pular de novo, Vedder não deixou barato e mostrou de uma maneira bem pessoal que ele detesta esse tipo de coisa

Depois da demonstração de "carinho", o cara desaparece no meio da platéia de 900 pessoas molhadas até os ossos. O baixista Jeff Ament, os guitarristas Stone Gossard e Mike McCready e o baterista Dave Abbruzze se divertem com a cena

OS FAS DO PEARL JAM SE MULTIPLICAM MAIS RAPIDO DO QUE COELHOS

"Eu não sabia o que estava acontecendo, se o Eddie estava trepando com o cara ou dando porrada", diz Ament dando risada. O show já acabou e o baixista está removendo as faixas que protegem seu joelho direito de inchar como uma melancia, devido a sua performance atletica no palco.

"Stage-diving não me incomoda," completa Vedder. "O problema é quando um par de botas bate na cabeça de alguém. Aí é uma merda. Eu passei um bom tempo com a galera de frente do palco do Chilli Peppers, quando abrimos o show pra eles. E duro lá embaixo "

E está piorando com o tempo; enquanto escrevo, os fãs do Pearl Jam se multiplicam mais rápido do que coelhos. Esta turnê européia foi marcada um pouco prematuramente, antes da explosão de popularidade que a banda tem sentido desde o lançamento do álbum *Ten*, no fim de 91. Há uma espécie de pânico maniaco no ar, fazendo clubes com capacidades de 400 à 900 pessoas se tornarem em gigantes poças de suor pulsantes

Todo esse consumo, esse interesse visceral num banda que é aparentemente nova no cenário, faz com que os membros do Pearl Jam contem a história do grupo varias vezes seguidas. A moçada está ficando com o saco

cheio dessa história. Mas como Ament complementa enquanto tomava um café da manhã em Groningen, Holanda. "Você se sente responsavel quando é a primeira vez que toca num país. No mínimo, as pessoas querem saber sobre as nossas origens. Mas na próxima vez que tocarmos nessas mesmas cidades ainda teremos a mesma história."

Mas, afinal, qual é a história? Em 1985, Jeff Ament, um fanático por basquete de 22 anos nascido em Harve, Montana, se ligou com Stone Gossard, um amigo igualmente amante dos esportes. Com dois locais de Seattle, Mark Arm e Steve Turner, eles formaram o Green River. Diferenças conceituais levaram a banda a uma inevitável separação — Arm pegou Turner para formar o Mudhoney, enquanto Gossard e Ament se encontraram com o cantor Andrew Wood para criar o Mother Love Bone. A estória da overdose de Wood na noite de estréia da banda se tornou lenda.

1991 começou com o Temple Of The Dog, um projeto com Matt Cameron mais Chris Cornell, do Soundgarden, para fazer uma homenagem à Wood.

E para completar o Temple, o guitarrista Mike McCready se juntou à eles

COMO UM SURFISTA SEM EMPREGO NA CALIFORNIA ACABA CANTANDO NUMA BANDA DE SEATTLE? ATRAVES DO EX-BATERISTA DOS CHILI PEPPERS

Naquela primavera um jovem surfista de Chicago (mas local de San Diego) chamado Eddie Vedder recebeu uma fita com três pedaços de música sem vocal de Ament e Stone. Ela caiu nas suas mãos através do ex-Red Hot Chilli Peppers e atualmente membro do Eleven, Jack Irons. Jack não aceitou a oferta de ser baterista da banda, mas indicou Eddie Vedder para ser vocalista. Vedder, que era frentista num posto naquele tempo, ficou chapado com o que ouviu.

Um dia, enquanto pegava umas ondas de manhãzinha, escreveu as letras. Voltou para o barraco em que morava, cantou em cima do som que tocava no seu gravador e mandou a fita para os caras que nem conhecia. Eles gostaram, e chamaram Vedder pra ser vocalista do grupo. Existe um rumor de que a banda é chamada de Pearl Jam ("geléia de pérola") por causa da bisavó de Vedder. Ela era índia, se chamava Pearl e fazia uma geléia alucinógena. Acredite se quiser, mas é uma grande estória.

Só para saber, a banda é baseada em Seattle — um pedaço dos Estados Unidos que recebeu bastante atenção no ano passado por causa do barulho que sai de lá. Mesmo as milhões de toneladas de chuva que as-

"Ele morre de ciúmes do Junior."

Junior. É um barato.

Motor 1.0, conforto e amplo porta-malas, por um preço júnior. E mais a exclusiva proteção do Chevrolet Road Service, 24 horas por dia, durante um ano, para todo o Brasil

CHEVROLET
ANDANDO NA FRENTE

McCANN

solam anualmente o Noroeste dos EUA não deixam o som do Pearl encharcado. Escapando da umidade nesta turnê, o grupo descobriu que na estrada não há muito tempo para se checar o terreno. "Na próxima turnê, eu acho que as coisas serão feitas de uma maneira diferente. Gostaria de curtir mais a banda e a cidade que estivermos tocando," diz Ament, ajudando o pessoal da cidade a indentificá-lo como turista ao derrubar uma garrafa de Wine Cooler na mesa.

Vedder ignora o barulho e completa: "Se você tem um tempo para andar na cidade, quando chega ao palco você se sente como se realmente tocasse para o povo que vive lá."

Até agora, as únicas pessoas com quem o grupo tem contato real são a moçada que pula do palco. E isso está ficando fora de controle. "Tinha um clube na Itália que foi o pior," diz Gossard. "As pessoas balançavam nas caixas de som, se debatendo. A única coisa que se pensa nessa hora é 'vamos acabar logo esse show'."

"O problema é que não dá para se concentrar na música e deixar a coisa fluir," diz Vedder. "E por isso que é chato ter que impedir as pessoas de ficar pulando do palco. Mas eles ficam se amontoando e você não pode deixar isso acontecer."

Os fãs do Pearl parecem não terem problema em viajarem na música, entrando em uma espécie de transe catártico raro de se ver hoje em dia. Os instrumentos fluem em volta dos vocais emocionados, que falam de abusos na infância, perda e insanidade. Surpreendentemente, a música não tem um tom morbido, mas sim uma mensagem de esperança. Ament descreveu assim: "as letras de Eddie te levam à uma janela aberta, e quando você pensa que colocou um pé fora, nosso trabalho é traze-lo de volta para celebrar."

A verdade é, que durante os shows, Vedder está sendo se equilibrando num parapeito. Ele sobe em caixas de som e torres de luz: qualquer coisa que ele põe a mão, acaba fazendo parte do espetáculo. E se ele se arrisca desse jeito é graças a confiançia que deposita na platéia. Se Vedder decidir pular de uma torre de luz de dez metros de altura sobre a platéia (é claro que ele não iria fazer isso), com certeza centenas de mãos estariam amparando sua queda

Apesar dos raspões e cicatrizes, Eddie ainda não se deu mal. Ele é um puro junkie de adrenalina. ' Eu sinto o pega nas veias quando faço esse tipo de coisa. Teve uma vez que senti náuseas quando voltei ao camarim."

Algumas pessoas pensam que ele é insano

HA QUEM PENSE QUE O VOCALISTA EDDIE VEDDER TEM IMPULSOS SUICIDAS OU E LOUCO. TAMBEM, NAO E

ou tem impulsos suicidas. Ou que isso é parte do show. Mas quando você vê os olhos de Vedder, ensandecidos, é como se ele estivesse possuido — ele não sai do transe até que o show acabe. Uma coisa que Eddie sempre faz em seus shows já está sendo chamado de surf na platéia *(crowd surfing)*. A banda fica tocando forte no palco — Ament fica correndo enquanto Gossard, McCready e Abbruzzese criam ondas sonoras sem palavras. Aí Vedder pula de cabeça na galera e começa a "nadar" de estômago para baixo num mar de mãos, suspenso na multidão enlouquecida Durante o show em Nova York no RoselandBallroom, ele foi até a parede de tras, atravessando a multidão, e voltou até o palco. Isso com a ajuda de 3 500 amigos!

TODO MUNDO QUE SOBE NAS TORRES DE LUZ OU FAZ "SURF NA PLATEIA" "QUANDO FAÇO ESSAS COISAS, SINTO O PEGA NAS VEIAS", DIZ EDDIE

Parece honesto de sua parte. Mas alguns críticos dizem que isso é apelação típica de rock de arena. Outros dizem que o Pearl Jam não honra o chamado "som de Seatle" (sem querer insultar a inteligência do leitor sugerindo que a música vinda de Seatle é tudo a mesma coisa)

Se quiser, chame isso de "fator Nirvana", mas finalmente há espaço no mundo para um tipo de som que até há um ano atras seria relegado a só fazer sucesso no circuito alternativo-universitário. O universo está mudando, o que é ótimo — e o Pearl Jam tem um disco de ouro pra provar essa transformação

"Eu continuo esperando por um faz dizendo que eu sou uma estrela do rock", diz McCready, sorrindo.

"Todo esse sucesso nos pegou de guarda aberta," diz ament

"O fato de o Soudgarden também ter ganho um disco de ouro nos deixa muito con-

tente," diz Vedder. "Isso quer dizer que 500 mil pessoas está escuntando uma ótima música. Isso pode ser dito sobre nós também."

"O mais estranho é que agora algumas pessoas fazem que não acreditam que nós continuamos andando normalmente em público," Gossard diz, orgulhoso.

Na Europa, os fãs do Pearl Jam estão multiplicando sem parar. Uma prova de sua paixão é quando surge o *stick man*, aquele bonequinho que as crianças desenham, com uma bola com um grande sorriso representando a cabeça e uns risquinhos fazendo os braços e pernas. O boneco virou logotipo e marca registrada da banda.

O show em Londres virou uma massa de pessoas suadas pressionadas contra o palco. O road manager Eric Johnson fica assistindo do lado, enquanto os seguranças tiram as pessoas com pulsos levantados. Uma moça que já tinha sido removida fica sentada bem na frente de Vedder enquanto ele canta "Black" olhando pra ela. É difícil de dizer se ela está paralisada de emoção ou de calor. Mas o show termina e ela agradece Vedder por ter dado ao *stick man* pintado em seu tênis "a chance de enxergar".

E tem a Linda, uma das cinco garotas de um grupo de Leiden, na Holanda. Quando o Pearl Jam chega pra dizer alô, ela mostra à eles seu ombro esquerdo tatuado com a marca da banda. Vedder se assusta. "Eu me sinto meio responsável quando vejo alguém com esta tatuagem." ele diz. "Tenho que viver com o fato que eles vão carregar isto pelo resto de suas vidas. É assustador."

Mas Ament completa: "Eles fizeram uma escolha. É estranho pra mim porque eu fiz esses desenhos há um tempo atrás e agora eles ilustram corpos de pessoas."

O caso de alguns fãs se tatuarem com o logo de Pearl Jam é o testemunho de que eles sentem uma conexão real com o grupo. Simplificando, a banda dá alguma coisa de volta a eles. Principalmente Vedder, que é super orgulhoso da sua coleção de fotos polaroids tiradas em cada show. Eddie "captura as almas" no fim de cada set, e a galera se amontoa na frente da câmera só para sair nas fotos. As mais surreais são aquelas que mostram a audiência soltando vapor (literalmente), fotos fantasmagóricas de umidade saindo de seus corpos, faces sorrindo numa espécie de transe quase alucinógeno.

Talvez a geléia da avó de Eddie realmente exista.

E talvez esses caras tenham a receita.

LAUREN SPENCER

ALGUNS

CRITICOS DIZEM

QUE O PEARL JAM NÃO

HONRA O CHAMADO

"SOM DE SEATTLE"

IRON MAIDEN

os mestres do heavy britânico aterrissam para sua primeira tour brasileira

MONSTROS ENTRE NÓS

Ao vivo, ninguém na cena metálica se iguala ao Maiden — talvez, *talvez*, o AC/DC, como conferiu quem esteve no primeiro Rock In Rio, em 85. Agora, a bordo do novo disco, *Fear Of The Dark*, a donzela finalmente volta ao Brasil para uma extensa turnê. Assinados os contratos, as datas ainda não estão confirmadas no momento em que esta revista está indo para a gráfica. A tour deve começar no final deste mês e se estender até a metade de agosto.

Nesta entrevista exclusiva, Bruce Dickinson fala da volta às raízes de *Fear Of The Dark*, da entrada de Janick Gers e muito mais. E aproveitando o lançamento de toda a discografia do Maiden em CD, João Ricardo Lima, editor do fanzine *Headline* e nosso especialista em HM clássico, dá uma panorâmica na produção do grupo.

NOVA TURNÊ

"A nossa turnê começou com um único show na Irlanda, em junho, e depois vai para os EUA e Canadá, até o meio de julho. Os próximos shows marcados acontecem na Europa, a partir de 15 de agosto. Temos, portanto, um mês disponível, que gostaríamos que fosse dividido entre o México, Brasil e Argentina. Até hoje lembramos com prazer de nossa apresentação no Rock In Rio" (janeiro de 85)

ADRIAN VERSUS JANICK

"Adrian Smith não estava feliz, e nós começamos a sentir isso no palco, após os shows. Saíamos sempre eufóricos e ele com uma cara de bode. Na época de *No Prayer For The Dying* queríamos um som pesado, direto e cru, e Adrian preferia uma produção mais sofisticada. A nossa posição prevaleceu, fizemos o disco no estúdio móvel dos Rolling Stones, com 25 anos de idade, mas ótimo para o tipo de som que precisávamos.

Com tantas diferenças, chegou uma hora que era melhor ele sair. Chegamos a testá-lo perguntando qual seria a opção dele se um grupo como o Whitesnake o convidasse, ganhando o mesmo que ele ganhava com o Iron. Adrian ficou em dúvida na hora, o que já estranhamos. Mas quando, 24 horas depois, ele ainda não tinha uma resposta vimos que não dava mais para continuar juntos

O convite para Janick Gers substituí-lo partiu dos outros membros da banda. Sou amigo dele há mais de dez anos e não queria forçar nada. O que realmente pesou em favor de Janick foi seu tra-

IRON MAIDEN

balho no meu disco solo. Todos adoraram aquelas guitarras, e na hora de definir o substituto de Adrian ele foi o primeiro a ser testado."

FEAR OF THE DARK

"Penso que todo mundo tem medo da escuridão, mas eu não me assusto desesperadamente com a escuridão. O que eu não gosto muito é de cobras. Outro dia também tive um pesadelo assustador, com um enorme camarão branco, que me atacou quando eu estava pescando."

TEMAS

"Muitas das letras antigas, baseadas em autores de terror e ficção científica, eram como uma cortina de fumaça. Se pensarmos na ficção científica na antiga União Soviética, por exemplo. Os autores criavam um outro planeta para poder falar de seus problemas reais. E acho que no passado nós próprios tínhamos um certo temor de abordar os nossos problemas no mundo real. Então inventamos canções e situações sobre o passado. Que no fundo são as mesmas situações. O ser humano é o mesmo agora e o de dois mil anos atrás. Os mesmos erros continuam sendo cometidos toda hora, então as canções são válidas neste sentido.

Mas acho que há muito mais para falar e que o público espera algo mais além destes temas alegóricos. As novas canções estão muito mais ligadas ao presente e também a temores pessoais, sentimentos como amor, sexo, morte e pequenos animais (risos). Tem uma música sobre a chegada da idade, outra sobre os eternos pessimistas. Em 'Be Quick Or Be Dead' abordamos os escândalos financeiros que estão pipocando no mundo inteiro, os grandes criminosos que desfilam por aí a bordo de seus Rolls Royces."

VIL METAL

"Já temos dois singles, 'Be Quick Or Be Dead' (lançado na Inglaterra no meio de abril) e 'From Here To Eternity' (este, programado para junho, terá clip dirigido por Ralph Zeiman, conhecido por seus trabalhos para o Faith No More). Mas não acho que irão tocar nas rádios, é tudo muito pesado."

EDDIE

"Derek Riggs (*artista que desenhava as capas do grupo*) continua trabalhando para nós, mas ele não fez a capa do último disco. Eddie estará na capa, mas através de um outro artista. Eddie estava ficando muito familiar, tinha virado um monstro agradável, e queríamos que voltasse a ser o repugnante ser que inspirava medo, como nos nossos primeiros discos."

METAL 92

"Death, speed, thrash, heavy, pussy metal. Muita gente esquece, por exemplo, que algo como o funk-metal já existe desde o Aerosmith, há pelo menos 15 anos, não é nada novo. O próprio Iron vem fazendo há 15 anos o que hoje conhecem como thrash. Nosso baterista na época realmente arrebentava, alucinadamente."

SOLO

Em abril começaram as gravações do meu segundo disco. Vou seguir a mesma tendência de *Tattoed Millionaire*, mais centrado na voz e nas guitarras. Simples, com mais espaço para as melodias. É um trabalho em que volto a mostrar as influências mais marcantes em vinte anos: Free, AC DC, Black Sabbath, Deep Purple..

Também estou com um novo livro, que será lançado na mesma semana do novo álbum. É de humor negro e se chama *The Missionary Position*" (em bom português, a tradicional posição "papai-mamãe").

ANTONIO CARLOS MIGUEL

A DONZELA DISCO POR DISCO

Iron Maiden (abril/1980) — O grupo bancou o primeiro compacto, o histórico "The Soundhouse Tapes", e foi logo fisgado por uma major, a EMI. A produção tem nível de *demo*-ismo de garagem, mas o disco é um massacre! Clássicos: "Running Free", "Remember Tomorrow", prévia do metal progressivo da donzela, cheio de variações, e "Phantom Of The Opera", que inaugura o namoro com histórias de terror e ficção. Paul Di'Anno tinha uma voz mais punky, mas também sabia pegar leve (conhece "Strange World"?) 'Charlotte The Harlot" (uma raridade de Dave Murray), "Iron Maiden" (com o primeiro daqueles grand finales ensurdecedores), "Prowler", "Transylvania"... Isso, sim, é que é guitar band!

Killers (fevereiro/1981) — É mais pesado. A produção, de Martin Birch, bem melhor. Porradas: "Wrathchild" e "Killers", quase uma "Ace Of Spades" do Maiden. As desenfreadas "Purgatory", "Drifter" e "Innocent Exile" levantam qualquer defunto. "Murders In The Rue Morgue" é a mais complexa e uma das melhores. "Prodigal Son", a baladaça da vez, com guitarras acústicas. Adrian Smith, ex-partner de Murray na banda Urchin, substitui Dennis Stratton

Maiden Japan (novembro/1981) — Mini-LP captado ao vivo em Nagóia, no Japão. São apenas cinco músicas: "Running Free", "Remember Tomorrow", "Wrathchild", "Killers" e "Innocent Exile" (cuidado: algumas edições importadas têm uma a menos!). Mas são as "versões definitivas" com Di'Anno (ele formaria as bandas Battlezone e Killers, que refez "Remember Tomorrow"). A gravação é ótima. Só tem um defeito: é um mini-LP. Foi o disquinho com que o Iron Maiden me pegou para sempre

The Number Of The Beast (março/1982) — A grande estréia de Bruce Dickinson (ex-Samson), em plena forma. É mais rápido e produzido. As guitarras cortantes e os pratos de Clive Burr ficam mais claros agora, no CD. O álbum define a receita que o Maiden basicamente segue. Um arrasa-quarteirão na abertura ("Invaders"), dois singles de fácil contágio ("The Number Of The Beast", "Run To The Hills") e uma faixa longa, mais progressiva, para encerrar (a sen-sacional "Hallowed Be Thy Name"). "Children Of The Damned", "22 Acacia Avenue", dita continuação de "Charlotte The Harlot", e "Prisoner" incitam ao headbanging acelerado. Para muitos, o melhor disco do banda até hoje.

Piece Of Mind (maio/83) — O mais pesado. O produtor Martin Birch tirou um som pra lá de metálico na arrasadora 'Where Eagles Dare", "Flight Of Icarus" e "The Trooper" foram hits de peso. Joias raras: "Revelations" (uma das melhores atuações de Bruce), "Still Life" e "To Tame A Land", que só não se chamou "Dune" porque o escritor Frank Herbert não liberou. Até as duas músicas mais fraquinhas, "Quest For Fire" e "Sun And Steel", brilham. Baixa Clive Burr foi para o Trust. Do Trust, veio o simpático Nicko McBrain (ex-Pat Travers Band)

Powerslave (setembro/1984) — Paulada. A partir deste disco os vocais ficam ainda mais melódicos. Os solos, mais clássicistas. A *longa-metragem* "Rime Of The Ancient Mariner" inaugura uma série de encerramentos épicos. O riff da faixa-título é matador. É inserido até no grand finale.

Live After Death (outubro/1985) — Álbum duplo ao vivo bem parecido com o show único do Rock In Rio em 1985 Legal, mas o outro ao vivo tinha mais garra. O CD lançado lá fora não tem as músicas do lado 4 do LP, menos óbvias, como "Die With Your Boots On" e uma versão de "Phantom Of The Opera" que supera a original

Somewhere In Time (julho/1986) — O mais ousado O Maiden flerta com as guitarras sintetizadas e prova que isso não é concessão com "Caught Somewhere In Time", quase um tecno-trash. "Sea Of Madness" e "Stranger In A Strange Land" têm tímidas levadas funky. Há longos trechos instrumentais, como na ultramelódica "Wasted Years", pérola autobiográfica de Adrian Smith. A capa segue uma estética "Blade Runner" e anuncia um futuro nada asséptico, com trocentas citações visuais.

Seventh Son Of A Seventh Son (abril/1988) — Disco conceitual sobre possessão. O instrumental é ainda mais caprichado. Só que, no lugar de guitarras sintetizadas, estão teclados, mesmo. Tem velocidade ("The Evil That Men Do", "Only The Good Die Young"), pompa e peso na faixa-título, a diferente "Can I Play With Madness" e "Infinite Dreams", que cresce do blues ao metal

No Prayer For The Dying (outubro/1990) — Começa muito bem, com "Tailgunner", uma "Aces High" mais crua, "Holy Smoke", com um riff pesado e letra furiosa cuspida por Dickinson, e a progressiva faixa-título. "Fates Warning" se destaca entre os heavies melodiosos. Adrian Smith saiu antes das gravações, mas deixou "Hooks In You", que ficaria melhor no disco de Dickinson, "Tattoed Millionaire". A carreira solo do cantor forneceu o substituto, Janick Gers, e "Bring Your Daughter To The Slaughter", o segundo compacto, que vale pelo refrão. Depois, a banda se arrependeu de não ter lançado "Tailgunner" em single

Fear Of The Dark (maio/1992) — Para variar, abre com um single pesado e rápido, "Be Quick Or Be Dead". Melhor do que o anterior, mais bem produzido. Os solos, bem mais cuidados, com muitos e longos duelos entre Murray e Gers. O metal melódico do Maiden volta à sua melhor forma. É só ouvir "From Here To Eternity", "Afraid To Shoot Strangers", "The Fugitive", "Judas Be My Guide" e "Fear Of The Dark". O andamento de "Childhood's End" lembra a cover de "King Of Twilight", do Nektar, que saiu no Brasil no EP *Aces High*. "Chains Of Misery", "Apparition" e "Weekend Warrior" parecem saídas do disco de Dickinson, mas são legais. Inédito: uma música do Maiden com "love" no título: a balada "Washing Love", linda! A donzela pode quebrar o gelo das rádios, sem desmanchar com os velhos amantes.

JOÃO RICARDO LIMA

SEPULTURA

SOUTH AMERICAN TOUR AGOSTO '92

6 e 7 • SÃO PAULO (Olympia)

9 • SÃO PAULO (Bloqueio)

11 • PORTO ALEGRE (Gigantinho)

16 • BUENOS AIRES

20 • SANTIAGO DO CHILE

22 • RIO DE JANEIRO (Monumentalito)

ROCK BRASIL 92

PARTE 1

A AGITAÇÃO ESTAVA AUMENTANDO, AUMENTANDO – E AGORA, EXPLODIU. FINALMENTE UMA NOVA GERAÇÃO COMEÇA A OCUPAR O LUGAR DOS ÍCONES DOS ANOS 80. A PARTIR DESTA EDIÇÃO, OS REPÓRTERES DA BIZZ NOS QUATRO CANTOS DO BRASIL COMEÇAM UM MAPEAMENTO DO QUE ESTÁ ROLANDO DE MAIS INTERESSANTE NESTE PAÍS

Uma campanha do ministério da saúde, veiculada nas rádios desde junho, alerta que a audição contínua de rock em bom volume durante dez anos seguidos pode ser prejudicial para o ouvido humano. Agora em 92 boa parte das bandas de rock brasileiras completam dez anos de carreira. Deve ter muita gente surda por aí.

O mal deve ter afetado em especial as gravadoras, que ainda não se deram conta da barulheira que vem sendo promovida por milhares de novas bandas espalhadas pelo país. Elas ainda tentam reeditar a cada ano um esquema que já nasceu capenga lá no início dos anos 80

O negócio é pouco investimento e sempre no que há de mais fácil no mercado. Fazem uns três anos que não se ouve algo de novo nas rádios

As últimas coisas que aconteceram foi uma passagem rápida pela mídia de grupos da rebarba da sagra pop dos 80, como Nenhum De Nós, Uns E Outros e Inimigos Do Rei; e a aproximação da pancadaria do Sepultura, Volkana e Ratos De Porão do grande público.

A modorra é imputada à crise econômica mas é coisa que sempre existiu. As contratações de grupos na década pasada só aconteceram porque o rock como produto de consumo adolescente já estava caíndo de maduro. E fizeram pior. Na ânsia de garantirem um cast com condições de disputar no mercado contrataram mais bandas do que podiam suportar, criando uma concorrência interna.

Isto aconteceu em São Paulo quando a Warner arrebanhou Ira!, Inocentes, Agentes, Azul 29 e Titãs. Os dois primeiros ficaram na geladeira por uns três anos. Agentes e Azul 29 acabaram logo depois de lançar um compacto cada e os Titãs deram sorte e foram direto para o LP.

Algo semelhante aconteceu em Porto Alegre quando em 85 a BMG (na época RCA) fez uma verdadeira loteria atirando De Falla, Replicantes, TNT, Garotos Da Rua e Engenheiros Do Hawai no mercado sem nenhum critério ou divulgação. Os Engenheiros venceram por mérito próprio, De Falla e Replicantes voltaram à independência depois de alguns LPs, Garotos Da Rua se esfacelou (hoje tenta uma volta, independente) e o TNT está na geladeira, atrelado à gravadora até hoje.

Essa função teve um efeito colateral irreparável nas duas cidades. Os movimentos locais se dividiram entre os contratados e "os

CAMPO MINADO

VETERANOS DÃO DICAS PARA AS BANDAS NOVAS

"Nos anos 80 as bandas novas ja queriam começar por cima, com musica em novela, quando o mais importante são os shows. Atraves deles se melhora a performance, testa o repertorio e conquista o seu publico. Outra coisa e na hora de assinar com as gravadoras, quando as bandas devem consultar um advogado. Os contratos vêm cheios de clausulas, que parecem insignificantes mas acabam te ferrando." — *Paulo Ricardo* (RPM)

"As novas bandas nao devem se preocupar com o estouro, que e efemero, mas, sim, com a carreira. O sucesso vindo com o tempo e que e duradouro!" — *Julio Cesar* (Gueto)

O negocio e insistir no som que voce se identifica e não se render a qualquer modinha que aparece. A moda pode passar e o seu som original virar a nova onda" — *João Gordo* (Ratos De Porao)

Sempre tivemos problema de distribuição, mas quando o produto e bom estoura. Ratos De Porão ja vendeu mil e quinhentos discos em uma semana. Mercenarias vendeu mil LPs em um dia. Aquela cantora de samba, a Eliana De Lima, estourou mesmo em um selo pequeno." — *Luis Calanca* (Se o Baratos Afins)

outros". A organização que cada região vinha alcançando — shows coletivos, gravadoras independentes, intercâmbio entre as bandas — foi por água abaixo

Essa experiência funesta será útil para quando as gravadoras demonstrarem interesse na nova leva de bandas. Deve ser comparada com a carreira duradoura que grupos como os Ratos De Porão, Sarcófago, Overdose e especialmente o Sepultura fizeram em gravadoras independentes. O fator de vendagem é exatamente a originalidade e honestidade de princípios. Acabou a era dos grupos feitos para "dar certo".

A mídia alternativa — rádios rock, fanzines, revistas especializadas — aponta na direção certa. As pequenas lojas de discos, especializadas em gêneros específicos como metal, reggae, dance e até mesmo sebos e importadoras de CD se transformaram em ponto de encontro e intercâmbio da rapaziada. A MTV mantém o público sintonizado direto com o que acontece pelo mundo da música e dá espaço para o novo som que rola pelo Brasil, independentemente dos grupos terem gravadora ou não.

As próprias gravadoras acabam sendo beneficiadas com a segmentação do mercado — se souberem trabalhar seus produtos de acordo com as novas regras. Nos Estados Unidos a experiência de subdivisao em selos especializados já vem sendo praticada há muitos anos com excelentes resultados Black Crowes, Metallica, Guns N'Roses, C+C Music Factory, Ce Ce Peniston, KLF e PM Dawn, nos primeiros lugares da Billboard, que o digam.

Por fim, o circuito de casas noturnas é estrangulante — se você é músico e encara essa, deve ter notado as mesmas caras se repetindo na platéia. A solução é só uma: pé na estrada. Procedimento testado e aprovado no mundo inteiro, de Nick Cave And The Bad Seeds a INXS e as bandas de Seattle

A seguir você tem um apanhado geral do agito que anda acontecendo pelo país. No próximo número a segunda parte dessa matéria, com o filé mignon da nova produção rock brasileira. E bom lembrar que o assunto não se esgota por aí. Isso é apenas a ponta de um iceberg que pode mudar a cara do rock brasileiro. *CARLOS EDUARDO MIRANDA*

VIRADAS NA MESA

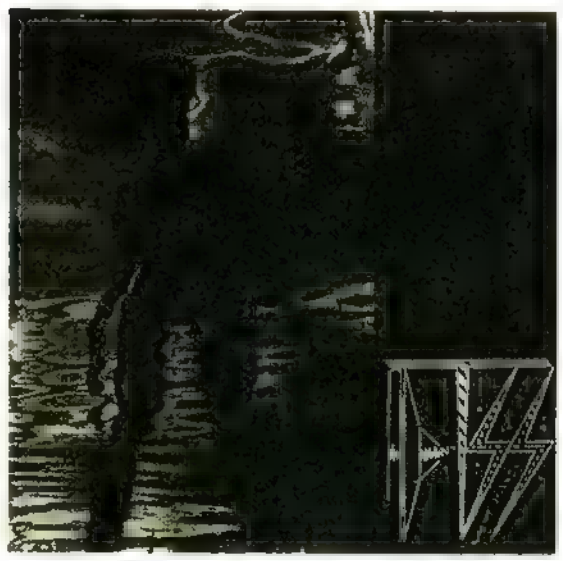
OS MOMENTOS DE MUDANÇA RADICAL DOS ANOS 80

"ANGRA"/"AGENTES" — AGENTSS (Scorpius)

Compacto de estreia, independente, do grupo paulista e primeiro registro em vinil do rock brasileiro dos anos 80. Gravado em 81 e lançao em 82, o disco mostrava o Agentss em perfeita sincronia com o melhor pop eletrônico europeu da epoca. Contratados pelo Warner, sua originalidade foi diluida e o grupo se desintegrou

"VOCÊ NÃO SOUBE ME AMAR"/"NADA, NADA, NADA" — BLITZ (EMI)

O rock bobinho da Blitz serviu como estopim de um movimento que se espalhou pelo Brasil. De repente todo moleque se deu conta de que podia ter seu proprio grupo. Parecia facil reunir a turma, vestir uma roupa colorida e ir fazer um playback no *Chacrinha*



REVOLUÇOES POR MINUTO — RPM (CBS)

Loiras Geladas" puxou uma fileira de hits que transformou o RPM no maior fenômeno pop da decada passada. A formula que misturava um cantor galã, tecladistas suntuosos, medalhas grudentas e rebelde bom-mocismo funcionou ate a imagem se desgastar por excesso de exposição e conflitos de ego dentro da banda

BENEATH THE REMAINS — SEPULTURA (Roadrunner Eldorado)

A pancadaria trash do grupo mineiro chegou ao mercado internacional, depois de quatro anos de bem sucedida carreira independente dentro do país, arrancando elogios da crítica, escalando as paradas e conquistando uma legião de fas. Logo o Sepultura excursionava pela Europa consolidando o sucesso e desencadeando no Brasil uma onda de grupos de metal com letras em inglês dispostos a seguir seus passos

AS PRINCIPAIS CENAS

DE ONDE VÊM AS BANDAS MAIS LEGAIS

SÃO PAULO

A cidade sedia a MTV, quase todas as revistas de música, o grande público consumidor, mas não as gravadoras. Aeroanta, Black Jack, Der Tempel, Espaço Retrô e Armaggedon servem de palco para o revezamento de grupos e estilos, e pelo menos duas rádios tocam rock e fitas demo. Nunca existiram em São Paulo (e no interior!) tantas bandas ao mesmo tempo. Com tudo isso ainda se tem a impressão de que nada está acontecendo Nada de discos, nada de dinheiro para os grupos novos.

RIO DE JANEIRO

A crise social do estado parece ter separado em guetos a música local. O samba, o reggae e o funk rap foram relegados aos morros e subúrbios. O rock e o pop ficaram ao deus-dará com a transformação da Fluminense FM numa rádio mais comercial, e enfrentam a falta de espaço para tocar

Iniciativas como a da produtora Cidade Eletrika — bem organizada, mas sem dinheiro — sucumbem à falta de produtos decentes para colocar no mercado. Para completar, as gravadoras também parecem cansadas de tantos tiros n'água dados com o rock carioca como munição.

PORTO ALEGRE

O rock local segue firme, do jeito que dá, pouco ligando para gravadoras e sucesso nacional. O problema é que o falido mercado local tem sustentado poucos grupos. O público pensa duas vezes antes de despender uma grana, que praticamente nem tem, com bandas novas. Os espaços para shows continuam os mesmos de uns seis anos atrás. Em compensação, Porto Alegre tem uma produtora de vídeo de primeira, a Prisma, que abastece a MTV, e pequenas gravadoras apostam em grupos como Elektra, Rosa Tattooada, Sangue Sujo e companhia

CURITIBA

Ao que parece a onda de rock pesado acendeu o pavio da cidade. Psychobillies, hards, metálicos e barulhentos em geral sacudiram a poeira e botaram o circuito para funcionar. Tudo ainda "pero no mucho"

A filial curitibana do Aeroanta só abre para as bandas locais no domingo e a única outra casa noturna de rock, a Porko Jones, tem de lotear seu palco entre todos os gêneros musicais — incluindo cover que, ao que parece, sumiu de São Paulo mas se espalhou pelo resto do Brasil

Os únicos que conseguem espaço na rádio para suas demo tapes são exatamente a galera do metal e do hard rock, através do programa Estaçao Metal. Correndo por fora, o **Beijo AA Força** lança seu primeiro disco pela Tinitus, depois de quase dez anos de carreira passando do punk ao dance.

SALVADOR

Os roqueiros baianos teimam em se digladiar com a axé music. Mesmo que a autosuficiência gerada por ela tenha abastecido Salvador de bons estúdios e gravadoras independentes. A reclamação é que faltam espaços para tocar. Na sua, Daniela Mercury, Olodum , Chiclete Com Banana, Margareth Menezes e outros no gênero arrastam multidões de dez mil pessoas a seus shows, recebem cachês próximos dos dez mil dólares e espalham sua música pelo mundo todo Tão grandes ficaram no próprio estado e região que o rock do centro do país tem cancelado shows no Nordeste por falta de público. Os novos grupos locais de rock vivem com um olho na estrada e outro em uma possível brecha no território do Axé.

BRASÍLIA

Brasília teve seus dias de agitação nos 80, mas virou um deserto nesta década. Das poucas coisas que se tem notícia de lá, destacam-se o death metal maníaco do **P.U.S.**, o rock'n'roll do **Marciano Sodomita**, o **Vagabundo Sagrado**, um legítimo herdeiro da loucura sagaz de Raul Seixas, e o **Dungeons**, do veterano do Escola de Escândalo, Fejão, uma experiência ousada entre o pós-punk e o metal

BELO HORIZONTE

A cena local sofreu vários golpes nesse começo de 92. A Rádio Terra — única emissora dedicada ao rock — fez sua última transmissão em maio. O Cabaré Mineiro, que vinha abrindo seu palco para bandas emergentes, fechou. A entrada do sinal da MTV em BH não se efetivou. Shows foram cancelados por falta de verba. Enfrentando o mau tempo, a gravadora Cogumelo segura a onda metálica e o Dominus, abriga em seu palco todas as tribos de regionalistas a thrashers

PESO

A VITÓRIA DOS CABELUDOS

Por aqui começaram a surgir grupos de metal e hard rock por todos os cantos, alimentando um circuito alternativo com várias gravadoras independentes. A maior delas, a Cogumelo, perdeu o passe do Sepultura mas coordena de Belo Horizonte o eixo central do movimento. Em seu cast constam alguns dos melhores grupos do gênero, como **The Mist**, **Attomika**, **Witchhammer**, **Chakal**, **Overdose**, **De Falla** (agora uma podreira que mistura thrash, funk metal, hard rock e música eletrônica) e **Gothic Vox**, grande revelação mineira de cyber metal.

O **Viper** inaugurou uma ponte com o Japão, onde seus CDs figuram nas cabeças das paradas. O **Sarcófago** lança seus discos internacionalmente e tem sido coberto de elogios pela imprensa gringa. O **Genocídio** abriu espaço na Áustria, com o lançamento de um CD que inclui seu EP de estréia e o LP *Depression*. O **Korzus** acaba de voltar de uma turnê européia de lançamento do disco *Mass Illusion*.

Gravadoras menores como Hellion, BRZ e Heavy arrombam o mercado aos murros. Outro novo selo, o Dynamo, surgiu da extinta casa que reunia bar, loja e estúdio de ensaios, em São Paulo. Dos grupos que passaram por seu palco e acabaram indo para o vinil destacam-se **Exon**, **Exhort** e **Sacred Curse**
São Paulo tem ainda **So What**, **Yo-Ho-Delic**, **Zerovision**, **Avalon** e **Volkana**, que veio de Brasília, lançou um disco pela Eldorado e se descolou no exterior através do lançamento em CD deste álbum, *First*, pelo selo Metronome, da gravadora Celulloid.

A Bahia surpreende com uma produção numerosa e de boa qualidade. **Úteros Em Fúria**, **Headhunter**, **Dead Easy**, **Doctor No**, **Meio Homem**, **Chemical Death**, **Slavery**, **Mystifier** e **THC** fazem a cena local.

Porto Alegre sempre teve tradição de rock pesado.
Os veteranos **Leviaethan** e o **Panic** funcionam a pleno vapor, com discos na praça, e o violento **Elektra** — urgência sônica detonada por Egisto Ophodge, dos Colarinhos Caóticos, e Edu K, do **De Falla** — estréia com um EP. Completam a cena **Truck**, **Borboleta Negra**, **Van Gogh**, **Alchoolic**, **Excalibur** e o **Rosa Tattooada**, que com seu hard rock adolescente arrebentou as paradas das FMs pop locais

Já Curitiba, que apesar da proximidade do centro do país sempre se manteve alheia à produção rocker nacional, dá novos sinais de vida com os decibéis executados por **Shades Before Dawn**, **Infernal**, **Epidemic**, **Cutting Flowers**, **Pain Cult**, **Skin Trade** com discos pela RGE), **Bad Princess**, **Ícaro**, **Acidosee Sued Domini**.

Os veteranos do carioca **Dorsal Atlântica** encabeçam uma lista de metálicos locais. **Extermínio**, **Explicit Hate**, **Sadom**, **Taurus**, **Wild Sex Machine** e **Tubarões Voadores** agitam a terra do samba. O **X-Rated**, também do Rio, conseguiu a façanha de ser o primeiro grupo de hard rock a ser contratado por uma grande gravadora — a PolyGram.

Lugares afastados do centro do país também dão o ar da graça: **Sacrament** vem de Campo Grande, **Primeira Pedra**, de Goiânia, **Beowulf** e **Insanity**, de Fortaleza e da vizinha de São Paulo, Santos, **Chemical Disaster**, **Explicit Repulsion** e **Mystic Death**.

E estes são só os nomes mais conhecidos. Tem uma banda heavy em cada esquina do Brasil.

DANCE/RAP
GANDAIA E PROTESTO

Não existe no Brasil uma cena de dance music como em Nova York ou Londres. O que há são casos isolados, alguns produtores e artistas que tiveram a grana e a motivação necessárias para vencer o desprezo das gravadoras e a falta de uma estrutura de rádios, fanzines e selos independentes.

Honrosas exceçoes existem. Na área da produção, **Dudu Marote**, os **DJs Raffa, Cuca** e **Irai Campos**, de São Paulo, mais **Vicente Rubinho**, de Porto Alegre, **Fábio Fonseca** e o **DJ Marcelo Mansur**, do Rio de Janeiro. Os artistas incluem **Que Fim Levou Robin?**, **Adventure** (Porto Alegre), **Les Stop Betty** (Curitiba).

A Nova Record FM, de São Paulo, que era especializada em dance/rap, acabou se convertendo a um formato pop/rock. Os únicos espaços editoriais até agora são a coluna Dance Music, aqui da BIZZ, e a revista *DJ Sound*. Há ainda o braço brasileiro da associação mundial de DJs DMC, que tem promovido shows e eventos.

O rap em São Paulo já está na segunda geração. A primeira — Thaíde e DJ Hum, Região Abissal, Credo, Código 13, MC Jack — apareceu por volta de 85 86. A segunda começou a se destacar a partir de 90. Seus principais nomes são **Racionais, René do Rap& DJ Pelé, MT Bronx e Sampa Crew.**

Equipes de som (grupos bem organizados, como Black Mad, Zimbabwe e Chic Show) agitam os subúrbios paulistanos em bailes que chegam a reunir dez mil pessoas em lugares como o Santana Samba e a quadra da Escola de Samba Rosas de Ouro. Cada equipe tem o monopólio sobre quatro ou cinco locais (por exemplo, Zimbabwe na Asa Branca, Chic Show no Palmeiras etc.) e, é claro, aí só apresentam seus artistas e DJs.

Gravadoras independentes chegaram a gerar um mercado próprio através de pequenas lojas no centro de São Paulo e nos bairros. A Chic Show cresceu depois de trazer grandes nomes do pop negro internacional e inclui agora um selo, o Five Star.

Veteranos no ramo, a Kaskata's, TNT e Zimbabwe sentiram o sabor da conquista com as boas vendagens de alguns de seus discos — por exemplo, *Holocausto Urbano*, mini-LP dos Racionais pela Zimbabwe, passou das 30 mil cópias vendidas. Até Thaíde e DJ Hum abandonaram a gravadora Eldorado e aderiram à independência através da TNT.

No Rio, a cena rap se confunde com os quebra-paus entre gangues nos bailes funk no subúrbio. Um cenário oposto à convivência pacífica dos freqüentadores dos igualmente populares bailes de charm (nome dado ao soul moderno, em versão mais melosa).

O estilo de rap funk predominante é o *miami bass*. Foi a partir dessa cena que o americano **Tony Garcia** conquistou um espaço surpreendente nos bailes e na mídia cariocas. A vendagem de seus discos supera com folga os últimos Titãs e Paralamas Do Sucesso. Entre os produtores mais importantes estão os DJs **Marlboro** e **Ademir Lemos** ("O Rap Da Rapa") e ainda uma multidão de MCs e equipes de som. Uma das maiores apostas são as **Funk Girls**, o primeiro grupo feminino de rap do Brasil. Gravam pela Kaskata's.

No charm a nova aposta é o cantor **Edmon**, com disco recém-lançado pela Sony.

GARAGE
BARULHO NOS BARES

Desde a geração de 84, São Paulo mostrou forte tendência a abrigar grupos independentes com inspiração nos movimentos de "vanguarda" do rock. Nos anos 90 outra geração criou um movimento autodenominado garage rock.

Nessa onda deslizam variantes que vao desde os psychobillys como **S.A.R.** e os **Devotos de N.S.ª Aparecida**, adeptos do novo rock inglês — **Pin Ups, Killing Chainsaw** —, fissurados do rhythm'n'blues como o **The Charts, Diorama** e **The Ultimates**, discípulos do revisionismo heapsicodélico dos anos 60 e 70, inspirados no som de Seattle, como **Mickey Junky, Burn, Garage Fuzz, Holy Bitch, Stigmata** e **Cold Turkey**.

O renovado cenário de Curitiba abriga a mistura de thrash e psychobilly d'**Os Cervejas** (um dos mais ativos grupos locais), os veteranos **Missionário, Play Mobils, Sour Puss, Virgínia** e **July Et Joe.**

O Rio de Janeiro comparece com o **Second Come, Beach Lizzards** (grande revelação bubble-gum/punk) e **Medelin**. De Porto Alegre vem **Pére LaChaise, Smog Fog, Ceres, Make-Believe** e o já extinto **Plastic Dream**, que tomou conta das rádios locais (até hoje é um dos mais pedidos) e entupiu de gente todas as casas noturnas por onde passou.

Assim como o pessoal do metal e do hard rock, a turma das garagens acredita no inglês como língua universal do rock e mira o mercado externo. Com público muito restrito aqui dentro, os grupos giram por um circuito underground que se resume ao precursor Espaço Retrô, aos novos Armaggedon e Der Tempel (todos em São Paulo), ao Garage, no Rio, e aos ecléticos Porto de Elis, Ocidente e Fim de Século, em Porto Alegre.

POP

O SILÊNCIO DAS FMS

O pop é feito pata tocar nas rádios, freqüentar os programas de TV, vender milhares de cópias. Enfim, música direcionada ao grande público, que movimenta montanhas de dinheiro. Ou deveria...

O pop rock brasileiro parece traumatizado. Depois do sucesso rápido de uma geração intermediária (leia-se Nenhum De Nós, Uns E Outros e Inimigos Do Rei) e da falência de ícones do mainstream vítimas das estratégias obtusas e interesseiras das gravadoras, e da falta de renovação, pouca coisa boa surgiu para abastecer as rádios e revistas de fofocas.

Os outrora gigantes do pop (Legião, Engenheiros, Paralamas, Titãs e toda essa turma) sofreram os efeitos da retração do mercado e viram suas vendagens despencar sob o avanço da crise econômica, da música sertaneja e, num fenômeno mais recente, da axé music que tomou conta do Nordeste.

Por outro lado, os primeiros lugares das paradas internacionais foram ocupados pelo hard rock de Guns N'Roses, Black Crowes e Skid Row. O reflexo no Brasil foi rápido, aproximando as novas bandas e o público de um som mais pesado.

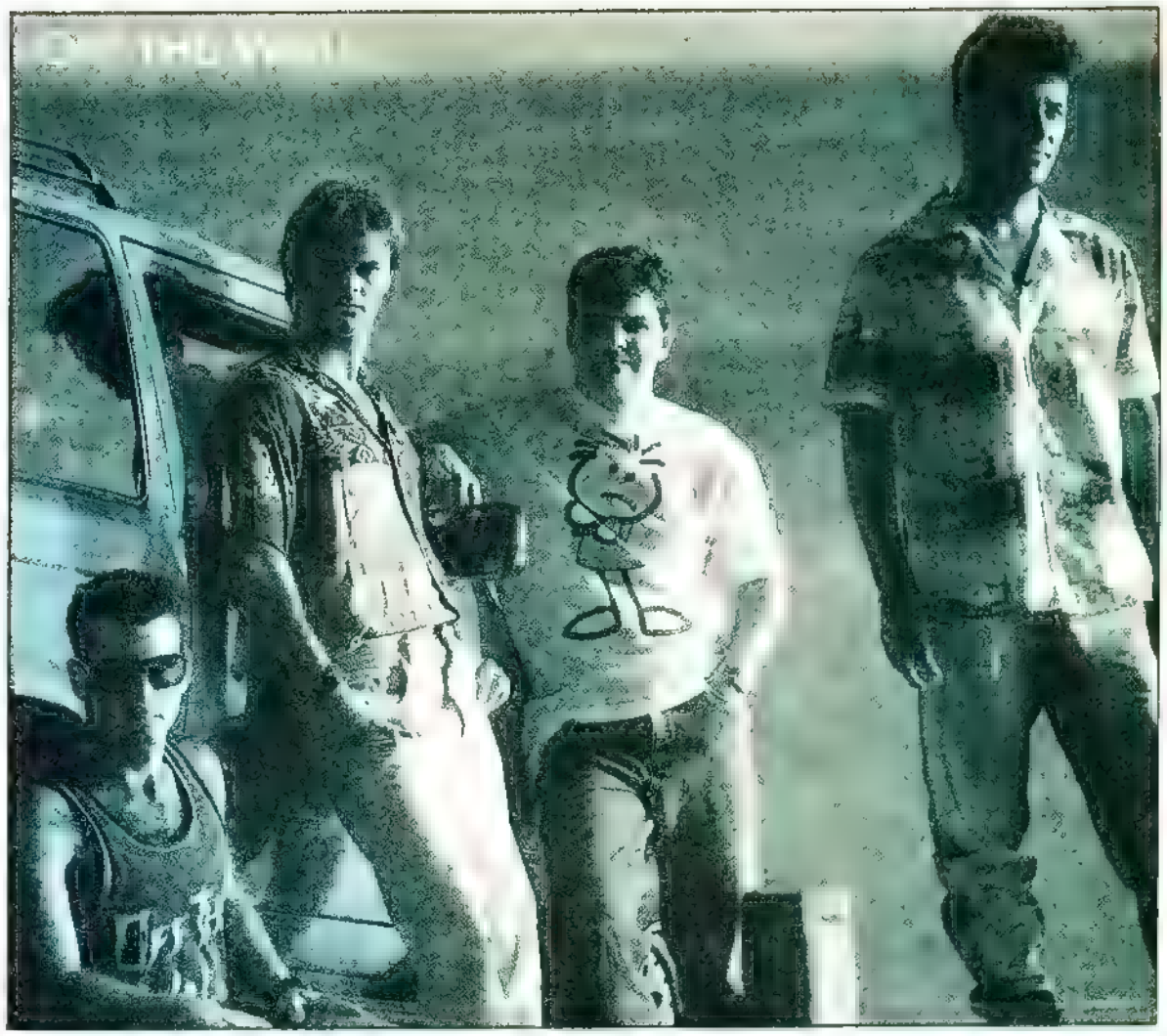
A onda das bandas cover evitou que a moçadinha discípula do pop chegasse às rádios com seu som próprio, relegando-a a shows que sempre deram mais dinheiro do que futuro

O que resta hoje são casos isolados de grupos pop de qualidade, a maior parte deles articulados por veteranos da década passada. Nesta estão **Abrão e Os Lincolns**, **CPSP**, **Plânctons** e **Okotô**, de São Paulo, e **Cidadão Quem**, de Porto Alegre.

Outro grupo gaúcho, o **Off The Wall**, tangencia a trajetória pop se comunicando diretamente com os surfistas, público cativo da banda no Brasil inteiro. São ainda um dos grupos mais pedidos nas rádios de Porto Alegre e trilha constante para o programa *Ombak*, da MTV.

O Rio de Janeiro apresenta grupos como **Ossos d'Ofício**, **Baby Boom** e **Dr. Rock**, todos enfrentando dificuldades para se apresentar. De lá ainda ressurgiu do limbo o Biquini Cavadão com o hino dos manés, "Zé Ninguém". Num fenômeno extemporâneo.

O que sobra pelo Brasil são xérox de Legião e Engenheiros, que perderam a real noção do pop e dificilmente conquistarão um lugar ao sol. Ao que parece, quem procura pop aqui acha hard rock, metal, sertanejo e baianidade.



SABOR BRASIL

BATUCADA DEVAGAR

O rock dos anos 80 renegou as raízes da música brasileira, que só foram retomadas no fim da década. Grupos como Paralamas, Legião e Picassos Falsos usaram elementos nativos em algumas músicas, mas nao chegaram a fazer disso um movimento consistente

As iniciativas até agora são todas isoladas, com exceção da axé music baiana. Carlinhos Brown, Olodum, Margareth Menezes e Araketu se tornaram material de exportação de primeira ordem. **Daniela Mercury**, agora na Sony, se infiltrou nas rádios do Brasil inteiro e seus shows no centro do país chegam a ultrapassar a lotação das apresentações pelo Nordeste.

A **Banda Bel** fez o caminho inverso. Foi descoberta pelos japoneses, fizeram alguns shows pelo Oriente e acabaram de volta à modorra do mercado brasileiro. Por aqui ainda é pouco conhecida sua mistura de ritmos brasileiros com rock, mas o selo Tinitus — uma boa jogada articulada por Pena Schmidt, ex-Warner — está preparando o LP de estréia

MATTOLI & OS GUANABARAS

Em São Paulo o samba rock, inspirado na levada de guitarra de Benjor, resistiu numa quase marginalidade através do selo Som De Valente e do trabalho de **Benê Alves**, **Álvaro**, **Dhema** e **Luiz Wagner**. A maior aproximaçao que o estilo teve com a geração Aeroanta aconteceu através de **Mattoli & Os Guanabaras**, um grupo de brancos que surpreendeu o gueto black e conseguiu até colocar uma música numa coletânea da Band Brasil, rádio FM que reserva bom espaço para o samba rock.

Outra iniciativa isolada é a do **A Mosca**, do Rio, que junta letras concretistas cabeça, tropicalismo e modernices

REGGAE
NACIONAL E POPULAR

Em 90.91 o reggae ressurgiu no Brasil de maneira inesperada e bem mais fiel ao original jamaicano do que qualquer incursão no gênero já perpetrada por aqui nas décadas anteriores

Até mesmo o Maranhão, que nunca tinha dado as caras no cenário pop, se revelou um efervescente foco regueiro. Chegou a ser chamado "a Jamaica brasileira", graças à infinidade de radialistas e equipes de som dedicados ao estilo e a um grupo de cegos chamado **Tribo De Jah**. Eles já estão com disco independente pronto.

As noitadas das danceterias paulistas, principalmente Aeronata e Dama Xoc (já extinto), esquentaram com o embalo lotando de surfistas e outros adeptos do reggae. Novos grupos entraram na onda. **Nomad**, **Vaca de Pelúcia**, **Pacíficos da Ilha**, **Sinsemilla**, **Walking Lions** e **Fábrica Fagus** — vindo da geraçao funk e misturando tudo — fizeram a festa da moçada ao lado dos DJs Otávio Rodrigues, Jai Mahal, Arthur Veríssimo e China Kane

Enquanto isso, a Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro, assistia entre um tiroteio e outro a uma explosão regueira. Foi de lá que saiu o **Cidade Negra**, **KMD 5**, **Suburbanda**, **Usmindingus**, **A Força da Gravidade**, **Baixáfrica** e mais uns tantos. Quem até agora se deu melhor foi o Cidade Negra, com um contrato com a Sony Music e um hit nas rádios e MTV, "Falar a Verdade".

O reggae baiano tomou forma e gosto próprios, se misturando aos sons dos blocos e dos trios elétricos. A coletânea *Reggae Bahia* reúne alguns dos maiores expoentes locais, como **Tony Matéria**, **Bena Roberto**, **Auto Reverse**, **Rita de Cássia**, **Moisés Ramsés**, **Réquiem Napalm**, **Ilú Batá** e **Venício Toledo** e o **Malukosamba**, uma das melhores coisas de que se tem notícia nos últimos tempos. O Malukosamba mescla o Two Tone de Specials, Madness e companhia com Jorge Benjor, filtrado psicodelicamente por Mutantes. Eles atualmente estão sediados em Chicago (EUA) e ameaçam uma carreira internacional promissora

Belo Horizonte também mostra serviço no estilo com o dance hall do **Skank**, grupo formado por um ex-tecladista do Sepultura — acredite se quiser.

A movimentação reggae deu uma esfriada em 92. Mas, pelo bom desempenho do Cidade Negra, deve reacender.

ELETRÔNICOS
O GUETO AVANÇA

Por incrível que pareça, a música eletrônica foi o berço do novo rock brasileiro, com o já citado compacto de estréia do Agentss. Os eletrônicos tiveram seus altos e baixos no mundo inteiro, mas sempre resistiram se diversificando em uma grande quantidade de facções. Atualmente se dividem basicamente entre os "aggrepóides" pós-EBM e os "psicotrônicos" subversivos

No Brasil, o techno (nada a ver com o estilo de dance music homônimo) sobrevive graças a um gueto bem informado e ativo. A coletânea *Minimal Synth Ethics Vol. I* sintetiza o que há de melhor por aqui. Ela reúne grupos dos mais conhecidos, como o **Harry**, que já tem um EP e dois LPs editados, o **Símbolo** (também com disco na praça) e gente nova. Entre esses estão **Bad Cock**, **Individuall Industry**, **No Adress**, **C.P.C.**, **R.M.S.** (de Porto Alegre), **Komandh 45** e **Jungle Bells**.

São Paulo abriga a maioria dos grupos de techno. Além dos incluídos nesta coletânea, há o **Tek Noir**, que cruza techno e pop, e o **Lore** (de Campinas), que faz uma tentativa no gênero no EP *Uncontrolable*. E mais: **Anjo Corporation**, **Third World Fear**, **The Morgue**, **Vanishing Point**, **Loop B**, **Perverse Mind**, **Volv Uncion** e **Hades**.

O Rio Grande do Sul serve de base para **Spiral Fense**, **Swan Point** e o **R.M.S.**; o Rio de Janeiro, para **Self** e **KKK** (King Or The Kingdom Knowledge); e até mesmo Goiás, para o **The Burbs**.

O CAMINHO DAS PEDRAS

Gravadoras

WARNER — Rua Itaipava, 44. CEP 22461. Rio de Janeiro, RJ. Diretor Artístico: Nelson Motta.
BMG — Rua Santa Clara, 50. CEP 22041. Rio de Janeiro, RJ. Diretor Artístico: Miguel Plopschi.
POLYGRAM — Av. Érico Veríssimo, 918. CEP 226000. Rio de Janeiro, RJ. Diretor Artístico: Mayrton Bahia.
SONY MUSIC — Praia do Flamengo, 200, 15.º andar. CEP 22210. Rio de Janeiro, RJ. Diretor Artístico: Marcos Kilzer
EMI — Rua Menna Barreto, 151. CEP 22271. Rio de Janeiro, RJ. Diretor Artístico: Jorge Davidson.
CONTINENTAL — Av. do Estado, 4667. CEP 01515. São Paulo SP. Diretor Artístico: Mauro Almeida.
ELDORADO — Rua Pires da Motta, 820/830. CEP 01529. São Paulo, SP. Contato: Luciano Freire.
RGE — Av. Marquês de São Vicente, 1584. CEP 39002. São Paulo, SP. Diretor Artístico: Antônio Carlos Carvalho.

Selos

Metal/Hard Rock

COGUMELO — Av. Augusto de Lima, 399. CEP 30190. Belo Horizonte, MG.
BRZ — Caixa Postal 300. CEP 07111. Guarulhos, SP.
HELLION — Rua 17 de Março, 185. CEP 09880. São Bernardo, SP.
HEAVY METAL ROCK — Av. Washington Luís, 513. Americana, SP
WOODSTOCK — Rua Dr. Falcão, 157. CEP 01007. São Paulo, SP
DYNAMO — Caixa Postal 6229. CEP 01064. São Paulo, SP.
HEAVY — Caixa Postal 24047. CEP 20522. Rio de Janeiro, RJ.
DEVIL — Rua 24 de Maio, 62, ojas 343/345. CEP 01041. Sao Paulo, SP
HEAVY METAL MANIAC — Rua 24 de Maio, 62, oja 308. CEP 01401. São Paulo, SP.
ROCK BRIGADE — Av. Paulista, 2073, sala 1417. CEP 135900. São Paulo, SP.

Eletrônicos

CRI DJ CHAT — Caixa Postal 42791. CEP 04299. São Paulo, SP.

Dance/Rap/Charm

TNT — Rua Anibal Teófilo, 272. CEP 02865 São Paulo, SP
KASKATA'S — Rua Oratório, 1991 CEP 09280. Santo André, SP.
FIVESTAR (Chic Show) — Rua Mário de Andrade, 31. CEP 01154 — São Paulo, SP.
STILETTO — Av. Sen. Casemiro Rocha, 378. CEP 04047. Sao Paulo, SP.
ZIMBABWE — Rua Estevão Helwadgan, 130. CEP 02466 São Paulo, SP.

Vários

BARATOS AFINS — Av. São João, 439, Loja 318. CEP 01035. São Paulo, SP
WOP BOP — Rua Barão de Itapetininga, 255, loja 25. CEP 01042. São Paulo, SP
TINITUS — Rua Sabará, 533. CEP 01239. São Paulo, SP
NATASHA — Rua Dias de Barros, 43. CEP 20241. Rio de Janeiro, RJ

MÍDIA

Rádio

BRASIL 2000 FM — (Programa Clip Independente — sexta-feira às 23h00) — Rua Pedro Soares de Almeida, 74 CEP 05029. São Paulo, SP
97 FM — Av. Glda, 45 CEP 09190. Santo André, SP.
UNIVERSIDADE FM (Programa Toca Fitas — Domingo as 17h30) — Rua Paula Frassineti, 42. CEP 20261. Rio de Janeiro, RJ
FLUMINENSE FM (Programa Contracapa — terça-feira as 21h00) — Rua Visconde de Itaboraí, 184, 10.º andar. Niterói, RJ
96 FM (Programa Demo Trip — sem dia e horário definidos ate o fechamento da revista, com estreia prevista para este mês) — Rua Pedro Gama, 31 CEP 42230. Salvador BA.
IPANEMA FM (Programa Hora do Demo — blocos diários distribuídos entre 20h00 e 24h00) — Rua Delfino Riet, 183. CEP 90630. Porto Alegre, RS
ESTAÇÃO PRIMEIRA FM (Programa Estação Metal — segunda-feira às 23h00) — Contatos: loja Jukebox, Rua Treze de Maio, 731. CEP 80510. Curitiba, PR

TV

MTV (Programa Demo MTV — quinta-feira às 22h30 e segunda-feira à 01h30) — Rua Prof. Afonso Bovero, 52. CEP 01254 São Paulo, SP.

Revistas

BIZZ (Conexão Brasil) — Av. Nações Unidas, 5777, 3.º andar. CEP 05477. Sao Paulo, SP
ROCK BRIGADE (Demo Assault) — Av. Paulista, 2073 sala 1417. CEP 01331. São Paulo, SP.
DJ SOUND (Versão Brasileira) — Caixa Postal 37715. CEP 22642. Rio de Janeiro RJ

COLABORARAM ARTHUR G. COUTO D'ARTE, BELO HORIZONTE; HAGAMENON BRITO E LUIS CLAUDIO GARRIDO, SALVADOR; ENEAS NETO E RUSCOE MACIEL, ELETRONICOS; JOAO PEREIRA DA SILVA, METAL; CAMILO ROCHA, RAP/DANCE; CASSIO LEITE, RIO DE JANEIRO; GILSON DA LOSA, PORTO ALEGRE; LUIZ GUSTAVO DIAS, CURITIBA; OTAVIO RODRIGUES, REGGAE

EDIÇÃO E ORGANIZAÇÃO: CARLOS EDUARDO MIRANDA

Adquirindo no mínimo 01 fita VHS Polygram, você participa do sorteio do dia 10/09/92, concorrendo aos seguintes prêmios:

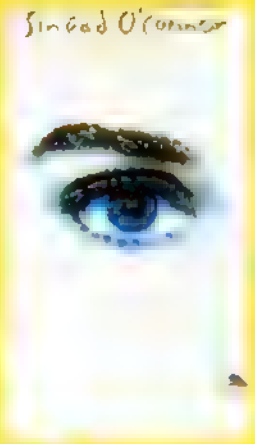
- 01 conjunto de **som Phillips mod. 9100**
- 01 conjunto de **10 fitas musicais Polygram**
- 01 assinatura semestral da **Revista SET**

E só responder a pergunta, preencher o cupom e enviar.
A promoção é válida para cartas postadas até o dia 30/08/92.

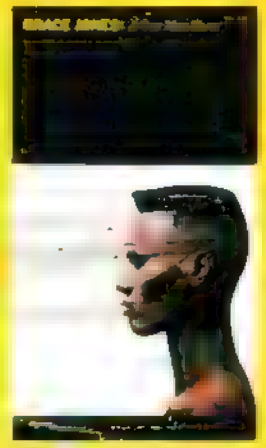
PRÊMIOS

01 ☐

02 ☐

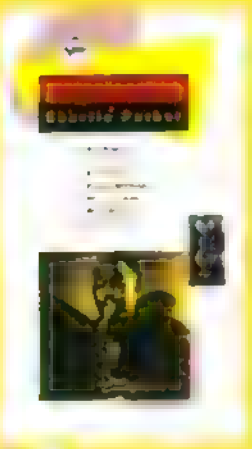


03 ☐



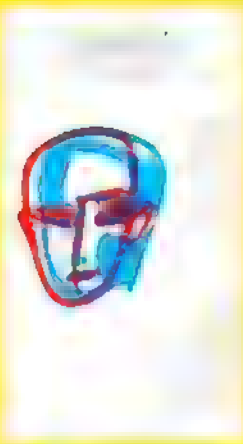
04 ☐

05 ☐



06 ☐

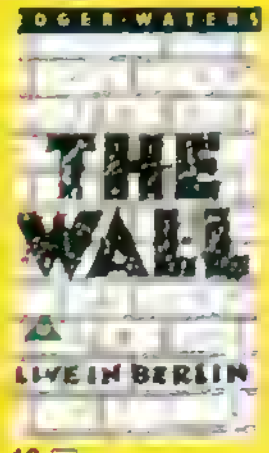
07 ☐


08 ☐

09 ☐

10 ☐

11 ☐

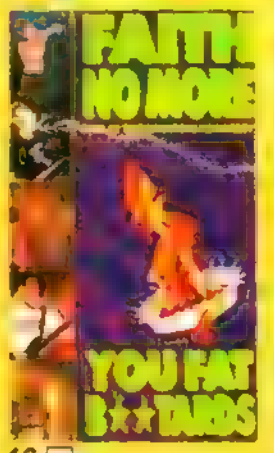


12 ☐

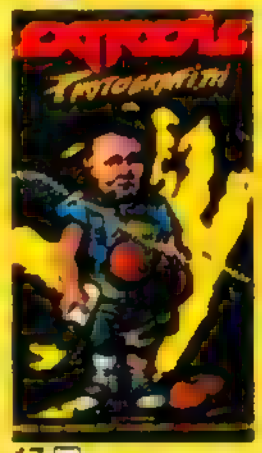
13 ☐

14 ☐

15 ☐



16 ☐



17 ☐

18 ☐

19 ☐

20 ☐

21 ☐

Marques Rebelo

Pergunta **Qual o nome da Empresa que está promovendo este concurso das fitas de vídeo Polygram?**

Resposta: _____

Nome _____

Rua _____

Bairro _____

Cidade _____ CEP _____

Estado _____ Fone _____

Assinatura _____

Desejo receber a(s) seguinte(s) fita(s)

Cód.	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11
Quant											

Cód.	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21
Quant										

☐ Estou enviando junto com este cupom pagamento em cheque nominal à **M.L. Distribuidora Ltda. - R. Itapeva, 125 - 01332 - São Paulo - SP**

☐ Prefiro pagar pelo cartão de crédito: ☐ Credicard ☐ American Express ☐ Dinners ☐ Visa

Nº do cartão _____ Válido: ___/___/___

Preço Unitário: Cr$ 129 000,00 Total: _____ Fitas

Valor Total Cr$ _____

Frete e IPI inclusos

VIDEO M.L
M.L. Distribuidora Ltda.

M.L. Distribuidora Ltda. - Rua Itapeva, 125 - CEP 01332 - São Paulo - SP.
Fones: (011) 284-0979/287-6035/287-4546 - FAX: (011) 288-8279

PolyGram Video

UMA MENSAGEM PARA AS PISTAS

Prepare-se para dizer "deee-political". O Deee-Lite voltou e acrescentou ao seu "global groove" doses cavalares de política e contestação. O resultado está em *Infinity Within*, o novo álbum do grupo.

Em 90, o Deee-Lite era a coisa mais vibrante dentro da cena pop. Com seu primeiro álbum *World Clique*, eles conseguiram trazer o pop para dentro da dance music. Fizeram o mesmo que o De La Soul havia feito com o rap em seu disco *3 Feet High And Rising*. Citações e samples absurdos (como Herbie Hancock na trilha de *Blow-Up*), referências inesperadas (holografia, aldeia global), resultando numa house psicodélica com grande débito ao P-funk de George Clinton.

Além da sonoridade, depois do Deee-Lite nenhum grupo de dance music poderia deixar de ter imagem + estilo. Com o estouro de Groove Is In The Heart", perucas, plataformas, macacões com estampas de Pucci, anéis e medalhões "flower power invadiram as lojas de todo o mundo

Na esteira de seus clipes, o cromaqui (sobreposição de imagens feita na ilha de edição) se tornou um dos recursos mais usados em 90 91. "Groove...", o primeiro single do grupo e seu maior hit, levou o Deee-Lite do anonimato ao megaestrelato em apenas quatro semanas, espaço de tempo necessário para que a música fosse lançada e chegasse ao número um da parada pop inglesa, em setembro de 90. Num período um pouco maior, chegou ao número 5 da parada americana.

Acostumados a se apresentar em pequenos clubes, eles se viram elevados à condição de megagrupo e cheios de obrigações como divulgação em TVs, viagens promocionais, autógrafos e turnês. O primeiro grande show de sua vida foi no Rock N'Rio, em janeiro de 91. A apresentação, prejudicada por problemas que iam de inexperiência para lugares grandes até som ruim, acabou esfriando o impacto do grupo na mídia brasileira.

Mas a crítica internacional não parou de encher a bola do grupo. O NME, por exemplo, disse que cinco minutos de Deee-Lite correspondiam a toda a carreira do U2.

Além de "Groove...", o grupo conseguiu emplacar mais dois números um na parada dance americana, "Power Of Love" e "Good Beat". Depois de um 91 intenso, o Deee-Lite foi cuidar da vida. Kier e Dmitry desfilaram para o estilista francês Therry Mugler. Kier ainda participou com as cantoras Corina, Crystal Waters, Kim Gordon (Sonic Youth), Kate Pierson (B-52's) e Tina Weymouth (então no Talking Heads) de um spot publicitário pela legalização do aborto nos EUA.

Towa Towa e Dmitry se dedicaram à discotecagem nos melhores clubes de Nova York e Londres, além de remixar a cantora Ultra Naté e produzir o grupo Basscut.

E agora, quase dois anos depois do lançamento de *...Clique*, o Deee-Lite traz em *Infinity Within* promessas de um som mais agressivo e tecnológico. Tudo isso somado à despreocupação com as paradas de sucesso. Lady Kier se manifesta: "Não estamos nisso pelo dinheiro. O que importa é a música".

E fica difícil imaginar o sucesso nas paradas de uma música intitulada "I Had A Dream I Was Falling Through A Hole In The Ozone Layer" (Sonhei que estava caindo por um buraco na camada de ozônio!).

Mas não é só de ecologia que fala o novo Deee-Lite. Sexo seguro em "Rubber Love", antibelicismo em "Riding On Through". O primeiro single é "Runaway", inspirado no livro *On The Road*, de Jack Kerouac e é o mais pop do disco. O clip será dirigido por Gus Van Sant (diretor de *Garotos De Programa* e do clip de "Under The Bridge", do RHCP).

Com este álbum o Deee-Lite parece pronto para provocar outro "clique" no mundo mantendo o groove no coração. *MAURO BORGES*

O Deee-Lite novo contém muitas idéias politicamente corretas, além dos ritmos intergalácticos de sempre

NA CAMA COM DEEE-LITE

"RUNAWAY", O SINGLE

Kier: "Chamamos vários amigos nossos DJs nova-iorquinos (*figurões como Frankie Knuckles, Todd Terry, Masters At Work*) e mostramos as novas músicas. Pedimos sua opinião sobre qual deveria ser o single e 'Runaway' ganhou".

SAMPLEAR

Kier: "O sampler, quando bem usado, pode ser um recurso muito criativo. Mas não se deve ignorar o lado ético da coisa".

O SUMIÇO DE TOWA

Kier: "Towa nunca teve a intenção de deixar a banda. É que ele odeia excursionar, prefere ficar trabalhando em casa". Dmitry "Como não somos um tipo tradicional de banda de 'rock'n'roll', não existe uma obrigação dos três estarem sempre juntos para fazer as coisas".

OVNIs

Kier: "Acreditamos em seres extraterrestres. Eu já cheguei a ver um OVNI". Dmitry: "No álbum novo sampleamos um som de OVNI, de uma gravação feita por um camponês suíço". *C.R.*

THE HONEYCOMBS

Começo dos anos 60. Na velha Inglaterra, os sons da música pop reverberavam por todo lado — logo iriam se espalhar pelos quatro cantos do mundo. Tão revolucionária, a música pop inglesa daquela época se dividia em duas tendências: 1) *beat*, uma mistura de pop/rock americano com *music-hall* e 2) toda aquela cena *fake* do rhythm & blues de Londres, que misturava confusamente os mais variados estilos de blues e r&b de Chicago, Memphis e New Orleans.

The Honeycombs escapava a qualquer dessas duas vertentes. Seu som era pop, sem dúvida, mas sob a produção de Joe Meek ganhava personalidade e colorido, com o toque excêntrico e sempre experimental que o brilhante e genial produtor imprimia às suas produções.

O grupo formou-se em '63 com o nome The Sheratons e tinha um trunfo — a bateria era tocada por uma garota, Honey Lantree. Descobertos num pub londrino por Alan Blaikley e Ken Howard, aceitaram mudar o nome para Honeycombs aproveitando o carisma de Honey Lantree, compondo um nome original que sugeria trocadilhos ligados à profissão que exerciam paralelamente à música — todos eram cabeleireiros de meio período.

O sucesso espetacular do primeiro single, "Have I The Right", se espalhou pelo mundo; imediatamente seguiram em longa excursão pela Europa, Austrália e Ásia. Com a produção de Meek, mais as canções de Howard e Blaikley, os Honeycombs montaram uma qualificada discografia, um tanto complicada, pois diversos singles foram editados somente nos países onde eventualmente se apresentavam ou onde eram extremamente populares, como Dinamarca, Noruega e Alemanha. Um LP ao vivo foi editado somente no Japão em 65, um disco que, por sua raridade e por ser um dos únicos registros ao vivo da época, se tornou lendário.

O relativo sucesso dos Honeycombs durou cerca de dois anos; chegaram às *charts* inglesas em apenas quatro ocasiões; o LP *All Systems Go!*, que tem uma ousadia experimental surpreendente (e uma canção inédita de Ray Davies), saiu na Inglaterra com um atraso de dois meses em relação ao Japão. Desde o começo conviveram com o caos: o líder Martin Murray deixou o grupo imediatamente após a edição do primeiro single. Honey Lantree monopolizava as atenções e era mesmo um tremendo fetiche. Mas isso não deve ter ajudado na união do grupo. O cantor Denny D'Ell, que Meek comparava a Gene Pitney e Tom Jones, foi durante todo tempo negligenciado e colocado num segundo plano, apesar da sua versatilidade e talento.

No começo de 67, se viram abandonados por Howard e Blaikley, que passaram a escrever para Dave Dee, Dozy, Beaky, Mick & Tich e o The Herd, de Peter Frampton. Em fevereiro de 67, Meek cometeu suicídio, e a separação, que já tinha sido considerada, se consumou. D'Ell ainda gravou alguns singles solos, mas os outros desapareceram sem deixar traço. Nunca saberemos por que Honey abandonou de vez o *show-biz*. Será que retornou aos pentes, tesouras e laquês? *RENÉ FERRI*

DISCOGRAFIA SELECIONADA

The Honeycombs
(?/64 Pye/Inglaterra)
In Tokyo
(11/65 Pye/Japão)
All Systems Go!
(1/66 Pye/Inglaterra)
Em 1991, *In Tokyo* foi finalmente lançado na Europa em CD pela Pye

saúde e sabor
tablete
VALDA
goma de mascar
à venda
nas farmácias

O CONTRA-ATAQUE DO GARAGE

Dance também tem sua música de "garagem". Só que, enquanto no rock o termo garagem é associado a coisas rústicas, na dance, garage representa sofisticação

Garage, ou garage house, é onde o house fica mais melódico, chique e retrô: a fronteira com a boa e velha *disco* e quase sempre embaçada. O garage é o território dos potentes vocalistas (na maioria mulheres), orgãos de timbres antigos, arranjos elaborados, pianos cheios de classe, violinos e metais. E fruto de uma tradiçao que começa no gospel, passa pelo soul e finaliza na *disco*

Na verdade, garage é a *disco* que nunca morreu, mas permaneceu no underground durante os anos 80 e veio sofrendo modificações. O nome vem da discoteca Paradise Garage, em Nova York, que todo mundo cita (até quem não foi, sendo que muita gente nunca foi e diz que foi) como uma das melhores pistas de dança da historia. A atmosfera era positiva e divertida, o publico era misto (tanto racial quanto sexualmente) e sem encanaçao. O DJ Larry Levan virou um mito. A música que ele tocava (de tudo, até Clash, mas com uma ênfase na *disco* dos selos Salsoul e Philadelphia Int'l e o melhor do underground dance dos anos 80) influenciou toda a primeira geração classificada como garage

Esta ganhou alguma evidência por volta de 87 com o trio Blaze e os produtores Paul Simpson e Ralphi Rosario. Mas foi nos fins de 88, com o fim da onda acid, que surgiram os primeiros hits garage. Adeva (produzida por Simpson) com "Respect", Chanelle com "One Man", Jomanda com "Make My Body Rock" e o remix de Danny D para "I'm Every Woman", de Chaka Khan. Depois o estilo perdeu terreno para novas facções: italo house, hip house, Soul II Soul, ambient house e tecno

Mas Nova York e Nova Jersey (os centros do garage com os selos Big Beat, Strictly Rhythm) não pararam de produzir o som, so que em variações mais radicais. De repente duas traduçoes do garage para uma linguagem mais pop, "Gypsy Woman", de Crystal Waters, e, alguns meses depois, "Finally", com Ce Ce Peniston, se tornaram mega-hits. O garage se viabilizara comercialmente de novo produzindo os melhores hits de pista dos ultimos meses

Hoje o garage é a musica que interessa na dance, atropelando a monotonia tecno. Quase todos os produtores importantes de dance estão fazendo produções ou remixes garage: Dave Morales, Frankie Knuckles, **Steve 'Silk' Hurley**, Tommy Musto, Todd Terry, Masters At Work (Little 'Louie' Vega e Kenny 'Dope' Gonzalez) e C & C

SHARON REDD

disco diva que cantou clássicos como "Beat The Street" e "Can You Handle It" morreu em maio, aos 44 anos, depois de contrair pneumonia. Sharon tinha acabado de excursionar por clubes europeus com o DNA, com quem havia regravado este ano sua "Can You Handle It", de 81

Na coluna do mês que vem um "quem é quem" do garage por verbetes, de Adeva a Urban Soul

NAS PISTAS

"Keep On Walkin'" **CE CE PENISTON** (A&M)
E a velha historia. Remixes principais de Steve 'Silk' Hurley mais versoes de seus pupilos E-Smoove e Maurice Joshua. E fórmula, tudo bem, mas brilhante e eficiente

"I Gotta Hold On U" **MAURICE JOSHUA** (ID)
Remixes de (dááá... adivinhe) HURLEY! E-SMOOVE! MAURICE JOSHUA! O pior é que sempre e bom

"Closer" **MR. FINGERS** (MCA)
"Always" **URBAN SOUL** (Cooltempo)
Dance music no seu mais chique e sutil Finger é Larry Heard, influente produtor da primeira turma de house de Chicago. O Urban Soul por questão de centímetros não iguala aqui seu "Alright", do ano passado

"In The Closet" **MICHAEL JACKSON** (Epic)
O que aconteceu com Frankie Knuckles? Seus remixes para MJ são chatice pura. O contrario pode ser dito das versoes de Tommy Musto: incendiarias!

"Ride On The Rhythm" **LITTLE LOUIE VEGA & MARC ANTHONY** (Atlantic)
...mais rap de Doug Lazy, linha de piano dos Basement Boys e um novo remix. Quer mais?

"Workout" **FRANKIE KNUCKLES feat. ROBERTA GILLIAM** (Virgin)
Dave Morales faz um remix ultra-sofisticado e salva a faixa da caretice que anda assolando o trabalho de Knuckles.

"Please Don't Go" **KWS** (Network) ou **DOUBLE YOU** (ZYX)
Por favor, ea... para bem longe

"Your Love" **CHIC** (Warner)
Ame isso! Remixes de Frankie Knuckles, Nellee Hooper (Soul II Soul) e Boilerhouse.

"Make It Happen" **MARIAH CAREY** (Columbia)
Clivilles e Cole matam a pau, emprestando um pouco do classico da gravadora Salsoul, "Doctor Love", do First Choice

PARADA

EUA Billboard 6/6

"Closer" MR. FINGERS *MCA*
"In The Closet" MICHAEL JACKSON *Epic*
"Still In Love With You" MELISSA MORGAN *Pendulum*
"Club Lonely" LIL LOUIS & THE WORLD *Epic*
"Set Me Free" CLUBLAND *Great Jones*

INGLATERRA Music Week 30/5

"Raving I'm Raving" SHUT UP AND DANCE *SUAD*
"Jump" KRIS KROSS *Ruff House*
"Keep On Walkin'" CE CE PENISTON *A&M*
"Papua New Guinea" FUTURE SOUND OF LONDON *Jumpin' & Pumpin'*
"Back To The Old School" BASSHEADS *Deconstruction*

Absurdo!!!

Os suecos do Army Of Lovers têm de sobra uma mercadoria rara no pop de hoje: humor

E como se o ABBA tivesse tido dois filhos: um e o bem-comportado, certinho, obediente e tira notas altas na escola — se chama Roxette. O outro e atrevido, espalhafatoso, ama vida noturna e tem um senso de humor absurdo — se chama Army Of Lovers.

Quem ja ouviu "Crucified" sabe do que estamos falando: aqueles violinos, aquela guitarra a la "Peter Gunn", aquele coro que vai subindo ate o ponto de explosão. Parece que esses três cidadãos suecos ai de cima passaram a vida tendo os cerebros bombardeados com referencias kitsch da historia. Acrescentamos algumas boas ideias de refroes e melodias pegajosas e pronto: sucesso na Europa inteira.

Agora o ADL prepara-se para a conquista dos americanos. "Crucified" sobe veloz para o topo da parada dance dos EUA. Por aqui, muitas pistas ja estão tocando a musica. Com sorte, pode se ver o clip da musica alem do outro, "Obsession" — na MTV. Quanto ao lancamento de seu excelente disco *Maximum Luxury Overdose*, a gravadora ainda está no "talvez"

CAMILO ROCHA

AO VIVO

PE

JAM/L7/FUGAZI
vood Palladium (Los Angeles)

A causa era nobre — angariar fundos para a campanha política em prol da legalidade do aborto nos Estados Unidos — e Los Angeles — representada por meninos e meninas, mães e filhas — compareceu em peso ao Palladium para dar apoio e demonstrar suas convicções, hiperlotando o velho salão de bailes por onde já passaram até os Rolling Stones em tempos idos.

Não que o elenco de bandas escalado para animar a noite não fosse atraente o bastante e é até provável que muita gente tenha ido ao Palladium sem a menor noção de que direitos civis estavam em jogo. Além da trupe teatral (e meio caidaça) Torture Chorus e das ferozes Lunachicks (cujo EP de estréia, *Babysitters on Acid*, acabara de ser lançado), três pilares do rock alternativo americano completavam o cast: Pearl Jam, L7 e Fugazi.

O L7 é a atual sensação do circuito underground angeleno, um quarteto feminino que tem sido comparado sistematicamente aos Stooges e que acaba de lançar seu primeiro álbum para uma grande gravadora, *Bricks Are Heavy*, produzido pelo mesmo Butch Vig que focou a furia cega do Nirvana. Sob o comando da guitarrista e vocalista Suzi Gardner (alguém disse "Keith Richards de saias?"), o L7 incendiou a platéia e os animais que habitam o *mosh pit* (com mais mulheres do que de costume, sem fricções desnecessárias) com um massacre sônico impulsionado por canções (tijoladas?) como "(Right On) Thru", "Shove" e "This Ain't Pleasure". Que ataque! São de fazer os Ramones parecerem The Nelson Neds!

O Pearl Jam veio em seguida, em meio a um crescimento de popularidade fabuloso que ja o consagrou como "the next big thing" a ter saído de Seattle. O PJ foi violentamente atacado por Kurt Cobain, acusado de agente oportunista do *mainstream* que se infiltrava na alma (pura?) do underground, sem valor musical, ideológico ou artístico. Pura demagogia de superstar patrulhinha, papo de doidão metido a estadista: o Pearl Jam é uma das melhores bandas americanas em atividade, e ao vivo bota no bolso grande parte da competição, inclusive o trio do Sr. Cobain (visto pela última vez fazendo papel de malditinho para a platéia do programa humorístico *Saturday Night Live*... vamos parar de cruzadas e relaxar?)

O Pearl Jam apresentou uma versão hiperabreviada de seu show normal, enfatizando as chamadas "crowd-pleasers" "Alive", "Once" e "Porch", durante a qual Vedder (forte candidato ao trono de Rei dos Baixinhos do Império dos Pintores de Rodapés) "nadou" sobre a platéia, um expediente que ele repete (ad nauseaum, tá na hora de mudar o act) junto com seu hábito característico de começar o show de boné para, vai das tantas, tirá-lo com um golpe de pescoço. Por vezes o guitarra Mike McReady tem lá uns ataques de Richie Sambora, mas passa logo e a sessão rítmica da banda — o baixista Jeff Ament e o baterista Dave Krusen — é simplesmente letal. Se o PJ passar algum dia pela sua frente, não perca

O fim da noite foi reservado àquela que é talvez a mais íntegra do rock americano, o Fugazi — tão contra o establishment do rock que se nega até hoje a assinar com uma gravadora que não seja independente (o selo com quem trabalham, Dischord, imprime nas capas o preço individual de cada disco, para impedir armações) e se recusa terminantemente a vender nos shows ou fora deles camisetas com o logo ou a cara da banda. Liderada pelo ex-guitarrista e vocalista do Minor Threat — Ian McKaye — o quarteto de Washignton, D.C., era, de longe, a banda mais politizada da noite, e o repertorio refletiu essa orientação: "KYEO" (sobre opressão), "Shut the Door" (antidrogas) e a mais apropriada para o evento, "Reclamation", um hino a favor da escolha individual que cada mulher deve ter antes de se decidir (ou não) pelo aborto que abre o álbum *Steady Diet of Nothing*.

JOSE EMILIO RONDEAU

Mike McReady (PJ)

Fotos: Reina

VOLKANA
Aeroanta (SP)

Sessão maldita no Aeroanta. No palco, Marielle, a vocalista da *Volkana* dá um tempo nos megatons sonoros pra dizer que "vocês são do caralho". A audiência revida à altura.

Segundos antes eles se revezavam nos mergulhos à frente do palco. "O cara ali da câmera pediu pra vocês zoarem bastante aqui na frente", avisou Mariellle. Nem precisava pedir. Os *headbangers* estavam ali pra isso.

As imagens fariam parte do material de trabalho que vai acompanhar o lançamento do CD *First* na Europa e nos Estados Unidos através do selo *Cellulloid* — o álbum saiu aqui no começo do ano passado. As meninas — e o baterista Sérgio, é claro — sabem muito bem o que isso significa.

Classificadas pela mídia sensacionalista de "gostosas do metal", elas mostraram competência. E isso sem rasgar a seda ou calçar coturnão. São profissionais e tocam como tal. No repertório do Aeroanta, algumas surpresas além dos já conhecidos misseis de *First:* quatro músicas do álbum novo a ser lançado. Nelas, a guitarra de Karla, chegada na ligeireza dos Ramones, se choca com o estilo heavy de Selma, produzindo um efeito que ainda pode vir a ser considerado o estilo da banda. Por enquanto, tudo ainda está muito envolvido em brumas.

Por falar nisso, a banda *Avalon*, que abriu o show, também sabe com quantos decibéis se estoura um tímpano. Destaque para a performance do gatésimo vocalista Ico, que, no final do show, voltou para uma canja junto com Marielle.

NEUZA PARANHOS

SEXPLÍCITO/GAROTOS PODRES
Aeroanta (SP)

Pode parecer esdrúxula a mistura de Sexplícito com Garotos Podres. O que eles têm em comum é serem duas bandas em atividade por quase uma década, fora do grande circuito. Para ambos nunca foi fácil gravar discos e, com raríssimas exceções, conseguir espaço nas rádios.

Vê-los em ação depois de tanto tempo, em plena forma, é de encher o cara de respeito e esperança. Os dois grupos melhoraram.

Para o Sexplícito a parada podia ser dura. Perderam o guitarrista John, que barbarizava geral no instrumento. Em compensação, a nova integrante no cargo, Georgia, não deixa barato e se mostra absolutamente desenvolta e com personalidade suficiente para fazer esquecer as guitarras originais. O vocalista Rubs Troll assumiu com competência uma guitarra base, Marompas inventa preservando a sutileza no baixo e Roger Bacoon se mostra cada vez mais afiado na bateria

Agora é que se nota que as músicas malucas do quarteto mineiro que ameaçavam se tornar datadas são na verdade atemporais.

Os Garotos Podres também fizeram bonito se revelando clássicos do punk nacional. Dez mil vezes melhores do que a maioria das bandinhas que tentaram concorrer à vaga. Receita: simplicidade, honestidade e fúria. Noitada classe *A*.

CARLOS EDUARDO MIRANDA

VIRNA LISI
Aeroanta (SP)

Imagine a cena: um grupo de moleques bem-nascidos dançando pogo ao som de um detono noise com reco-reco (!?!). Não, não estou delirando. Se você já viu algum show deste liquidificador sonoro mineiro, sabe exatamente do que estou falando. Sob uma parede pra lá de barulhenta, os caras fazem a festa: thrash, samba, hardcore e outras piraçoes menos cotadas. Mas tudo fica com cara de Virna Lisi.

A receita até que é simples. Cozinha coesa, guitarras bem sacadas e vocal desesperado mas sincero. E autenticidade.

Os roqueiros mais caretas torcem o nariz para esse papo de misturar samba com o bom e velho rock'n'roll. Se você também acha isso, então está na década errada. Volte para Elvis, Beatles ou Yes, porque a linguagem dos anos 90 é crossover total. O que vale é a roupagem.

No caso do Virna Lisi, ela é original e simpática. Cantam em português e não soa cafona. Usam reco-reco, repinique e tamborim no palco e não embarcam na síndrome de Olodum. Um guitarra é cabeludo e o outro quase skin. Isso não se chama falta de personalidade; é apenas maturidade.

E, pela quantidade de entendidos boquiabertos depois do detono dos mineiros, parece que o negócio funcionou. Se você também achava que não havia vida inteligente no rock brasileiro cantado em português, então pode respirar aliviado.

BETO GUIMARÃES

MANO NEGRA/ARA KETU
Concha Acústica (Salvador)

Faltaram as dançarinas seminuas e os fogos de artifício comuns às performances da banda no exterior, mas em compensação o octeto francês Mano Negra provocou com um rock competente, misturado e altamente energético, um torpor quase hipnotico às quase cinco mil pessoas que lotaram a Concha Acústica para assistir ao show conjunto com o grupo afro-pop Ara Ketu, inaugurando o projeto Cargo 92 no Brasil, uma explicita homenagem francesa aos 500 anos de Descobrimento da América.

O Ara Ketu abriu a noite com uma poderosa fusão de ritmos afro-brasileiros temperados em alta tecnologia. Foi uma espécie de aquecimento para a turnê européia que percorre 13 cidades e deve acabar em agosto. Extremamente dançante, a banda liga o tribalismo primitivo na tomada, e o resultado é uma música altamente criativa e madura. Um passo à frente ao que foi feito recentemente por aqui.

Já o Mano Negra mostrou por que é considerado o grupo de rock francês mais coeso e importante do momento. Liderado pelo tresloucado guitarrista e vocalista Manu Chao, o octeto não deixou a meninada sentada e atacou em três horas de espetáculo um vasto repertorio de 27 canções cantadas em inglês, francês, espanhol e árabe, percorrendo todas (eu disse todas!) as vertentes do rock atual. Assim, pode-se conferir num mesmo tema gêneros antes considerados impermeaveis, como o rockabilly, folk francês, funk-metal, raggamuffin' e punk à Clash — evidentemente a maior influência da banda. E para quem ainda tinha alguma dúvida, os rapazes dardejaram um irrepreensível *cover* de *I Fought The Law* — um dos melhores momentos do Clash. E certo que os mais interessados nas batidas baianas não entenderam ou se entusiasmaram muito com a nova proposta. Quem entendeu deleitou-se. Afinal, choque cultural é normal.

LUIS CLAUDIO GARRIDO

- Trabalhamos com os catálogos anteriores
- Preços válidos até a próxima edição da revista

NEW ROCK

REF.286 REF.287 REF.288 REF.289 REF.279 REF.285 REF.284 REF.292 REF.293 REF.296 REF.290 REF.291 REF.294 REF.297 REF.298 REF.301 REF.302 REF.303 REF.295 REF.300 REF.299 REF.244

PREÇOS

Manga Curta (MC) Cr$ 44 000,00
Manga Longa (ML) Cr$ 54 000,00
Blusão Moletom (MT) Cr$ 80 000,00
Calça Moletom (CL) Cr$ 80 000,00
Bermuda Moletom (BM) Cr$ 54 000,00
Bone (BO) Cr$ 75 000,00
Manga Curta Simples (MS) Cr$ 30 000,00

- Preços especiais para revendedores
Fone (011) 280-2952

As Bermudas (BM), as Calças (CL) e os Bones (BO) estão disponíveis na cor preta e nas seguintes referências
BM_1 - CL_1 - BO_1: Metallica
BM_2 - CL_2 - BO_2: Guns N Roses
BM_3 - CL_3 - BO_3: Faith No More
BM_4 - CL_4 - BO_4: Iron Maiden
BM_5 - CL_5 - BO_5: Caveiras
BM_6 - CL_6 - BO_6: Skid Row
BM_7 - CL_7 - BO_7: Sepultura
BM_8 - CL_8 - BO_8: Suicidal Tendencies
BM_9 - CL_9 - BO_9: Red Hot Chili Peppers
BM_{10} - CL_{10} - BO_{10}: Ratos de Porão
BM_{11} - CL_{11} - BO_{11}: Slayer

REF.304 REF.249 REF.275 REF.215 REF.269 REF.242 REF.251 REF.240 REF.267 REF.258 REF.305 REF.032 REF.307 REF.308 REF.282

ATENÇÃO! COMO COMPRAR:

- Envie o cupom ao lado corretamente preenchido para NEW ROCK: R. Capote Valente, 242 CEP 05409 - São Paulo - SP
- [illegible] Devem vir acompanhadas de seu pedido em forma de cheque nominal a NEW ROCK. Os preços médios do Sedex são de Cr$ 8 000,00 (Região Sudeste) e de [illegible] (Demais Regiões)" Se as despesas forem maiores que os valores acima, a diferença será acrescentada ao valor total a pagar no correio ou debatida se as despesas forem menores.
O correio mandará um "Aviso de Chegada" entre 8 a 15 dias, após o envio de sua carta. Você tem até 7 dias para retirar a encomenda, após receber esse aviso.
S[illegible] ATENDEREMOS SEU PEDIDO SE AS DESPESAS DO SEDEX FOREM ANTECIPADAMENTE PAGAS

MOD	REF	COR	TAM	MOD	REF	COR	TAM

TOTAL DA COMPRA CR$ _____
NOME _____
END _____
_____ Nº _____
CIDADE _____
CEP _____ EST _____
FONE _____ RG _____

ESTE MÊS CARÍCIA VAI ARREPIAR!

PATROCÍNIO:

BIZARRE

Fashion Beauty Center

APOIO:

BAND FM

NOSSA EQUIPE VIAJA VARIG

DISCOS

SLAYER

Decade Of Aggression — Live

(Def American/PolyGram)

O Slayer forma, junto ao Metallica e ao Anthrax, a tríade máxima do metal atual. Ao contrário dos outros dois, que enveredaram por estilos mais enxutos - o primeiro com aproximações a um pop épico e o outro ao rap —, o Slayer se manteve fiel ao thrash radical. Por isso mesmo permaneceu alheio à invasão do mercado *mainstream* no estilo.

Em compensação seus fãs não têm do que reclamar. A pancadaria dos caras é cada vez mais furiosa e coerente. Foram-se os tempos em que a imprensa arrepiava os cabelinhos da nuca com as mensagens satanistas da banda. O mundo se revelou bem mais endiabrado do que qualquer brincadeirinha de cruz virada possa ser. E é isso mesmo que o Slayer soa hoje: feroz, mas com humor e um bocado chegado a um terror de histórias em quadrinhos.

Dez anos se passaram desde que este quarteto de Los Angeles começou a arrebentar tímpanos. Sua carreira foi meteórica e econômica — só haviam lançado cinco albuns antes deste, sendo que um ao vivo. O som dos caras é uma das coisas mais simples da história do rock'n'roll: uma levada de baixo bateria ultraveloz e guitarras ensurdecedoras, tudo servindo de moldura para um dos vocais mais cavernosos do thrash.

A aproximação do grupo com Rick Rubin (chefão da Def American, produtor do Cult, do Run DMC e do Public Enemy) a partir do disco *Reign In Blood*, de 87, tornou-os uma das bandas mais barulhentas do planeta. Foi o mesmo Rubin que produziu este *Decade Of Agression*. Louco de pedra, o produtor mixou as guitarras mais secas do que nunca e totalmente na cara, deixando baixo e bateria funcionarem como um trovão ao fundo.

O repertório tirado de três shows de uma turnê americana ao lado de Anthrax, Megadeth e Alice In Chains inclui petardos de todos os discos da banda: "Hallowed Point", "Born Of Fire", "Hell Awaits" e "Chemical Warfare" se transformam em uma espiral vertiginosa de poder, peso e velocidade.

"Dead Skin Mask" é uma homenagem a Hannibal Lecter (o canibal de *O Silêncio Dos Inocentes*). "Reign In Blood" é uma violenta tempestade sônica de acordar demônios e "Seasons In The Abyss", uma fantasmagórica interpretação do inferno de Dante Alighieri.

É impossível não se divertir com as pedradas sonoras desferidas por Tom Araya e sua legião satânica.

EVIL OTTO

AVALIAÇÃO
- INDISPENSÁVEL
- BOA PEDIDA
- VALE CONHECER
- NÃO FAZ FALTA
- MANTENHA DISTÂNCIA

DISPONÍVEL EM
- CASSETE
- COMPACT DISC

URBAN DANCE SQUAD
Life'N Perspectives Of A Genuine Crossover
(Arista/BMG-Ariola)

Impossível pensar numa formação mais adequada do que a do Urban Dance Squad para expressar aquilo que poderia ser a definitiva miscigenação da música pop. Aí estão um nativo do Suriname, um indonésio e três holandeses às voltas com um quebra-cabeça sonoro montado a partir de fragmentos do "paideuma" qüintessencial: Jimi Hendrix, Bob Marley, Sly Stone, Otis Redding, Afrika Bambaataa e todos os "pretos-véios" do Mississippi.

Em 89, o álbum *Mental Floss For The Globe* (lançado no Brasil somente em 91) anunciou as intenções da turma, arrancando elogios de gente como Rick Rubin, Anthony Kieldis e Vernon Reid. O rapper Chuck D foi ainda mais longe — declarou à revista *Blues & Soul* que o UDS era seu grupo predileto e, não satisfeito em tê-los na abertura dos shows de Public Enemy, se ofereceu para produzir e remixar suas próximas gravações.

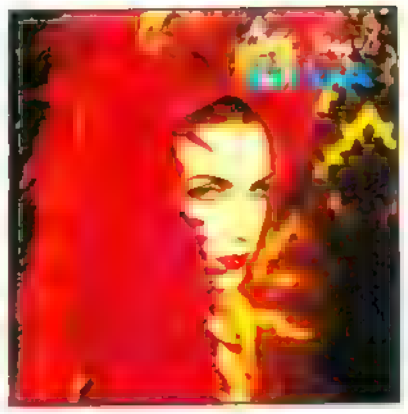
Life'N Perspectives... ainda não é este ansiado *crossover*, mas deixa pistas do que está por vir.

Nesta nova empreitada, o Urban Dance Squad pegou leve nos samplers e deu maior organicidade às suas criações. Fazendo com que gêneros díspares se chocassem uns contra os outros, o quinteto conseguiu as fagulhas necessárias para detonar nada menos que quatorze artefatos (dezessete no CD importado) de altíssima combustão.

As surpresas que o disco reserva vão se sucedendo com uma velocidade que rouba o fôlego: "Careless" é um rap manemolente em baixa rotação azeitado por guitarras *à la* Steely Dan e vinhetas de jazz. Por seu turno, os riffs de Tres Manos dão um verniz *country'n'rapper* à faixa "(Thru) The Gates Of The Big Fruit", "Mr. EZ-way" põe suíngue no thrash e "Routine" surrupia a introdução que os Animals haviam bolado para sua versão de "House Of The Rising Sun", embora acabe soando mesmo como um mix de Captain Beefhart com ritmos caribenhos.

No quesito "estranho no ninho", "Bureaucrat Of Flaccostreet" garante nota máxima ao propor um *groove* por onde passeiam trechos de raga hindu, efeitos de *phaser* psicodélicos e a monodia do canto-chão sacro católico romano. O caos *era* o limite.

ARTHUR G. COUTO DUARTE



ANNIE LENNOX
Diva
(RCA/BMG-Ariola)

A ex-vocalista do Eurythmics cercou-se de músicos de primeira — Doug Wimbish (atual baixista do Living Colour) e Steve Jansen (baterista do finado Japan, aqui na programação da eletrônica) são dois exemplos — para gerar um álbum rico em canções. Que, graças a sua voz e ao uso perspicaz de teclados não caem no descarte imediato. Algumas faixas lembram a antiga dupla com Dave Stewart, caso de "Little Bird". A maioria, no entanto, tende para o soul, como comprova a bela "Precious". É e aliviante perceber que ainda existem microespaços de inspiração em letras que falam sobre o amor. "Cold", imbuída de sintetizadores em animação quase suspensa, funciona como uma prece no gênero *...ES*

RIGHT SAID FRED
Up
(Charisma/BMG-Ariola)

Devemos levantar as mãos para o céu por este disco ter aparecido. Num período em que o pop, de um extremo a outro, está equivocadamente se levando muito a sério, o escracho do RSF é um alívio para olhos e ouvidos.

"I'm Too Sexy" sacaneia o mundo dos modelos com mais esperteza que qualquer abordagem bicho-grilo de, digamos, Tracy Chapman. "Deeply Dippy" é cabaret descarado. A cafoníssima e pegajosa "Don't Talk Just Kiss" conta com os berros da antológica diva Jocelyn Brown. Richard Fairbrass é um vocalista pop perfeito: bom de tão ruim, engraçado e muito particular.

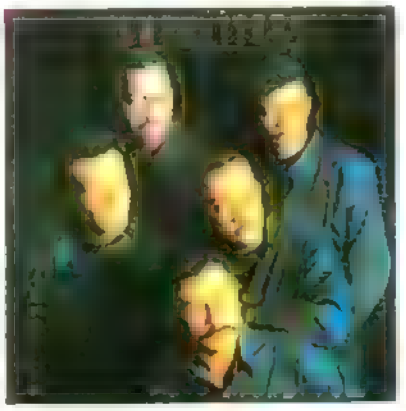
A ordem é não encanar e ferver muito. Detalhe: esse disco foi inspirado por Jimi Hendrix. Absurdo? Nada, afinal Hendrix era um cara que tinha sexo e diversão como prioridades. *CR*

DEF LEPPARD
Adrenalize
(Vertigo/PolyGram)

A primeira metade dos 80 foi fogo na roupa: até o hard rock burro de FM era legal. Vide os titãs transatlânticos da baba, Bon Jovi e Def Leppard.

Mas, se o BJ era americanão, estrelão, o Def sempre fez mais a linha "slade": proletário, branquelo, assexuado, repetitivo e meio desconfortável no superestrelato. Beburs britânicos. E mesmo assim venderam *muito*. Só do penúltimo *Hysteria*, foram treze milhões de cópias.

Passada "a maldição do Def Leppard" — não bastasse o baterista Rick Allen perder um braço, o guitarrista Steve Clark ainda deu um jeito de se matar de overdose no ano passado —, *Adrenalize* traz mais do mesmo: hard rock populista de extremo refinamento técnico, com melodias ganchudas e refrões bons de berrar no chuveiro. As melhores são o hit "Let's Get Rocked" (inspirada por Bart Simpson) e "White Lightning", homenagem a Steve Clark. O resto é glam rock 90, só que sem glamour, nem suor. *AF*



THE TEMPTATIONS
Milestones
(Motown/PolyGram)

"Viemos de uma época em que o estúdio era pequeno e gravávamos em dois canais. Tínhamos de parar toda vez que a descarga do banheiro era acionada durante as sessões. Agora, estamos a anos-luz de distância, gravando num equipamento *state-of-art* em um estúdio de primeira e usando 48 canais." É o que revela orgulhoso Otis Williams — membro original e atual líder dos Temptations — na contracapa deste qüinquagésimo (!) álbum do grupo. Pena que a criatividade transbor

dante dos anos 60/70 pareça aqui correr em sentido inverso ao das melhorias tecnológicas. Nem a releitura de "Get Ready", de Smokey Robinson, emplaca. *C.P*

IAN GILLAN
Toolbox
(East West/Warner)

Tentando agradar tanto aos veteranos do metal quanto a geração pos-Metallica, Gillan acaba enchendo o saco de ambos. Com isso, fez de *Toolbox* um disco de pura exibição, em que ele grita como um louco, redundando nas qualidades vocais que o consagraram no Deep Purple. Nesta tentativa de ressuscitar um cadáver salvam-se a boa produção, o guitarrista Steve Morris e as faíscas de um convincente metal tradicional de "Hang Me Out To Dry" e das duas partes de "Dancing Nylon Shirt". *C.E.M*

2 UNLIMITED
Get Ready!
(ToCo/PolyGram)

Nos últimos meses, duas faixas dance se destacaram pela capacidade instantânea de levar multidões ao frenesi e não desgrudar da cabeça: "Finally", de Ce Ce Peniston, e "Get Ready For This", do 2 Unlimited. O hit do 2U é ensandecido: o riff-rajada é adrenalina pura e o *groove* é um chicote. É uma aula de como converter uma forma mais radical (tecno) em pop de primeira. No resto do disco, o grupo bem que tenta repetir a dose, mas nada se compara. *C.R*

ROBERTO DE CARVALHO
(Warner)

Insatisfeito em fazer pontas nos discos da esposa, o "Yoko Ono" versão nacional arrisca sua carreira solo num álbum que toda criatura de bom senso julgaria menos pior se fosse instrumental. Pontos a favor, como o bom naipe de metais em duas faixas e algumas sacadas de produção (dele mesmo) são anestesiados pela sua voz e por letras que põem em dúvida sua idade mental. Para quem não acredita, há "Porta Da Perdição", um "heavy metal" em que Roberto uiva e causa gargalhadas. *J.J.E.S.*

SOUNDGARDEN
Badmotorfinger
(A&M/PolyGram)

O quarteto formado por Chris Cornell (vocal), Kim Thayil (guitarra), Hiro Yamamoto (baixo) e Matt Cameron (bateria) é uma das maiores expressões do som de Seattle. Estreou em 87 com os EPs *Screaming Life* e *Fopp* (depois reunidos num único disco) e lançou mais dois álbuns pela Sub Pop — *Ultramega OK* (88) e *Louder Than Love* (90) — antes deste *Badmotorfinger* (91), primeiro por uma grande gravadora e com o baixista Ben Fhephert no lugar de Yamamoto. E já contam com um novo single intitulado *Jesus Christ Pose...*

Mas, além disso, você deve ter ouvido outras coisas sobre o Soundgarden: que é chato, que é lento, que é uma imitação do Black Sabbath ou que tem o cantor mais sexy da cena musical americana atual.

Tudo isso é mais ou menos verdade. Mas também é vero que a crítica de rock, como que infeccionada pelo solapamento ideológico que grassa no nosso mundão, também desistiu de suas utopias.

Já se acreditou que gente como Lou Reed, Ian Curtis e Chrissie Hynde tinha seguido a trilha roqueira para ao menos resvalar no cerne de nossa alma miserável.

Hoje, se bobear, vai ter alguém chamando esses ex-profetas de "malas".

Toda essa enrolação é para explicar o seguinte: não dá para reduzir uma banda como o Soundgarden a adjetivos do tipo "lento", "chato" etc. Os caras acertam na atitude, tocam muito bem e têm um cantor fenomenal.

Em *Badmotorfinger*, eles expelem revolta para todos os lados — mas não é o destrutivismo do Nirvana, algo aparentemente derivado de uma simples inoperância cerebral.

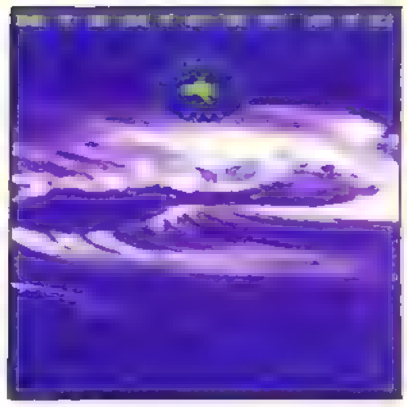
O Soundgarden é muito mais esperto. Nirvana manda um *fuck off* para o planeta por absoluta falta do que dizer. Chris Cornell vomita o mesmo vitupério, mas nesse caso a escolha é dele.

O grupo não expressa niilismo de fachada. É heavy metal no que o rótulo abarca de melhor: inferno musical pessoal, guitarras que grudam como eletroímãs, vozes terminais.

Parece Black Sabbath, parece Led Zeppelin, parece Jethro Tull.

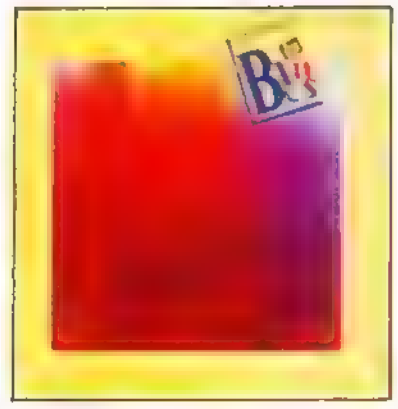
Ou melhor, não parece nada.

ALVARO PEREIRA JR.



MIDNIGHT OIL
Scream In Blue — Live
(Columbia/Sony)

O "Clash australiano" nunca escondeu suas intenções políticas/ecológicas — bem distantes de piegas como Tracy Chapman e Sting — e sempre acompanhou-as com a devida pauleira sonora. O que se reforça ainda mais nesta coletânea de gravações ao vivo, registradas em sua terra natal entre 82 e 90. Do pique de "Brave Faces", passando pelo instrumental da faixa-título até chegar na pesada versão de "Beds Are Burning", aqui o "santo da casa" fez milagre. *C.P*



MADE IN BRAZIL
In Blues
(Vinil)

Tem roqueiro que quando fica velho entra nessa de blues. O Made In Brazil — leia-se Oswaldo Vecchione, baixista e mentor do grupo — abandonou o hard rock "burro-mas-divertido" que sempre detonou, puxou o freio de mão e entrou na jogada. Este álbum duplo ao vivo resultou enfadonhamente longo, mas com momentos compensadores — mérito maior das guitarras de Kim Kehl e Daniel Gerber. Mas só para quem já tem entradas na testa. *E.O*

BOYZ II MEN
Cooleyhighharmony
SHANICE
Inner Child
(Motown/PolyGram)

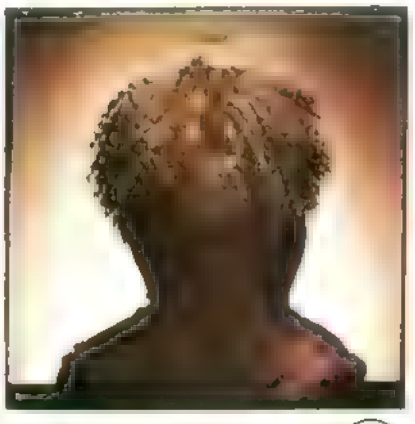
Estes são os dois principais nomes da fase Motown 90, em que o selo está disposto a reabilitar sua marca, tanto nas vendas como na qualidade. O quarteto vocal da Philadelphia Boyz II Men é a grande revelação, apresentando um ótimo disco. Soul moderno, melodias de verdade, doo-wop tecnológico e fúria hip hop convivem em harmonia, conduzidas pelos vocais sublimes. Shanice, do alto de seus dezoitos anos, também impressiona na voz. A música nem tanto: há quatro faixas bem legais, o resto não passa do razoável. *C.R.*

MANO NEGRA
King Of Bongo
(Virgin/EMI-Odeon)

Nunca ninguém assimilou tão bem os preceitos contidos em *Sandinista!*, do Clash, quanto os hispano-franceses do Mano Negra. Em seu terceiro álbum, a banda consegue diversificar os ritmos ainda mais do que em *Puta's Fever* (já editado por aqui), entremeando quatorze faixas com punk, ska, rock, salsa, reggae e valsa francesa, com letras declamadas em inglês, francês e espanhol. A faixa-título (com uma percussão tribal execrando a house music), "El Jako" (que lembra um Gipsy Kings punk), e "Letter To The Censors" (com Manu Chao esgoelando obscenidades aos amigos dos tesouros), tiram a França do débito em matéria de rock. *J.J.E.S.*

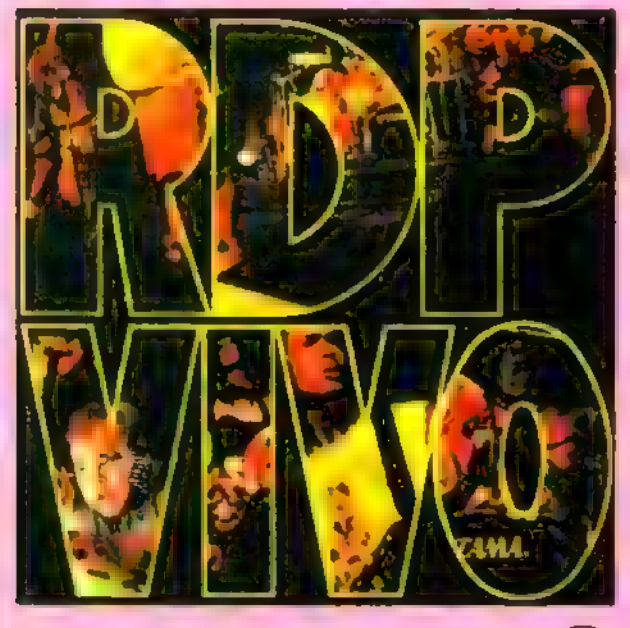
ULTRAJE A RIGOR
O Mundo Encantado Do Ultraje A Rigor
(Warner)

Comandado pelo cantor/guitarrista Roger Moreira, o Ultraje sempre apresentou seu rock'n'roll com humor rasteiro, mas que não rasteja. Esta coletânea mistura hits como "Sexo!", "Pelados" e "Mim Quer Tocar" a versões carnavalescas de "Nós Vamos Invadir Sua Praia" e "Marylou". Destaque para a inédita "Vamos Virar Japonês", um rock sertanejo com participação de Tonico e Tinoco. *C.E.M.*



CHAKA KHAN
The Woman I Am
(Warner)

Poucas cantoras pop têm um alcance e um timbre de voz tão particular como o de CK. Sua carreira contabiliza pelo menos uma dúzia de clássicos. Este disco não traz nenhum candidato ao hall, mas prova que CK continua 100% vozeirão e emoção. Há canções muito boas ("Love You All My Lifetime", "Telephone"), pena que a produção (a cargo de nove nomes) seja tão careta. As duas faixas de Arif Mardin, produtor de quase tudo de bom que CK fez, ficam entre os piores. *C.R.*



RATOS DE PORÃO
RDP Vivo
(Eldorado)

"A apatia é grande e a crise é geral... todo mundo trabalha e se fode o ano inteiro. Chega no Carnaval, é Globeleza... Globeleza... Globeleza..."

Tem uma voz cavernosa escapando do porão. Os Ratos viraram *mainstream* e bode purista à parte pelo fato do João Gordo ter virado figurinha carimbada de mídia — *Veja, Jô Onze E Meia*, casório etc. —, eles continuam fazendo um esporro do caralho. E agora não só para miseráveis espinhudos. Fui para Porto Alegre e adivinha: bem alimentadas garotas de catorze anos defendendo Ratos como melhor banda ao vivo de suas recentemente hormonais vidas.

Tá, não é assim aquelas coisas no quesito originalidade, dane-se, rock'n'roll não é para ser original, nem hardcore. O que interessa é o impacto.

Que nenhuma gravação dos Ratos tinha. Essa, sim, chega perto da porrada que são seus shows. É um ao vivo com clima de ao vivo, conversa do Gordo com a platéia ("chupa meu pau, filho da puta"), guitarra na sua cara. O repertório você já conhece (não? cria vergonha na cara, meu): "Paranóia Nuclear", "Crucificados Pelo Sistema", "Plano Furado I", "Igreja Universal", "Work For Never" do Extreme Noise Terror e mais dezessete lindas canções de ninar. O CD é campeão: tem o show inteirinho, bis incluso.

É engraçado. À primeira vista as letras são uma discurseira desgraçada — e ninguém mais suporta papo militão, Meneghelli falando grosso para a TV e afinando para o Mário Amato quando a coisa aperta. Classe trabalhadora quem, cara pálida?

Mas, prestando mais atenção nas letras, você vai perceber que os RDP não ficam culpando só Collor, Globo, Edir Macedo, milicos etc. pelas atrocidades cotidianas. Os Ratos partem do princípio de que esses caras estão aí para engambelar os trouxas mesmo. A responsabilidade pela chafurdação geral é dos patetas que se deixam enganar por Collor, Globo etc. etc. Assino embaixo: ficar resmungando, culpando os outros e se fazendo de vítima é coisa de frouxo.

E, se resistir ao avanço dos imbecis for demais para você, lembre-se da alternativa. Beber até morrer — essa é a solução. *ANDRÉ FORASTIERI*

EMERALD STEEL
(4.º D/Woodstock)

Legal saber que tem brasileiro nos EUA gravando disco etc. Mas não me venham com essa conversa de "medieval-heavy metal". No verdade, é o mesmo rococó cheio de firulas das bandas mais chatas do estilo. O guitarrista Edward Petersen é um exibicionista, o cantor brasileiro Wagner Gerônimo tem um incômodo timbre estri-

dente e o baixista Maurício DeFendi só deixa saudade da época do Ultraje A Rigor. Perdem de dez a zero para qualquer banda nacional no gênero. *E O*

AYRTON MUGNAINI JR.
A Coragem De Ayrton Mugnaini Jr.
(Polytheme Pam)

Ayrton é um cara honesto e de humor peculiar. Nesta estréia, logo de saída — em "Tributo A Língua Presa" — ele deixa clara a particularidade de sua dicção. Quem tiver coragem que siga em frente com pérolas do absurdo como "Veterinária" ("Se cachorro é ser humano/Homem também é bicho... Veterinária, você tem que me salvar"), Gorda" e "Virginiano". Para pessoas sem preconceitos que, como o compositor, transitem entre chorinho e Ramones. *C E M*

MARVIN GAYE
DIANA ROSS
Motown's Greatest Hits
LIONEL RICHIE
Back To Front
STEVIE WONDER, THE FOUR TOPS E OUTROS
Motown's Love Songs
(Motown/PolyGram)

O lançamento dessas compilações deve ser saudado com festa. As capas são feias, não há informação sobre os artistas, nenhum encarte, enfim, a produção é pobre, *maaaaas*, estão de volta às lojas uma batelada de clássicos. Afinal no Brasil, quem procura um item manjando como "I Want You Back", dos Jackson 5, ainda tem de sujar os dedos nos sebos.

Marvin Gaye, deus do soul, era um cara que tinha mel nas cordas vocais. Esta coletânea passa por todas as suas fases — exceto a de "Sexual Healing", início dos anos 80, quando ele passou para a Columbia —, de "Can I Get A Witness" (63) a "Got To Give It Up" (76). Tem, é claro, o monumento "I Heard It Through The Grapevine".

Diana Ross põe mais coração, sangue e cinismo por nota cantada do que 99% de suas colegas do pop. Esta coleção inclui dos seus primeiros hits com as Supremes, como "Baby Love" e "You Keep Me Hangin' On", até seu groove matador produzido pelo Chic em 80, "Upside Down".

Lionel Richie, com pop/soul de qualidade e excelentes vendagens, foi um dos únicos nomes da Motown dos anos 80 a repetir as glórias passadas da gravadora. Aqui estão os hits de Richie com os Commodores ("Easy", "Three Times A Lady") e solo ("All Night Long", "You Are"), além da dramática "Endless Love", com Diana Ross. Pena que as três faixas inéditas não trazem um Richie dos mais inspirados.

Greatest Love Songs é um grande apanhado de baladas, de "Got To Be There" (Michael Jackson) a "Just My Imagination" (Temptations). Os padrões para baladas soul bem produzidas estão em músicas como estas e valem até hoje no setor.

Quem conhece já deve estar juntando o dinheiro para aquisição imediata dos quatro discos. Quem não, aqui vai a dica: melhor cura para uma cabeça poluída de Axl Rose e Humerto Gessinger não há. *CAMILO ROCHA*

TEARS FOR FEARS
Tears Roll Down (Greatest Hits: 82-92)
(Fontana/PolyGram)

Depois de Curt Smith ter pedido as contas, Roland Orzabal lança essa coletânea com uma faixa inédita. Ela traz as dissertações de botequim sobre aspectos da psicologia moderna em "Mad World", lições de moral em "Everybody Wants To Rule The World" e otimismo míope em "Sowing The Seeds Of Love". Pretensões à parte, é um disco ótimo para quem se liga em melodias tão gruadentas quanto chiclete no asfalto num dia de verão. *J J E S*

LA TOYA JACKSON
No Relations
(ToCo/PolyGram)
JERMAINE JACKSON
You Said,
(Arista/BMG-Ariola)

Uma coisa os irmãos menos privilegiados de Michael Jackson aprenderam com ele: um boa manipulação de mídia pode atrair alguma atenção para cima de você. La Toya apareceu na *Playboy* e lançou uma biografia cheia de podres familiares. Jermaine gravou uma música falando mal de Michael. Acontece que além do falatono, MJ se garante com seu talento para gerar torpedos musicais, o que não existe nos aguados discos de LT e JJ. A dance de LT esvazia até a pista mais voluntariosa. As duzentas camadas de produção de LA/Babyface não salvam a insipidez de JJ. *C.R*

ATLÂNTICO BLUES
A Hora Do Blues
(Chess Carlitos)
RICARDO BLUES GIESTA
(Niterói)

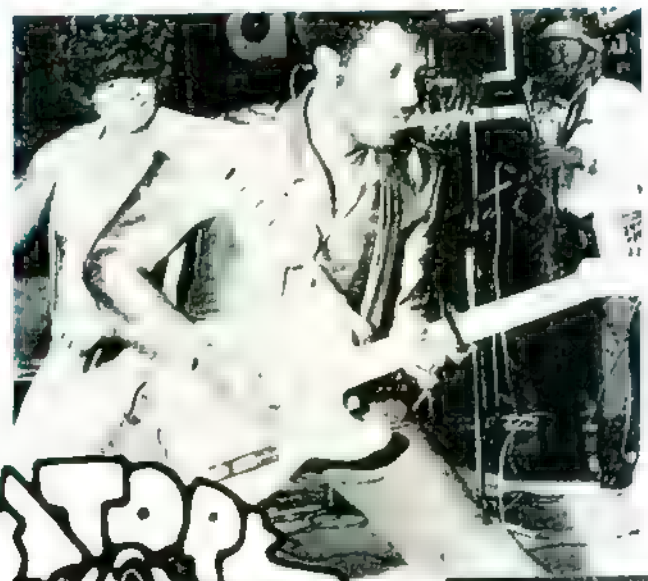
Dois lançamentos independentes de blues dignos de nota, o primeiro surpreendente em capa e produção. *A Hora Do Blues* traz o já veterano — mas pouco conhecido — sexteto encabeçado pelo aficionado do estilo, Carlitos Patrone (gaita/vocal). Com um instrumental exemplar, destacando as guitarras de Maurício Sahadi e Beto Kaiser, o disco do Atlântico Blues rola bem. O primeiro lado é o mais inspirado, com dois belos instrumentais (a faixa-título e "Excitado") e uma versão com a vocalista/guitarrista de Chicago, Joanna Connor, para "Have You Ever Loved A Woman?" (Freddie King). No outro lado, eles só patinam no sax "tema de novela" de "Harlem Nocturno" e nos vocais — onde "Selvagens" se salva, pela levada *hookeriana*.

Mas ainda há a versão de "Woodbound" (do gaitista francês Jean Jacques Milteau) e um *take* alternativo, "100 Destino", para livrar a cara na hora do blues.

Quanto a Ricardo Blues Giesta, tem bons timbres e trabalhos com efeitos no Telecaster, mas se perde quando deriva sua pegada blues para o jazz fusion. *C P*

ABRAÇO NO JACARÉ

Há vinte anos singrando as águas do blues, o selo Alligator agora aporta no Brasil



KOKO TAYLOR, ALBERT COLLINS & A.C.REED

HOUND DOG TAYLOR

O blues chega com luxo no primeiro pacote do selo Alligator, de Chicago, editado por aqui pela Warner. São cinco discos simples e uma coletânea dupla, comemorativa dos vinte anos de atividade da gravadora "criada para fazer um disco", como afirma o *boss* Bruce Iglauer, no livreto incluso no pacote.

No caso, o filho único seria *Hound Dog Taylor And The HouseRockers*, gravado modestamente em 71. Foi ele que abriu as portas para a Alligator arregimentar um *cast* invejável ao longo de duas décadas. Não só revelando talentos (Son Seals, Lonnie Brooks, A.C.Reed), como trazendo mestres lendários para suas fileiras (James Cotton, Clarence "Gatemouth" Brown, Sonny Terry, Albert Collins). E mais: também dando espaço para a música de New Orleans (o *zydeco* de Clifton Chenier e o *boogie woogie* de Professor Longhair e Dr. John), além de servir de ponte para músicos brancos com proximidade com o blues (Roy Buchanan, Loonie Mack e Johnny Winter).

CELSO PUCCI

Os seis álbuns do primeiro pacote

The Alligator Records' 20th Anniversary Collection não é uma compilação nos moldes formais, reunindo os maiores hits do selo em ordem cronológica. Apenas o pontapé inicial é dado por "Give Me Back My Wig", de **HOUND DOG TAYLOR AND THE HOUSEROCKERS**. Daí para frente, a seleção se concentra em material mais recente, sendo que quase dois terços (21 das 35 faixas) são registros entre 84 e 91.

Assim, mais que uma edição histórica, este CD duplo é um verdadeiro painel do blues contemporâneo, unindo novos nomes como **LITTLE CHARLIE AND THE NIGHTCATS** ("Rain") e o trio feminino **SAFFIRE — THE UPPITY BLUES WOMEN** ("The Middle Aged Blues Boogie") e gravações recentes de **JAMES COTTON** ("No Cuttin' Loose"), **CLARENCE "GATEMOUTH" BROWN** ("Born In Louisiana"), **SONNY TERRY** ("Crow Jane") e **ALBERT COLLINS** ("Brick" e "Black Cat Bone", nesta acompanhado de **JOHNNY COPELAND**). Sem contar outras preciosidades: **KOKO TAYLOR** ("That's Why I'm Crying"), o saxofonista **A.C. REED** ao lado de **STEVIE RAY VAUGHAN** ("These Blues Is Killing Me") e o gaitista **BIG WALTER HORTON** ("Trouble In Mind").

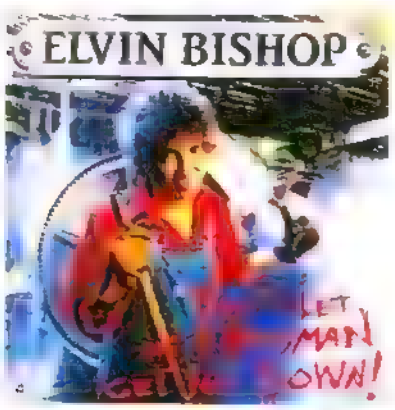
JOHNNY WINTER comparece em dose dupla, destacando **Guitar Slinger** (84), o disco de estréia do texano na Alligator depois de quinze anos gravando pela Columbia. Co-produzido pelo guitarrista e a "cúpula" do selo (Bruce Iglauer e Dick Shurman), o álbum trouxe um ótimo *background* para os estraçalhos de Winter — ou seja, a cozinha dos Icebreakers de Albert Collins (o baixista Johnny B. Gayden e o baterista Casey Jones), o tecladista Ken Saydak e uma sessão de metais de músicos de Chicago. O resultado saiu matador em faixas como "It's My Life, Baby", "Iodine In My Coffee", "Mad Dog" e na balada soul "Kiss Tomorrow Goodbye". O disco foi indicado para o Grammy de melhor álbum de blues e tornou-se o primeiro da gravadora a atingir o *Top 200*.

Seu sucessor — **Serious Business** (85) — obteve repercussão semelhante nas paradas. Basicamente com a mesma banda (sem os metais e com participação do gaitista Jon Paris), o albino não repetiu a inspiração do disco ante-

rior, mas ainda assim se deu muito bem em canções como "Master Mechanic" e "Murdering Blues"

Assim como Albert Collins, **ROY BUCHANAN** — guitarrista branco vindo de Ozark, Arkansas — pôs sua Fender Telecaster a serviço do blues. E dono de um estilo muito pessoal que intercala melodias líricas e solos velozes. Sua técnica seduziu um grande número de admiradores, entre os quais Jeff Beck, que dedicou a ele uma versão para "Cause We've Ended As Lovers" (Stevie Wonder), no álbum *Blow By Blow* (75)

Desde 72, Roy vinha gravando albuns para a Polydor e a Atlantic **WHEN A GUITAR PLAYS THE BLUES** (85) foi sua estreia na Alligator e **HOT WIRES** (87), o terceiro Ambos recomendáveis



Revelado como guitarrista na Paul Butterfield Blues Band, **ELVIN BISHOP** veio ao longo das décadas de 70 e 80 construindo uma carreira solo de sucesso moderado

Este **Don't Let The Bossman Get You Down** capta o guitarrista em seu habitat natural: canções com um pé no rock, na qual as influências de blues e r&b são temperadas por boas doses de pop. *C.P.*

T R I L H A S

A S E G U I R

Psicodelia e pop/rock dos anos 50 em um par de *soundtracks* relançadas em CD

Eis que surgem em som digital os temas musicais de dois filmes cujas trilhas tornaram-se mais célebres que eles mesmos. **Tonite Let's All Make Love In London** (See For Miles) traz duas faixas que o **PINK FLOYD** fase Syd Barrett gravou para um documentário psicodelico feito por Peter Whitehead, em 68: uma versão de quase dezessete minutos para "Interstellar Overdrive" e a inédita "Nick's Boogie" (11:50 min.). Já a trilha de **The Girl Can't Help** (EMI) — comédia de 56 estrelada por Jane Mansfield — reúne baladas de **JULIE LONDON** e **THE PLATTERS** ao rock'n'roll de **GENE VINCENT, LITTLE RICHARD, FATS DOMINO** e **EDDIE COCHRAN.** Nota: boa parte deste elenco de *all stars* faz pontas no filme. *C.P.*

É HEAVY.
É ESPECIAL.

CONHEÇA TUDO SOBRE O METALLICA!

A DISCOGRAFIA E A HISTÓRIA COMPLETA.

21 LETRAS TRADUZIDAS!

NAS BANCAS.

BOLSA DE DISCOS

DISCO DO MÊS: **THE JESUS AND MARY CHAIN Honey's Dead** (Blanco Y Negro/Warner)

Para os lançamentos presentes aqui este mês, as preferências dividiram-se basicamente entre os quatro títulos melhores colocados (com média variando de 8,17 a 7,25), seguidos por outro pelotão onde surgiram embolados outros cinco discos (com notas de 5,25 a 4,18). Mas a vitória folgada foi mesmo do mais recente petardo dos irmãos Reid

COWBOY JUNKIES
Black Eyed Man
(RCA BMG Ariola)

LITTLE VILLAGE
(Warner)

NICK CAVE & THE BAD SEEDS
Henry's Dream
(Warner)

SNAP!
The Madman's Return
(Logic BMG-Ariola)

ERIC CLAPTON
Rush
(Reprise Warner)

	The Jesus and Mary Chain	Cowboy Junkies	Little Village	Nick Cave & The Bad Seeds	Snap!	Eric Clapton
[illegible]	8	0	-	6	0	3
[illegible]	8	7	-	5	5	3
[illegible]	8	9	8	9	6	7
[illegible]	7	6	-	3	8	0
[illegible]	6	9	8	9	4	3
[illegible]	8	8	-	9	6	8
[illegible]	9	9	10	9	7	8
[illegible]	7	9	8	5	7	0
[illegible]	10	9	5	10	6	5
[illegible]	8	7	-	7	5	6
[illegible]	9	8	8	7	4	7
[illegible]	10	9	5	8	5	9

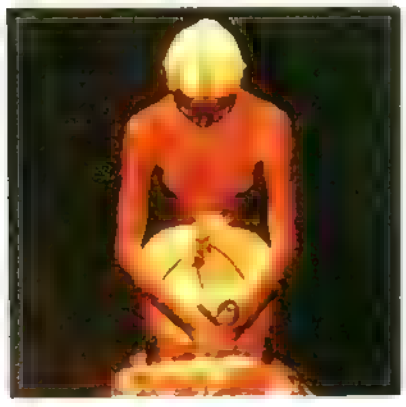
CLASSIFIÇÃO GERAL

ARTISTA/DISCO	MÉDIA
1 THE JESUS AND MARY CHAIN *Honey's Dead* (Blanco y Negro/Warner)	8,17
2 COWBOY JUNKIES *Black Eyed Man* (RCA/BMG-Ariola)	7,50
3 LITTLE VILLAGE (Warner)	7,43
4 NICK CAVE & THE BAD SEEDS *Henry's Dream* (Warner)	7,25
5 SNAP! *The Madman's Return* (Logic/BMG-Ariola)	5,25
6 ERIC CLAPTON *Rush* (Reprise/Warner)	4,97
7 BRUCE SPRINGSTEEN *Lucky Town* (Columbia/Sony)	4,67
8 BRUCE SPRINGSTEEN *Human Touch* (Columbia/Sony)	4,25
9 ADAMSKI *Naughty* (MCA/BMG-Ariola)	4,18
10 TRACY CHAPMAN *Matters Of The Heart* (Elektra/Warner)	3,18
11 MR. BIG *Lean Into It* (Atlantic/Warner)	2 82
12 GUILHERME ARANTES *Crescente* (EMI Odeon)	1 62

GRAVADORAS INDEPENDENTES Chess Carlos [illegible] R. Dirma Urich 201 [illegible] 604 Rio de Janeiro RJ (021) 521 3895 Niterói — Rio de Janeiro (RJ) (021) 710 8248 Polytheme P[illegible] Cx Posta 20 752 São Paulo (SP) (011) 251 3396 [illegible] R. 24 de Maio [illegible] andar [illegible] 348 São Paulo SP Woodstock R. Dr Falcão 15[illegible] São Paulo (SP) [illegible]

"Estou puto da vida e me enchi de aturar essa joça toda." Era o slogan de um dos personagens principais do filme *Network*, um locutor que pirava e se transformava num misto de profeta do apocalipse e *agit prop* de sua emissora. Desde os tempos do Black Flag, Henry Rollins tem uma postura semelhante: onde houver opressão, depressão, repressão ou mera pressão ele estará a postos defendendo o bicho urbano

Mas palanque à parte, este **The End Of Silence** (Imago/BMG) da **ROLLINS BAND** atinge picos de sofisticação. O motivo é uma inusitada mistura de Black Sabbath, King Crimson e Plastic Ono Band, além de um time de instrumentistas da pesada (com o baixista Andrew Weiss e o guitarrista Chris Haskett). *JOSE EMILIO RONDEAU*



Paul Lemos é certamente a pessoa que mais caracteriza o atual cataclismo do som eletrônico, através do **CONTROLLED BLEEDING**

Com o novo álbum, **Golgotha** — lançado pelo selo holandês Staalplaat —, ele reaparece num trabalho que já está sendo considerado pelos especialistas como a cara do som industrial dos anos 90, também conhecido como *ambient noise*.

Em contrapartida, seu outro projeto — **SKIN CHAMBER** — traz um *slow metal* quase Godflesh em **Wound** (Roadracer). Este último recomendado apenas para ouvidos devidamente formatados. *ENEAS NETO*

"Para mim, **MONSTER MAGNET** é indolente e perigoso. Estou fora." Sábias palavras do ex-guru lisérgico Timothy Leary, já que o citado quarteto de New Jersey não é apenas mais uma armação retrô: é a regurgitaçao de todos os clichés possíveis do hard rock e da psicodelia que os punks tentaram enterrar, um dia.

Não fosse assim, como explicar que seu álbum de estréia — **Spine Of God** (Primo Scree) — comece com um solo de bateria *à la* "In-A-Gadda-Da-Vida", inclua uma cover de "Sin's A Good Man's Brother" (Grand Funk Railroad) e jams mastodônticas chamadas "Zodiac Lung" e "Ozium"?

Sarcastico até a medula, o MM não se esqueceu de injetar suas canções com sampleagens de Hawkwind, espirros em *delay*, bongôs, gongos e citaras, além de riffs de guitarra inspirados por doses maciças de THC. Passe o narguile!

ARTHUR G COUTO DUARTE

THE MONKEYWRENCH é o mais novo projeto da Sub Pop. Sua estréia em **Clean As A Broke-Dick Dog** reune integrantes de várias bandas do selo *indie* de Seattle.

Dois são do Mudhoney: Mark Arm (vocal) e Steve Turner (guitarra no Mudhoney, que aqui estréia no baixo). O grupo se completa com os guitarristas Tim Kerr (ex-Big Boys) e Tom Price (ex-U Men), além do australiano Martin Bland, na bateria.

A proposta do álbum é exorcizar qualquer fantasma do blues tradicional, para reencarná-lo de maneira insólita mostrando sua influência sobre o punk. As faixas "Codine" e "Angelhead" são as que melhor representam esta tendência musical do quinteto.

Ou como estampam as *liner notes* na contracapa do disco: "Punk sem o blues seria como um corpo sem espinha". *LEANDRO FORTINO*

"É uma grande banda ao vivo, mas seus discos são umas merdas", decretou Steve Albini sobre o **FUGAZI**, na BIZZ 81. O mestre do noise não deixa de ter razão: é só ver o arraso que o vocalista Ian Mackey promove ao lado dos caras do Ministry no projeto Pailhead para medir o desperdício

Mas em **Stay Diet Of Nothing** (Dischord), eles se autoproduzem e quase chegam lá, em seu disco mais pesado. Um tiquinho mais de podreira e será o Killing Joke/PIL/Gang Of Four para os 90. *ALEX ANTUNES*

Definitivamente, mesmo gravando sob condições primárias, um disco ao vivo pode apreender toda a energia de um grande show de rock'n'roll!

Digo isso em relação a **Don't Let Your Daddy Know** (Bedrock), álbum do *guitar hero* **WILKO JOHNSON**, composto de dois *takes* registrados em clubes londrinos nos idos de 90. Num desses *pubs*, flagrei-o no ano passado com o mesmo show e acompanhamento poderoso do baixista Normand Watt-Roy (ex- Blockheads) e do baterista Salvatore Ramundo. Um palco minúsculo, uma gasta Telecaster, amplificadores valvulados e *pimba!* Pura detonação

Na comparação com o registro do disco, nada se pôs a perder, seja nas extensas releituras do Dr Feelgood ("Roxette" e "Don't Let Your Daddy Know") até o r&b maniaco da carreira solo ("Barded Wire Blues", "Paradise", "Everybody's Carrying A Gun"). *CELSO PUCCI*

VÍDEOS

MOTÖRHEAD
Everything Louder Than Everything Else
Direção: Jeb Rien, 1991 (66 min., hi-fi stereo, SMV)

Não dá para reclamar do Motörhead. Uma banda que consegue detonar um show em 91 com o mesmo pique de treze anos atrás só encontra comparações com Ramones e Cramps.

Abrangendo trechos da excursão européia do ano passado (mais precisamente Munique, Alemanha), depois de três anos sem entrar num estúdio, este vídeo mostra o público em delírio com o retorno da banda. São momentos de desenfreado *headbanging* sob a trilha de clássicos como "Orgasmatron", "Traitor" e, é claro, "Ace Of Spades". Em "Angel City", há uma participação especial das gostosaças do Cycle Sluts From Hell. A música-homenagem "Ramones" está cinqüenta vezes mais feroz que no álbum *1916*. Igualmente massacrantes são "No Voices In The Sky", "I'm So Bad (Baby I Don't Care)" e "Going To Brazil", do mesmo disco.

Ainda sobra tempo para entrevistas interessantes, sacadas na equipe técnica e palhaçadas a cargo de Animal Taylor. Está provado que o Motörhead ainda é uma das melhores bandas veteranas do rock'n'roll.

RENATO YADA

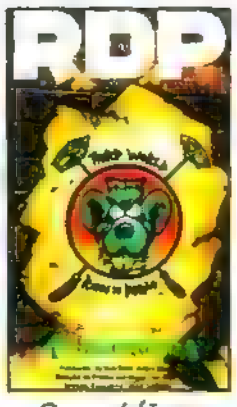
LFI

RUSH
A Show Of Hands
Direção: Larry Jordan, 1989 (90 min., hi-fi stereo, PolyGram)

Além de um show de competência, o video é um espetáculo tecnológico à parte. A qualidade de som, a iluminação e o palco transformam outros concertos de rock em rituais primitivos. As músicas, com exceção de "Closer To The Heart", são da fase mais tecnológica da banda. O destaque fica para Peart. No solo de "The Rhythm Method", ele arrepia a sua Ludwig branca. Lee toca baixo, canta e literalmente pisa na tecladeira. Lifeson abusa dos sintetizadores. *C.L.*

IRA!
O Rock Em Seu Volume Máximo
Direção: José Santoro, 1991 (60 min., Reserva Especial)

Possivelmente seja a fissura em ter um home video no mercado que leve um grupo como o Ira! a embarcar numa produção amadora destas. O som — gravado no show de lançamento do disco *Os Meninos Da Rua Paulo*, em São Paulo — está muito ruim, embolando tudo. As entrevistas e um clip (?) no meio do video são piores ainda. Restam os méritos da banda se apresentar em boa forma e da produtora disposta, a entrar no mercado de vídeos musicais. *C.E.M.*



RATOS DE PORÃO
Anarkophobia
Direção: Mário Vaz Filho, 1991 (hi-fi stereo, Reserva Especial)

Quem é fã mesmo dos Ratos De Porão não vai se importar muito com a má qualidade das imagens dessa produção. Muito menos vai se ligar se as entrevistas com a rapaziada ficam devendo muito a qualquer outra que os Ratos já tenham dado nestes dois anos de muita experiência. O legal mesmo que o som depois de um tropeço inicial é de boa qualidade, que a fúria da banda está toda lá e que tem uma participação especial dos Ramones escondida na fita. *C.E.M.*

Retna

OUTROS LANÇAMENTOS

Sony

STEVIE RAY VAUGHAN *Live At The El Mocambo* (SMV) Concerto de 83 com a banda Double Trouble • **SINÉAD O'CONNOR** *The Year Of The Horse* (PolyGram) Ao vivo gravado em 90 • A ML anuncia que distribuirá para as locadoras vários videos musicais da PolyGram que antes só podiam ser comprados.

IMPORTADOS

ZZ TOP *Greatest Videos (EUA, 91, Warner Reprise)* O acompanhamento visual da coletânea lançada há pouco no Brasil ainda não tem previsão de sair por aqui. Esqueça cérebro e pretensões artísticas e divirta-se com três palhaços barbudos de óculos escuros assistindo ao mundo a bordo de seu veículo, o "Eliminator". Feios e desengonçados, com soluções engraçadas, eles conseguiram se sair bem no videoclip — uma linguagem que aparentemente não havia sido inventada para tipos como eles. *C.R.*

Convenções:
(N) Novidade
(R) Retorno
( ) Posição anterior

[illegible]

1	(11)	*Achtung Baby*	U2	Warner
2	(8)	*Metallica*		PolyGram
3	(1)	*Nevermind*	Nirvana	BMG-Ariola
4	(2)	*Tudo Ao Mesmo Tempo Agora*	Titãs	Warner
5	(12)	*Tears Roll Down...*	Tears For Fears	PolyGram
6	(6)	*Ten*	Pearl Jam	Sony
7	(3)	*Blood Sugar Sex Magik*	Red Hot Chili Peppers	Warner
8	(13)	*Facelift*	Alice In Chains	Sony
9	(17)	*Use Your Illusion II*	Guns N'Roses	BMG-Ariola
10	(4)	*V*	Legião Urbana	EMI-Odeon
11	(15)	*Slave To The Grind*	Skid Row	Warner
12	(R)	*Greatest Hits II*	Queen	EMI-Odeon
13	(5)	*Doubt*	Jesus Jones	EMI-Odeon
14	(N)	*Up*	Right Said Fred	BMG-Ariola
15	(10)	*Prove You Wrong*	Prong	Sony
16	(R)	*Arise*	Sepultura	Eldorado
17	(20)	*Use Your Illusion I*	Guns N'Roses	BMG-Ariola
18	(N)	*Greatest Hits II*	Queen	EMI-Odeon
19	(N)	*Wish*	Cure	PolyGram
20	(18)	*Bossa N'Roll Ao Vivo*	Rita Lee	Som Livre

[illegible]

1	(2)	*Nevermind*	Nirvana	BMG-Ariola
2	(1)	*Metallica*		PolyGram
3	(3)	*Ten*	Pearl Jam	Sony
4	(N)	*Fear Of The Dark*	Iron Maiden	EMI-Odeon
5	(4)	*Blood Sugar Sex Magik*	Red Hot Chili Peppers	Warner
6	(17)	*Honey's Dead*	Jesus And Mary Chain	Warner
7	(N)	*Wish*	The Cure	PolyGram
8	(7)	*Achtung Baby*	U2	PolyGram
9	(6)	*A Decade Of Aggression*	Slayer	PolyGram
10	(8)	*Up*	Right Said Fred	BMG-Ariola
11	(R)	*Joyride*	Roxette	EMI-Odeon
12	(N)	*Badmotorfinger*	Soundgarden	PolyGram
13	(5)	*Facelift*	Alice In Chains	Sony
14	(N)	*Rush*	Eric Clapton	Warner
15	(19)	*Slave To The Grind*	Skid Row	Warner
16	(15)	*Prove You Wrong*	Prong	Sony
17	(N)	*Os Mantras*	Homem De Bem	BMG-Ariola
18	(R)	*Circuladô De Fulô*	Caetano Veloso	PolyGram
19	(N)	*Diva*	Annie Lennox	BMG-Ariola
20	(N)	*Magic And Loss*	Lou Reed	Warner

[illegible]

1	*Some Gave All*	Billy Ray Cyrus	Mercury
2	*Totally Krossed Out*	Kris Kross	Ruffhouse/Columbia
3	*Blood Sugar Sex Magik*	Red Hot Chili Peppers	Warner
4	*The Southern Harmony And Musical Company*	Black Crowes	Def American
5	*Adrenalize*	Def Leppard	Mercury
6	*Ten*	Pearl Jam	Epic
7	*Ropin' The Wind*	Garth Brooks	Liberty
8	*Classic Queen*	Queen	Hollywood/Elektra
9	*Mack Daddy*	Sir Mix-A-Lot	Def American
10	*Greatest Hits*	ZZ Top	Warner

[illegible]

1	"Jump"	Kris Kross	Ruffhouse/Columbia
2	"I'll Be There"	Mariah Carey	Columbia
3	"Under The Bridge"	Red Hot Chili Peppers	Warner
4	"Baby Got Back"	Sir Mix-A-Lot	Def American
5	"My Lovin' (You're Never Gonna Get It)"	En Vogue	East West
6	"Damn I Wish I Was Your Lover"	Sophie B. Hawkins	Columbia
7	"Love And Learn"	Joe Public	Columbia
8	"If You Asked Me To"	Celine Dion	Epic
9	"In The Closet"	Michael Jackson	Epic
10	"The Best Things In Life Are Free"	Luther Vandross and Janet Jackson	Perspective

[illegible]

1	*Honey's Dead*	Jesus And Mary Chain	Def American
2	*Wish*	Cure	Fiction/Elektra
3	*Nonsuch*	XTC	Geffen
4	*Between 10th And 11th*	Charlatans	UK RCA
5	*Cracker*	Virgin	

[illegible]

1	*Back To Front*	Lionel Richie	Motown
2	*Live At Wembley 1986*	Queen	Parlophone
3	*Michael Ball*		Polydor
4	*Up*	Right Said Fred	Tug
5	*Stars*	Simply Red	East West
6	*Hormonally Yours*	Shakespeare's Sister	London
7	*Greatest Hits*	Alexander O Neal	Tabu
8	*Diva*	Annie Lennox	RCA
9	*Greatest Hits*	Squeeze	A&M
10	*The Commitments*	Trilha Sonora	MCA

[illegible]

1	"Please Don't Go"	KWS	Network
2	"Jump"	Kris Kross	Ruffhouse
3	"Everything About You"	Ugly Kid Joe	Mercury
4	"Knockin' On Heaven's Door"	Guns N'Roses	Geffen
5	"Hazard"	Richard Marx	Capitol
6	"Friday I'm In Love"	Cure	Fiction
7	"On A Ragga Tip"	SL2	XL
8	"My Lovin' (You're Never Gonna Get It)"	En Vogue	East West
9	"Something Good"	Utah Saints	Fire
10	"Midlife Crisis"	Faith No More	Slash

[illegible]

1	*Henry's Dream*	Nick Cave	Mute
2	*Slanted & Enchanted*	Pavement	Big Cat
3	*Dry*	PJ Harvey	Too Pure
4	*Dial Square*	Midway Still	Roughneck
5	*Virus 100*	Vários	Alternative Tentacles

Leitor! Sua participação é importante! Escreva para "BIZZ — *Parada Dos Leitores*", Av. Nações Unidas, 5777 CEP 05479, São Paulo, SP, dizendo quais os discos que você comprou este mês. Se possível, acrescente seu telefone para que voltemos a consulta-lo quando necessário.

Fontes: *Cash Box* e *Billboard* (EUA), de 30 05 92 a 13 06 92, *Melody Maker*, *New Musical Express* e *Music Week* (GB), de 23 05 92 a 6 06 92. Para a *Parada Dos Leitores*, foram consideradas as cartas recebidas até 15 06 92.

Lojas consultadas: Câmbio Negro e Cogumelo Discos (Belo Horizonte), Pop Som e Multisom (Porto Alegre), Modern Sound, New Sound e Sub Som (Rio de Janeiro), Temptation Discos e Jukebox (Curitiba), 220 Volts (Campinas), Baratos Afins, Bossa Nova, Musical Box, Wop Bop e Woodstock Disco (São Paulo), em 15 06 92.

LETRAS

RAPSÓDIA BOÊMIA
(Freddy Mercury)

Is this the real life ?	*Isso é a vida real ?*
is this just fantasy ?	*ou so fantasia ?*
caught in a landslide	*pego numa avalanche*
no escape from reality	*não há fuga da realidade*
open your eyes	*abra seus olhos*
look up to the skies and see	*olhe para os ceus e veja*
I'm just a poor boy, I need no sympathy	*sou apenas um rapaz pobre, nao preciso de simpatia*
because I'm easy come, easy go	*porque venho facil e vou facil*
little high, little low	*um pouco mais alto, um pouco mais baixo*
anyway the wind blows	*qualquer direçao que sopre o vento*
doesn't really matter to me	*realmente não importa para mim*
to me	*para mim*
Mama, just a killed a man	*Mãe, acabo de matar um homem*
put a gun against his head	*pus o revolver na sua cabeça*
pulled my trigger, now he's dead	*puxei o gatilho e agora ele esta morto*
mama, life had just begun	*mãe, a vida tinha acabado de começar*
but now I've gone and thrown it all away	*mas agora eu a joguei fora*
mama, oooo, didn't mean to make you cry	*mãe, oooo não quis te fazer chorar*
if I'm not back again this time tomorrow	*se eu não estiver de volta amanhã, a essa hora*
carry on, carry on, as if nothing really matters	*continue, continue, como se nada importasse*
Too late, my time has come	*Tarde demais, minha hora chegou*
send shivers down my spine	*dá arrepios na espinha*
body's aching all the time	*o corpo doi o tempo todo*
goodbye everybody, I've got to go	*adeus a todos, tenho de ir*
gotta leave you all behind and face the thruth	*deixar todos vocês para tras e encarar a verdade*
mama, oooo	*mae, oooo*
I don't want to die	*nao quero morrer*
I sometimes wish I'd never been born at all	*as vezes queria nem ter nascido*
I see a little silhouetto of a man	*Vejo a pequena silhueta de um homem*
scaramouche, scaramouche	*scaramouche, scaramouche*
will you do the fandango ?	*você vai dançar o fandango ?*
thunderbolt and lightning	*trovão e raio*
very very frightening me	*me assustam demais*
Galileo, Galileo	*Galileu, Galileu,*
Galileo, Galileo	*Galileu, Galileu,*
Galileo Figaro — Magnifico	*Galileu, Figaro — Magnifico*
But I m just a poor boy and nobody loves me	*Mas sou apenas um garoto pobre e ninguem me ama*
he's just a poor boy from a poor family	*ele é apenas um garoto pobre de uma familia pobre*
spare him his life of this monstrosity	*poupe sua vida desta monstruosidade*
easy come easy go, will you let me go	*facil vem facil vai, me deixe ir*
Bismillah!	*Bismillah!*
No, we will not let you go — let him go	*Não, não vamos deixá-lo ir — deixem-no ir*
Bismillah!	*Bismillah!*
We will not let you go — let him go (2x)	*Nao vamos deixa-lo ir — deixem-no ir (2x)*
We will not let you go — let me go (2x)	*não vamos deixa-lo ir — me deixe ir (2x)*
No, no, no, no, no, no, no	*Não, não, não, não, não, não, não*
Mama mia, mama mia, mama mia let me go	*Mama mia, mama mia, mama mia, me deixem ir*
Beelzebu has a devil put aside for me	*Belzebu tem um demônio reservado para mim*
for me, for me	*para mim, para mim*
So you think you can stone me	*Entao você acha que pode me apedrejar*
and spit in my eye	*e cuspir no meu olho*
so you think you can love me	*entao você acha que pode me amar*
and leave me to die	*e me deixar para morrer*
oh baby, can't do this to me baby	*oh baby, você não pode me fazer isso baby*
just gotta get out —	*só tenho que cair fora —*
just gotta get right outta here	*só tenho que cair fora já daqui*
Nothing really matters	*Nada realmente importa*
anyone can see	*qualquer um pode ver*
nothing really matters	*nada realmente importa*
nothing really matters to me	*nada realmente importa para mim*
Anyway the wind blows	*Qualquer direçao que o vento sopre*

Trident Music EMI Music Publishing Ltd (Direitos cedidos para o Brasil a EMI Odeon PIE Ltda — Divisão Ta p

Queen

BOHEMIAN RHAPSODY

EDITORA AZUL

NOSSAS PUBLICAÇOES

BIZZ
Rock, Pop Comportamento

LETRAS TRADUZIDAS
Fotos e Letras Traduzidas

FAMA
Musica e idolos

FLUIR
Surf

BOA FORMA
Ginastica, Esporte e Saude

SAUDE E VITAL
Prevençao e Saude

CARICIA
Comportamento Jovem

HOROSCOPO
Astrologia - Esoterismo

SET
Cinema e Video

SET-1000 VIDEOS
Seleçao dos Melhores Videos

AÇAO GAMES
O Mundo dos Games

CONTIGO
Atualidades - TV

SEMANARIO
Variedades

SOM SERTANEJO
Musica Sertaneja

NOSSOS ENDEREÇOS

Sao Paulo
Redaçao e Correspondencia av Naçoes Unidas 5777 CEP 05479900 Tel (011) 211-7866 Telegramas Editabril Abrilpress
Rio de Janeiro
Rua Marechal Camara, 160 - 15 andar s 1533 34 CEP 20020 Tel (021) 532-0313 Telex (021) 36890 Fax (021) 532-1486
Los Angeles (EUA)
1840 N Beverly Glen Dr 90077 Phone (213 474 7851
Nova York: Lincoln Building, 60 East 42nd Street Suite 3403 New York N Y 10165 Phone (001212) 557-5990 5993 Telex (00) 237670 FAX (001212) 983-0972
Paris: 33 rue de Miromesnil, 75008 Paris Phone (00331) 42 66 31 18 Telex (0042) 660731 ABRIL PA FAX (00331) 42 66 13 99
PUBLICIDADE
Sao Paulo: Av Brig Faria Lima, 1541 16º andar CEP 01451, Fone (011) 814-7211, FAX (011) 212-0664
Brasilia-DF: Espaço Com. Integrada e Cons Ltda Fones (061) 223 2134 226-3644 FAX
Belo Horizonte: M A M Public e Repres Ltda rua Timbiras 1560 conj 1904 Ed City Center, CEP 30140 Fone (031) 224-9534, FAX (031) 226 2059
Regiao Sul: Print Sul - Av da Azenha, 1502, cj 206 CEP 90060 Fone e FAX (051) 223-9528 Porto Alegre - RS (0482) 44-8224 Florianopolis - (0474) 33 6186 - Joinville - SC, (041) 234 0439 Curitiba PR

BIZZ
EDITORA AZUL

ÀS SUAS ORDENS.

A Editora Azul, como empresa do Grupo Abril, mantém uma Central de Atendimento pronta a resolver qualquer dúvida e prestar esclarecimentos sobre sua assinatura. Estamos à sua inteira disposição para lhe oferecer sempre o melhor atendimento

CENTRAL DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE

Ligue das 8h às 18h para:

Belo Horizonte - Tel (031) 226-7007
Brasília - Tel (061) 321-8855
Curitiba - Tel (041) 252-5566
Florianópolis - Tel. (0482) 23-7598
Fortaleza - Tel (085) 244-1566
Porto Alegre - Tel. (051) 229-4177
Recife - Tel. (081) 424-1655
Rio de Janeiro - Tel (021) 295-5544
Salvador - Tel (071) 371-5577
São Paulo - Tel (011) 823-9222

Ou escreva para:

Editora Abril
Assinaturas
Rua do Curtume, 769 - CEP 05065 - São Paulo - SP

Em caso de mudança de endereço, utilize um dos telefones acima ou envie este cupom.

Preencha todos os dados deste Pedido de Alteração, coloque-o num envelope e envie-nos. Através dele você pode alterar de uma única vez o endereço de todas as revistas que assina. Os exemplares começarão a chegar em seu novo endereço 4 a 6 semanas após recebermos o seu pedido.

BIZZ-81

COMO ALTERAR SEU ENDEREÇO

Cole aqui sua etiqueta de endereçamento anterior ou escreva seu código de assinante e seu nome.

Nome _____

Código de assinante |_|_|_|_|_|_|_|_|

Atenção: você encontra seu código de assinante na etiqueta de endereçamento de suas revistas

Novo endereço _____

Bairro _____ CEP _____

Cidade _____ Estado ____ Tel. _____

Revistas que você quer receber neste novo endereço:

EDITORA AZUL

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

BIZZ

Diretor de Divisao: Carlos C. Arruda

REDAÇAO

Diretor: Jose Augusto Lemos
Redator-Chefe: Andre Forastieri
Editor: Celso de Salles Pucci
Editor-Assistente: Camilo Rocha
Editor de Arte: Richard Kovat
Reporter: Carlos Eduardo Miranda
Coordenador de Producao: Marcos [illegible]
Chefe de Arte: Mara Antonia de Azevedo
Diagramador Senior: [illegible]
Diagramador: Antonio Fernando Moura
Colaboradores — Textos: Andre Barcinski, Arthur G. Cruz, Duarte, Beto Guimaraes, Carolina Overmeer (Assistente de Edçao do Suplemento *The Best Of Bizz*), [illegible], Fe, Otto, Fabio Massari, Gilson Monteiro da Rosa, [illegible], Lo, lo Nogueira, Israel do Vale Neto, Jean Yves, Nevs, [illegible], Julio do Espirito Santo, Luis Claudio S. Gu, [illegible], Fonino, Marisa Adan Gil, Mauro Borges, Neusa M.P. de Oliveira. **Fotografia:** Ricardo Siqueira, Rui Mendes, Priscila Farias. **Arte:** Adilson Rielo. **Correspondente (Londres):** Anamaria G. de Lemos.

PUBLICIDADE

Contato: Silvia Lima
RJ-Contato: Lucia Camarate
Coordenador: Jose Soares A. Santos

COMERCIAL

Diretora: Vera Helena Miranda Gomes
Gerente de Produto: Andre Felipe D'Amato
Gerente de Promoçoes: Fabio Bueno

EDITORA AZUL

PUBLICIDADE
Diretor do Rio de Janeiro: Eduardo Rosa
COMUNICAÇAO.
Diretor: Rogerio Rabiet
SERVIÇOS EDITORIAIS
Azul Press-Gerente: Benjamin S. Gonçalves
Estudio Fotografico-Gerente: Fabio Cabral
Abril Press-Gerente: Judith Baroni
Dpto. de Documentaçao-Gerente: Suzana Camargo
Correspondentes (Los Angeles): Ana Maria Bahiana, Jose Emilio Rondeau
Diretor Administrativo e Financeiro: Pedro Fraza
Diretora Responsavel: Liege de Lima Dona Castelli

BIZZ 84 e uma publicaçao mensal da Editora Azul S.A. **Sao Paulo - Redaçao e Correspondencia.** Av. Naçoes Unidas 5777 tel. (011) 211-7866 CEP 05479900 Caixa Postal 66254 CEP 05389 Telex (011) 83178 Fax (011) 813-9115 **Telegramas:** Editabril Abrilpress. **Rio de Janeiro:** R. Marechal Camara 160 - 15º andar S. 1533 34 CEP 20020 Tel. (021) [illegible] 0313 Telex (021) 36890 Fax (021) 532-1486 Telegramas Editabril Abrilpress. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim das Publicaçoes Lda. Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Felais 2685 Camarate Lisboa. **Assinaturas:** valor da capa multiplicado pelo numero de ediçoes anuais. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicaçao que a interrupçao na entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o proprio assinante, implicara a restituiçao em cruzeiros, da parte do preço total paga antecipadamente e correspondente aos exemplares que nao forem entregues, devidamente corrigido de acordo com as disposiçoes legais em vigor sobre a materia. Ao fazer sua assinatura, exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal. Com sua assinatura, seu nome e automaticamente incluido no cadastro da Editora Abril, o que podera ser cedido a empresas idoneas para fins unicamente de divulgaçao e promoçao de seus produtos, que julgamos ser de seu interesse. Caso nao queira fazer parte desse cadastro, entre em contato com uma das Centrais de Atendimento ao Assinante, cujos telefones constam desta revista. **Data de circulaçao: julho 92. Numeros atrasados:** ao preço da ultima ediçao em banca, por intermedio de seu jornaleiro ou no distribuidor das publicaçoes Abril de sua cidade. Distribuida com exclusividade em todo o pais pela D.N.A.P. - Distribuidora Nacional de Publicaçoes, Sao Paulo. **Serviço ao Assinante:** tel. (011) 823-9222

ANER

Fotolito: Fotoline Ltda.
IMPRESSA NA DIVISAO GRAFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

CARTAS

MELHORES DE 91

Acabei de crer que quem lê BIZZ não sabe o que é música. Eleger Engenheiros na frente de Barão e Titãs, Guns N'Roses melhor grupo e Axl "Mauricio" Rosa melhor vocalista é muita piada, eu não agüento. Será que vocês nunca escutaram Stones, Led, The Who, Purple? Acho que não. Vocês preferem Engenheiros, GN'R e, de quebra, uma dance music.

Paul Jackson
Belo Horizonte MG

Novamente os leitores tiveram razão e escolheram o melhor de 91: valeu, Legião! Só faltou a edição dupla dos anos anteriores...

Francisco Camilo Oliveira
Leme SP

Pô, até que vocês da crítica se recuperaram a tempo e se ligaram no Nirvana, tanto na edição de março como na votação dos Melhores de 91. Porque nós, os leitores, como de costume, fizemos besteira. Tudo bem que o Nirvana só tenha estourado lá fora no final do ano, mas será que isso justifica a eleição do Guns como melhor banda? P.Q.P.! O Guns até que é legal, mas será que não tem mesmo nada melhor? Diz aí, Robin: SANTA ALIENAÇÃO!

Vem cá, e o Faith No More? Alguem aí pode me dizer o que eles fizeram de novo para merecer terceira melhor banda? Diz aí, Robin: SANTA BURRICE!

"Pensa Em Mim"? "Saia De Mim", isso sim! Porra, vão avacalhar a revista da sogra! Diz aí, Robin: SANTA PALHAÇADA!

Apesar disso, a BIZZ ainda é superlegal. Continuem com a diversificação de estilos musicais *and good luck!*

Aleixo S. Guedes
Santa Maria RS

Chega a minha BIZZ e, quando vou ler o resultado dos Melhores de 91, *que susto!* Realmente, todos que se dizem roqueiros são uns babacas, roqueiros de FM que gostam da banda da baleia branca e, ao mesmo tempo, da merda da dance music.

Esses carinhas, junto com as meninas que só olham a beleza dos componentes das bandas, compraram de monte as cédulas de votação e (1) elegeram Guns N'Roses na frente do R.E.M. como melhor grupo, (2) por pouco "Losing My Religion" não perde, (3) colocam a pilantragem do *Use Your Illusion II* na frente de *Out Of Time*, (4) elegem a galinha esganiçada o melhor vocalista.

Chega! Vamos preservar o verdadeiro rock'n'roll!

Viva Stones! Viva Led! Viva U2! Viva Smiths! Viva Clash!

Paulo Rogério M. de Lima
Recife PE

Compro a revista desde o número zero, tenho toda a coleção e sinceramente acho — principalmente com as evoluções editoriais iniciadas em julho 89, com o Prince na capa — que a BIZZ está no nível da *Rolling Stone*, outra revista da qual sou leitor assíduo.

Já há algum tempo, mais precisamente desde os resultados dos Melhores de 87, venho percebendo que o bom gosto, a inteligência e a clareza de pensamento não eram características muito constantes na opinião dos leitores. Mas não era nada muito agressivo... até a votação dos Melhores de 91. O que foi expresso sob a alcunha de "votação dos leitores" é um crime contra o bom gosto e, principalmente, contra o bom senso.

Vamos por partes: melhor banda, Legião Urbana?! O Sr. Renato "Mamãe Eu Quero Ser Morrissey Quando Crescer" Russo não merece nem nunca mereceu desbancar o real rock'n'roll do Barão nem o som poderosissimo do Sepultura. Fico com a crítica, que nem os incluiu entre os dez primeiros.

Melhor banda internacional, Guns N'Roses?! Sou mais os leitores da *Rolling Stone*, que os elegeram a PIOR.

Melhor música, "Teatro Dos Vampiros"?! Parabéns novamente à crítica, que ignorou a estupidez, a falta de conteúdo e o excesso de pretensão das letras do Sr. Russo. Melhor LP é *V*, da Legião?! *What about* Marcelo Nova, Sepultura, DeFalla?

Os melhores vocalistas, na opinião dos leitores, são Renato Russo e Axl Rose. É irritante como o público se mantém unânime entre esses dois.

Novamente a crítica acerta em letrista com Morrissey em quinto lugar, mesmo sem ter lançado LP (*Kill Uncle* é de 90) deve ser lembrado eternamente em todas as listas de melhor letrista.

Nos melhores instrumentistas, principalmente por não ser voto dos leitores, no internacional ficou perfeito. Discordo, porém, que os Paralamas sejam os melhores do Brasil. Uma primeira audição completa de *Os Grãos* já pode desmentir.

Fico por aqui, deixando minhas congratulações à crítica e minha repulsa aos leitores, me sentindo cada vez mais leitor da *Rolling Stone* que da BIZZ.

Jardel Sebba Filho
Rio de Janeiro RJ

Querida, amada, adorada, idolatrada razão de nossas vidas, BIZZ. Nossos parabéns por mais um ano colocando os cornos mansos conformados entre os dois primeiros colocados em Melhor Música Nacional (se fosse "Pior", nós até concordaríamos) na revista que se diz de rock: "O Rock Viaja de BIZZ". Quem quiser ver esses queridos que vá comprar *Som Sertanejo* ou *Fama*. Bem, estamos levando na esportiva porque só pode ser gozação (ou a Continental pagou vocês?) Mas, se continuar assim, na próxima não será apenas Melhor Música e sim Melhor LP, Vocalista...

Quanto a essas notas de cem cruzeiros, é uma esmolinha para vocês no ano que vem não economizarem papel para os Melhores de 92.

Ana e Ondina
São João da Boa Vista SP

AS TARAS DE MIKE PATTON

Vocês são foda! Onde já se viu publicar uma matéria como esta, "As Taras Secretas de Mike Patton". Tinha acabado de almoçar... Não deu para segurar: fui correndo para o banheiro (chamar o Hugo)

Ricardo Marcelo Dias
São Paulo SP

Vocês estão de parabéns! A BIZZ de maio estava demais! A começar pela capa, é claro! Mike Patton é com certeza o "homem das mil faces". Não, mil faces é pouco. Será que umas duzentas seria exagero? Seja como for, exagero ou não, ele é demais. Demais também foi a entrevista com o FNM é claro, as "taras secretas" de Mike Patton. Horripilantes, não?

Monica Magali Bandeira
Santo André SP

Já faz uns três anos que compro a BIZZ, pois acho que é a melhor revista sobre música do país. Agora, a capa do mês de maio está simplesmente horrível. Tenho vergonha de colocá-la no meu porta-revistas. Vou continuar a comprar a revista BIZZ porque é ainda a melhor, só que essa capa

Rodier Ranchbach
Curitiba PR

Neste mês de maio, a BIZZ nos brindou com uma das piores edições de sua existência, e não foi uma matéria ou outra, a revista toda está literalmente horrível, e olha que eu não estou mal-humorado e só vendo o lado careta da coisa, mesmo porque achei as últimas edições excelentes. Vocês tentaram radicalizar demais e ficou bobo, antipático. Tudo em demasia fica chato, besta demais, e como quem cala consente eu resolvi escrever e dar a minha opinião.

A baboseira começa pela capa com Mike Patton, e eu nem preciso dizer por quê. No *ShowBizz*, um relato imbecil de Axl Rose sobre seus traumas de infância foi copiado da *Rolling Stone*, mas é digno da *Contigo*. E com seu oportunismo infantil, a BIZZ publicou as frases mais idiotas de Bono Vox de porre. O José Emílio Rondeau desperdiçou papel, tempo e a nossa paciência naquele texto babaca e repulsivo sobre o Michael Jackson. No *Fast Forward*, duas matérias e fotos que não querem dizer absolutamente nada. ARGH!!! Depois do industrial (?!) Prong, vem a entrevista com o Faith No More que culmina naquela coisa impublicável assinada pelo João Gordo, que de radical só tem a barriga, é o tipo da coisa que não interessa a ninguem. Me

admira a BIZZ publicar uma porcaria dessas, para mim de uma infantilidade incrível, e com chamada de capa ainda por cima. As "taras" de Mike Patton só interessam a ele, ao João Gordo e a caras metidos a fudidões. A matéria com Clivillés e Cole saiu em papel-jornal, ainda bem, porque dado o seu conteúdo e a sua importância é só arrancar e levar para o banheiro. Depois da razoável entrevista com Eric Clapton e da minúscula matéria sobre Bruce Springsteen, os burgueses têm os endereços do underground americano para gastar a grana que o papai deu. No *Ao Vivo*, Ana Maria G. de Lemos não gostou do show dos Chili Peppers porque os caras estavam gripados!! (e os trouxas aqui doidos para ver o show!). Depois de babar ovo em cima do Chic na seção *Dance Music*, o Camilo Rocha voltou à carga na seção *Discos:* tudo bem, eles foram os maiorais, só que Earth, Wind & Fire, Imagination, Brass Construction e Tom Tom Club também foram, e o pior é que ele diz que o Clash na sua época era a única banda de rock de atitude: vindo dele isso é uma piada. Para fechar com chave de ouro, uma seção de cartas escrota, em que uma simples crítica vira uma discussão enorme, e aquele "Auxílio Luxuoso" só serve para gozar o André Forastieri.

Para não dizer que eu não gostei de nada, ironicamente, eu gostei da contracapa e da letra do Alice In Chains, que resume bem o estado dessa edição: "I'm the man in the box, buried in my... BIZZ!!!"

Oberdã da Silva
São Paulo SP

Acabei de ler a última edição e realmente ela estava muito boa. Aliás, acho que o Gordo deveria ser incorporado ao *staff* da revista, pois seu texto estava ótimo, já li umas nove vezes. É pena que a recessão esteja obrigando a diminuição das páginas. De qualquer forma, antes isso do que o cancelamento do título, mas como as matérias estão ótimas ainda eu não tenho do que reclamar.

O livro do Barcinski estava ótimo. Só acho que a BIZZ sacaneou com a gente ao publicar de antemão alguns trechos (os melhores, diga-se de passagem) do já histórico artefato. Agora, que tal vocês darem uma averiguada no cenário inglês? Bandas como My Bloody Valentine, Levitation, Lush, Ride e tantos outros dariam outra matéria nota 10.

Leandro A.P. Saueia
Santos SP

S-a-c-a-n-e-o-u! É, não dá para agradar a todos, mesmo... Mas a matéria de rock inglês estava na edição passada, Leandro.

Esperei até a edição de maio da BIZZ chegar a minha cidade para mandar esta carta. Ainda tinha esperança de que a matéria de capa trouxesse Lou Reed, ou pelo menos falasse com um pouco mais de inteligência e profundidade sobre o sensacional *Magic And Loss*. Espera em vão. Além de não trazer o "poeta maldito", BIZZ vinha com uma capa, podemos dizer, ridícula, que trazia a imagem feminina do líder do FNM. Então, repare no meu drama: esperava Lou Reed e recebi de BIZZ os seios de Mike Patton, com direito à infância de Axl Rose e aos reis (?!) C+C. E, com isso tudo, me pergunto, sem o mínimo amor-próprio: o que a BIZZ estaria esperando para uma matéria com ele? Será que esperava a proliferação de seus fãs-clubes, com posterior venda gigantesca de suas revistas, com posterior lucro para seus cofres? Teria a BIZZ, revista séria, caído na tentação de alguns exemplares a mais?

Prefiro não acreditar em mim mesmo e crer que a BIZZ está esperando um momento melhor (*New York*, *Songs For Drella* e *Magic And Loss* foram péssimas oportunidades) para homenageá-lo. Homenagear Lou Reed, homenagear o bom Rock'n'Roll e, principalmente, homenagear seus leitores, já cansados de Guns N'Roses e R.E.M.

Samarone Rebechi
Caxias do Sul RS

Desde o número um de BIZZ tentamos uma entrevista exclusiva com Lou Reed. Com o lançamento de Magic And Loss, *voltamos à carga. Mas, caso você não saiba, ele sofre de alergia a jornalistas e concede raríssimas entrevistas. Por outro lado, demos discos dele e do Velvet Underground na* Discoteca Básica, *mais um histórico completo dos Velvets, além de comprarmos uma longa e excelente entrevista dele e de John Cale à* Musician, *pela ocasião do lançamento de* Songs For Drella. *Sua frustração é idêntica à nossa, Samarone, mas continuaremos tentando. Mas aguarde: a próxima edição tem o Grande Lou no* Ao Vivo.

FÁBIO FONSECA

Caros Senhores,

Nos últimos três anos trabalhei com os seguintes artistas como produtor: Cláudio Zoli, Fernanda Abreu, Marina Lima e Luis Melodia.

O produtor participa de todo o processo de um disco, começando pela escolha do repertório, passando pela pré-produção, gravação e finalmente a mixagem. Desta maneira ele é responsável ou, no mínimo, influencia no conceito, acabamento e resultado final deste disco.

Além de produtor, já trabalhei com vários artistas como arranjador, compositor ou tecladista, entre eles: Ed Motta, Paralamas do Sucesso, Eduardo Dusek etc.

Deve ficar claro que, não sendo eu o produtor, não cabe a mim a responsabilidade do conceito musical de um disco, portanto gostaria que fosse retificado o erro quando fui classificado como tal na crítica ao disco de Nanda Rossi, da gravadora PolyGram.

Obs.: Essa informação consta nos créditos e ficha técnica do referido disco.

Fabio Fonseca
Rio de Janeiro RJ

ERRATA

A leitora Maria Renata dos Santos Bueno telefonou avisando que saiu um erro na ficha do Oingo Boingo, publicada na BIZZ 76. A frase atribuída a Danny Elfman, dizendo que o Oingo era "um bando de artistas plásticos que virou uma banda", é na verdade um comentário de Danny sobre o Devo. Agradecimentos a Maria Renata, que é do fã-clube do Oingo Boingo *My Life* (tel. (011) 201-0762).

NA REVISTA
LETRAS
TRADUZIDAS
VOCÊ
ENCONTRA
O MELHOR
DO ROCK

EM FOTOS
ALUCINANTES

REVISTA
LETRAS
TRADUZIDAS
BIZZ

INCLUINDO:
• Mr. Big • Roy Orbison
• Alice in Chains

O ROCK FALANDO
A SUA LÍNGUA.

NAS BANCAS

QUEEN
A NIGHT AT THE OPERA (1975)

Rock como objeto de culto. Disco como conceito, grande arte. Foram desvios inesperados — e, pensando bem, um pouco ridículos — para um tipo de música desencanada que começou animando bailinhos *teen*.

Mas os anos 70 foram mesmo inesperados, e todo mundo que cresceu nessa época é meio esquisito. Não vejo a hora de elegermos nosso primeiro presidente da República... alguém que saiba quem é o Space Ghost e tenha sonhado com uma calça Topeka.

De qualquer forma: se essa pretensão roqueira toda se justificou alguma vez, foi na primeira metade dos 70. *Dark Side Of The Moon*, *Physical Graffiti*, *Ziggy Stardust* — naquela época gigantes caminhavam sobre a Terra, ou assim parecia.

Dentre esses inesqueciveis pedaços de plástico, nenhum alcançou a sobrevida de *A Night At The Opera*. Porque o Queen nunca parou de produzir, porque mudou de estilo, porque eles eram imensos no palco, porque Freddie Mercury foi o primeiro superastro a morrer de Aids, porque...

Principalmente, acho, pela variedade. *Opera* tem um pouco de tudo para todos. Metal cromado ("I'm In Love With My Car"), vingativo ("Death On Two Legs") e burro ("Sweet Lady", a coisa mais Kiss que o Kiss não fez). Brilhantes baladas: a alegrinha "You're My Best Friend", a quase country-épica "'39" e, *mama mia*, "Love Of My Life". Cabaré variado: "Seaside Rendezvous", "Good Company", "Lazing On A Sunday Afternoon". Um épico progressivo "viajante", "The Prophet's Song". E coisas indefiniveis e emocionantes, como a peça central do disco, "Bohemian Rhapsody".

Art rock era isso: tudo exagerado, ambicioso, superproduzido, bem escrito e incrivelmente bem tocado (*no synthethizers !*). Os quatro tocavam, cantavam, compunham. "You're My Best Friend" é de (e com) John Deacon, o baixista. "'39" e "Good Company", a mesma coisa com o guitarrista Brian May, "I'm In Love With My Car", idem com o baterista Roger Taylor. Sem falar em Freddie. Que banda em atividade hoje tem tanta gente talentosa ?

No Brasil, o "disco branco" do Queen marcou demais (o "preto", seguinte, é *A Day At The Races*; ambos os títulos tirados de filmes dos irmãos Marx). Junto com *News Of The World*, formavam a dupla tiro-e-queda de qualquer discoteca que se prezasse — porque Queen, naquela época e lugar, era sinônimo de rock; quem não gostava do Queen, boa gente não era.

E tinha boa gente pra caramba neste país — o suficiente para lotar o Morumbi, no primeiro megashow de rock a que o Brasil já assistiu. Não existiam telões, a trilha de *Flash Gordon* tinha acabado de sair, as garotas não usavam sutiã, os meninos usavam tênis All-Star e *todo mundo* sabia o repertório inteiro do show de cor.

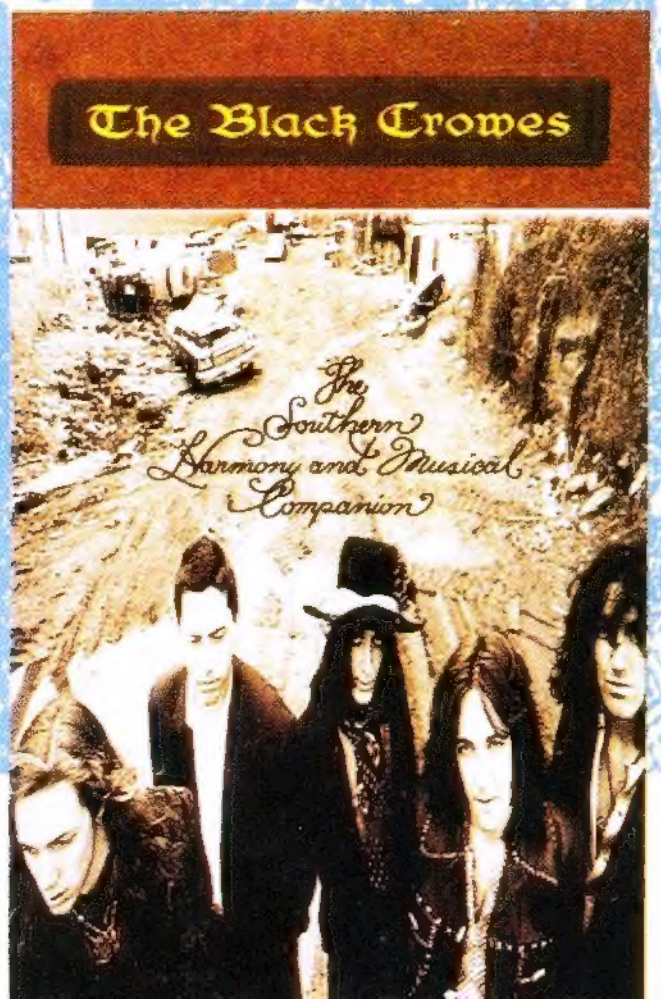
Nós éramos os campeões. *God Save The Queen*.

ANDRE FORASTIERI

Retna

The Black Crowes

The Southern Harmony and Musical Companion



PolyGram

CD • LP • KF

O FAITH NO MORE
VEIO, VIU E ATROPELOU.
E ESTÁ DE VOLTA!

CD, LP e K7
PolyGram

LONDON